

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23210

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 29 MARÇO 90 60\$00



Belém? Se for empurrado...

«Se for empurrado, vou mesmo», disse ontem ao DL o eurodeputado Francisco Lucas Pires, quando confrontado com os rumores de uma entrada sua na corrida a Belém, representando o eleitorado que não votou Mário Soares nas últimas eleições presidenciais. Esta manhã, o parlamentar centrista em Estrasburgo fez o elogio do actual Presidente da República, durante a cerimónia de doutoramento *honoris causa* do presidente alemão Richard von Weizsaecker pela Universidade de Coimbra. Pág. 5

Freitas do Amaral ao DL

PSD nunca teve ninguém capaz de candidatar a PR

«Em 1976 teve de apoiar o general Ramalho Eanes. Em 1980 teve de apoiar o general Soares Carneiro. Em 1985 teve de me apoiar a mim. E agora continua a não ter ninguém»

«A demissão pura e simples dos responsáveis pela Informação da RTP» seria uma das primeiras condições para o CDS entrar em qualquer coligação de Governo

Págs. 16 e 17



Anabela Loureiro

Chineses de Macau querem ter passaporte português

Milhares de chineses, residentes clandestinamente em Macau, reclamam documentação portuguesa para legalizarem a sua situação.

Nas últimas horas, um grande número de imigrantes naquele território conseguiu um talão de recenseamento,

podendo agora circular livremente em Macau. Este é o primeiro passo para a concessão de uma cédula de identificação policial que lhes garanta a permanência naquela região e para, mais tarde, poderem obter passaporte português. Pág. 6



**Assaltados
dois bancos
esta manhã
no Porto**
Pág. 15

**Municípios
querem ter
banco próprio**
Págs. 2, 3 e 4

**Vital Moreira
critica as Teses
para
o Congresso
do PCP**
Págs. 8 e 9

**Alberoni
e Carlos Gaspar
no Forum/DL**
Pág. 10

**Hoje:
Suplemento
Literário**



Lusa

Incidente num jogo de Incidentes Centro da direita, choque de cabeças entre José António e Mladenov, sangue nos dois atletas. É provável que o capitão azul (na foto: de frente) tenha visto as estrelas. O que garantimos é que, daí a instantes, quando a luz fugiu dos projectores do Bonfim, atletas e plateia ficaram apenas mirando céus escuros. Pág. 23

Julgado em Elvas

Condenado desertor da guerra colonial

O psicólogo luso-holandês Fernando Cunha, que em 1970 desertou antes do seu embarque para a Guiné, por se recusar a participar na guerra colonial (conforme relatámos na edição de ontem), foi hoje, ao princípio da tarde, condenado a oito meses de presídio militar, pelo Tribunal Militar de Elvas.

O acórdão perdoa a pena ao abrigo da última amnistia de 1986. A motivação política, alegada pelo réu, não foi considerada senão como atenuante.

No Congresso que começa amanhã em Cascais, a ANMP vai escarpelizar a difícil situação do poder local português. Uma história feita de aperto financeiro, também marcada por suspeitas de corrupção um pouco por todo o País

Municípios querem criar banco de desenvolvimento

GRANDE ANGULAR



Luís Monterroso é um dos proponentes da criação de uma agência financeira dos municípios

«O município está a meio caminho entre o Estado convencional e a sociedade civil organizada. É o mecanismo idóneo para promover a socialização política. Para isso convém... revalorizar culturalmente as incumbências do município e atribuir-lhe, proporcionalmente, mais recursos e não menos do que aos outros níveis.»

Jordi Borja, sociólogo espanhol

A criação de um banco de desenvolvimento local ou de uma agência financeira dos municípios constitui uma das mais arrojadas propostas a discutir no VI Congresso da Associação Nacional de Municípios que amanhã tem início em Cascais.

A hipótese é avançada por Luís Monterroso, presidente da Câmara da Nazaré, e Alípio Sol, ex-líder do executivo camarário de Oliveira do Bairro. Os dois autarcas, relatores do documento a discutir na secção «Atribuições, poderes e recursos das autarquias», consideram que «ou se cria, com a amplitude de funções que for necessária, a instituição bancária que satisfaça todas as necessidades» ou se opta por uma solução menos ambiciosa, «criando uma entidade que assuma apenas a componente de serviços técnico-financeiros».

Para Luís Monterroso e

Alípio Sol, a criação de um banco autárquico «clarificaria o funcionamento de todo o crédito e financiamento» neste domínio. Por outro lado, admitem que a opção pela agência permitiria potenciar a «força neogocial» dos municípios no campo financeiro.

A proposta representa, provavelmente, o primeiro passo objectivo da ANMP no sentido de estudar fórmulas de fazer face à situação difícil em que vivem os municípios portugueses. É que a pureza de intenções de Jordi Borja, ele próprio antigo autarca de Barcelona, talvez encontre correspondência na realidade... espanhola. Na portuguesa, o municipalismo que de tantas tradições se orgulha, ganhou um novo estatuto político após o 25 de Abril. Deixou de ser braço do poder central, mas não criou anticorpos face às tentações centralistas do Terreiro do Paço.

Estrangulamento financeiro

O panorama do poder local está longe de ser animador. A mesma mão que transfere competências, fecha-se, quando se trata de atribuir recursos. Ergue a bandeira da autonomia, mas não se inibe de engendrar uma lei da tutela em cujas malhas quer enredar o poder autárquico.

Grande parte das autar-

quias portuguesas está a braços com dramáticas situações de estrangulamento financeiro. O Fundo de Equilíbrio Financeiro, um instrumento previsto na Lei das Finanças Locais que constitui a única receita dos municípios proveniente do Orçamento de Estado, atingiu este ano os 128 400 milhões de contos, mas ficou aquém das expectativas.

Na ocasião, a ANMP queixou-se de que, embora aumentando em números absolutos, o FEF registou uma redução real de um por cento, tendo em conta a inflação prevista de 12,5 por cento. As críticas da Associação à proposta de Orçamento avançada pelo Governo foram bem mais vastas. Os autarcas denunciaram o facto de não prever quaisquer outras fontes de financiamento e levantaram a lebre de uma questão política bem mais delicada: a progressiva transferência de competências para o poder local, sem os correspondentes recursos.

Mais competências, os mesmos meios

Sem contrapartida financeira, as autarquias passaram recentemente a assumir responsabilidades na área da educação, sobretudo no domínio das construções escolares e do transporte de alunos. Paralelamente, os municípios também não fo-

ram compensados de certas isenções de impostos, a cujo produto tinham direito. São os casos da sisa, receita municipal desde 1987, e da contribuição autárquica, para citar apenas alguns.

Por outro lado, os municípios têm vindo a reclamar, sem qualquer êxito, a necessidade de rever o regime de liquidação das derramas, que, na sua óptica deverá ser proporcional ao rendimento gerado na área geográfica de cada um deles. Em causa está o facto de grande parte das receitas provenientes desta taxa serem canalizadas para os cofres dos municípios onde as empresas têm a sua sede social, enquanto os limites sofrem os efeitos da sua actividade. Não menos complexa se afigura a propalada questão da dívida à EDP. O problema arrastava-se desde o período das nacionalizações, em 1975, quando foi retirado às câmaras o direito de distribuição de energia eléctrica de baixa tensão. De então para cá, jamais foi feita uma avaliação global do património. A controvérsia em torno das dívidas ganhou maior acuidade há alguns meses, quando a EDP ameaçou deixar diversos municípios às escuras. A ANMP, que reclamara insistentemente o diálogo e chegara a estabelecer pontes de entendimento com a empresa, viu perdida mais uma batalha

Ordenamento do Território: dois anos para responder ao desafio

Com o Mercado Interno de 1993 à porta, o planeamento e ordenamento do território tornou-se uma das mais importantes questões políticas. Os municípios são parte interessada e, ao mesmo tempo, componente essencial à sua concretização. A verdade é que o tempo urge e muito há ainda a fazer no sentido de preparar o País para o «grande desafio» que enche as páginas dos discursos políticos.

Em Portugal os instrumentos de ordenamento do território são vários, abrangendo questões como a reserva agrícola e ecológica, os loteamentos urbanos, os solos. Os mais importantes são, porventura, os planos municipais e, de entre eles, os planos Directores Municipais (PDM), a elaborar pelas autarquias.

Há alguns anos, o Governo lançou o repto e, paralelamente, uma discreta «ameaça»: os municípios que até final de 92 não apresentarem Planos Directores ficarão privados do «maná» comunitário, os fundos de que precisam como de pão para a boca.

As exigências legais neste domínio não criaram, porém, condições para

que o processo avançasse. Até à data, apenas quatro municípios apresentaram PDM: Mora, Oliveira do Bairro, Ponte de Sor e Évora.

Em Março passado, o Governo empreendeu finalmente a revisão da legislação. O novo decreto-lei, que concentra os diversos planos municipais de ordenamento do território (Planos Directores, de urbanização e de pormenor) tem como objectivo simplificar os processos de ratificação. São eliminadas, por exemplo, as comissões de acompanhamento ligadas às comissões de coordenação regional, e criadas comissões técnicas.

Cem vezes mais em dois anos

A ANMP mantém, a este respeito, uma posição crítica. Considera que a nova legislação não elimina «formas de intervenção tutelar de duvidosa constitucionalidade». Esta mesma tese é reafirmada por Abílio Fernandes que no congresso deste fim-de-semana apresenta um relatório sobre planeamento e ordenamento do território.

O autarca comunista, líder da

Câmara de Évora, uma das poucas que já viu ratificado o seu Plano Director Municipal, considera «inaceitável» a ameaça do Governo de impedir o acesso a fundos comunitários e garante ser «impossível fazer em dois anos cem vezes mais do que se fez em sete».

É ainda prematuro avaliar os efeitos do diploma de 2 de Março. A verdade, porém, é que os PDM continuam a andar a passo de caracol. Segundo informações recolhidas pelo «DL» junto da Secretaria de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território, estão em marcha apenas os processos relativos a cerca de 130 municípios.

Sines poderá ser o próximo a ratificar o Plano Director, enquanto o Porto deverá converter o seu Plano-Geral de Urbanização em PDM, solução possível em face da quase inexistência de zona rural no concelho. Quatro municípios da Zona do Pinhal, na Beira Baixa - Sertã, Oleiros, Proença-a-Nova e Vila de Rei - decidiram unir esforços no sentido de elaborar um PDM conjunto.



Abílio Fernandes vai apresentar um relatório sobre o planeamento e ordenamento do território



Os autarcas continuam a aguardar que a regionalização deixe de ser palavra vã

quando o Governo, no ano passado, adoptou uma «solução administrativa». Nada menos que a retenção de receitas municipais: até 50 por cento da receita da sisa e dez por cento do FEF, consoante os casos. A EDP não está, neste momento, na disposição de reabrir uma guerra que parece estar em vias de resolução de uma forma mais «discreta». Segundo uma fonte da empresa, decorrem negociações entre a EDP e as autarquias devedoras, sem intervenção da tutela.

A mais dura derrota política da Associação de Municípios terá sido, no entanto, a Lei da Tutela Administrativa. A ANMP não se

cansou de denunciar o facto de a nova legislação conceder ao Governo a possibilidade de aplicar sanções de carácter administrativo, mas as suas posições nem em Belém foram ouvidas. Na nova lei, a decisão de perda de mandato autárquico é atribuída aos tribunais administrativos de círculo, mas a dissolução de órgãos cabe ao Executivo. É concedida, por outro lado, a tomada de iniciativas de intervenção tutelar aos governadores civis, uma solução que contou sempre com a oposição da ANMP.

O primeiro autarca a sofrer os efeitos das alterações legais neste domínio foi pre-

cisamente Luís Monterroso, a contas com acusações de desvios de fundos comunitários. Falhada a intenção de lhe retirar o tapete, o presidente da Câmara da Nazaré respondeu precisamente fazendo votar a perda de mandato de dois vereadores. Por entre a polémica em torno do recurso ou não à nova lei, o processo parece ainda em condições de fazer correr muita tinta.

A verdade nua e crua é que o mundo autárquico também é feito de muitas «impurezas». Não faltam suspeitas de corrupção, que por vezes recaem sobre autarcas que se recandidatam e triunfam nas urnas. O caso de An-

tónio Cerqueira, de Vila Verde, actualmente em apreciação nos tribunais, é a este respeito elucidativo. Não é por acaso que a Inspeção-Geral de Administração do Território está a analisar neste momento mais de 50 inquéritos, alguns dos quais encerram material «quente».

O socialista Mário de Almeida, que por obra da vitória do PS nas eleições de Dezembro passado vai suceder a Torres Pereira, terá também de contar com esta realidade. Por mais diálogo que deseje protagonizar com a administração central, como afirma na entrevista que publicamos na página.

Paulo Martins

Regionalização em ponto morto

Explícita ou implicitamente, a problemática da regionalização vai estar presente neste VI Congresso da ANMP. A velha cruzada pela criação das regiões administrativas, em que se empenhou a Associação e diversas forças políticas, parecia à beira de ter êxito há um ano, pouco antes das eleições europeias. Uma súbita intervenção de Cavaco Silva travou então o processo, adiando-o para as «calendas gregas», precisamente em nome da integração na Europa da CEE, cujas instituições a reclamam.

A regionalização saíra das manchetes um ano antes, em Maio, quando foram aprovados no plenário da Assembleia da República os diversos projectos de Lei-Quadro (à excepção do do PSD, que retirou o seu). Na «penumbra» da comissão parlamentar, o trabalho prosseguiu, ao ritmo imposto pela maioria.

Já na actual sessão legislativa, o PSD propôs um processo de consultas a diversos órgãos, como as CCR, e visitas a diversos países da Europa com experiências de regionalização de há muito consolidadas. Tal foi encarado pela oposição como um estratagemas para protelar a questão.

PCP: «Depois desta...»

O PCP apresentou uma proposta de resolução no sentido de o tema regressar a plenário até final de Abril do ano passado, mas os sociais-democratas chumbaram-na. Nada se avançou, portanto, nos últimos meses. Para a

segunda quinzena de Abril, estão previstas deslocações de deputados à Catalunha e às Cortes espanholas e, mais tarde, à Assembleia Nacional francesa, aos Alpes e ao Ródano.

Ilda Figueiredo, representante do PCP na comissão, prepara-se, no entanto, para tornar desnecessárias estas visitas. Segundo confiou ao «DL», preparou já *dossiers* sobre as regiões em causa e, até ao final do mês, terá na sua posse elementos respeitantes aos outros países — Holanda, Suécia e Itália.

«Depois desta, já não há nenhuma desculpa para adiar o processo», afirma a deputada comunista. Ilda Figueiredo revelou ao nosso jornal que o trabalho de comparação dos projectos dos diversos partidos está concluído, sendo possível passar ao trabalho de fusão. «Dois terços dos projectos prevêem soluções idênticas em matéria de definição de órgãos, atribuições e meios financeiros. Mais complicada é a delimitação das regiões», afirma.

Para o deputado social-democrata Silva Marques, trata-se — se bem interpretadas as suas palavras — de uma questão de ritmo. Ele insiste na necessidade de se conhecer *in loco* as experiências europeias de regionalização, admitindo que tal processo possa estar concluído até ao Verão.

Porém, a posição do seu partido é radicalmente diferente da perfilhada pela oposição. «Seria precipitação concluir um trabalho de tão grande complexidade em poucos meses», diz, con-

siderando que a «reflexão» não deve ser encerrada a breve trecho.

PS «cheio de paciência»

«Eu e o PS estamos cheios de paciência», afirmou, por seu turno, ao «DL» Carlos Lage. O deputado socialista deixa perpassar algum optimismo, ao admitir que o processo possa estar concluído, na Assembleia da República, até ao final da presente legislatura. Também ele considera que, concretizadas as visitas ao estrangeiro, «será mais difícil ao PSD dizer não». Até porque, em seu entender, o raciocínio desenvolvido a este respeito por Cavaco Silva há cerca de um ano é um «sofisma». «É falso, com a aparência de verdadeiro, porque as próprias instituições comunitárias recomendam a criação de regiões, como garantia de uma integração harmónica e do pleno êxito da coesão económica e social».

Carlos Lage defende que o Partido Socialista apresente claramente ao eleitorado, nas eleições legislativas de 1991, a sua opção nesta matéria. No caso — mais que provável — de não estarem nessa altura criadas as regiões, «o PS deverá dizer claramente: se ganharmos, haverá regiões».

Segundo apurou o «DL», o partido criou um grupo de trabalho para aperfeiçoar o seu projecto de 1988, tentando inclusivamente cruzar o documento com os elaborados por outras forças políticas.

P.M.

COMENTÁRIO

A guerra segue depois

É lícito prever que o mandato do conselho directivo da Associação Nacional de Municípios, a eleger no Congresso deste fim-de-semana, seja dominado pelo processo de instalação das regiões administrativas. Talvez não na primeira fase do mandato, de tal modo o primeiro e decisivo passo está a ser adiado, conhecida como é a alergia do primeiro-ministro à dispersão do seu poder, *maxime* do poder financeiro resultante da vinda dos fundos comunitários.

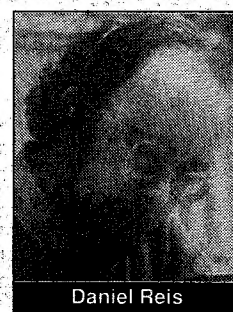
Mas depois das eleições legislativas, as tensões acumuladas em torno da regionalização, têm de ser libertadas, sob pena do processo inquinar definitivamente e a própria exequibilidade da Constituição da República ser posta em causa.

Seja quem for, nessa altura, o ocupante do cadeirão de S. Bento, chame-se ele Cavaco Silva ou Jorge Sampaio, dificilmente poderá protelar, para além de 1991, a aplicação do art. 255º da Constituição que manda criar as regiões administrativas, simultaneamente, por lei que defina «os respectivos poderes, a composição, a competência e o funcionamento dos seus órgãos». Aliás, a generalidade das fontes ouvidas para esta «Grande Angular» reconhece não existirem divergências de fundo quanto ao conteúdo do primeiro passo da regionalização, ou seja, a aprovação da Lei-Quadro das Regiões Administrativas. O que não tem havido é vontade política de andar para a frente; mas isso, às vezes, as eleições resolvem.

Verdadeiramente complicado será depois, quando se tratar de dar o segundo passo, previsto no art. 256º da Constituição, isto é, «a instituição em concreto de cada região administrativa». Se, até hoje, a ANMP tem cultivado o consenso como regra e utilizado o corte transversal interpartidário como método, bem pode preparar-se para funcionar, lá para a segunda fase do mandato do conselho directivo prestes a ser eleito, como gestora de conflitos, esses sim mais duros e prolongados, entre os seus próprios membros. É que a tendência conflitual não se confina à oposição poder central-poder local; os próprios municípios foram estratificando zonas de poder e de influência de que não vão abrir mão com facilidade a favor das juntas regionais, órgãos de governo das regiões administrativas a eleger por voto secreto nas respectivas assembleias regionais. Ainda por cima, a criação de cada região em concreto está condicionada, por exigência constitucional, ao voto favorável «da maioria das assembleias municipais que representem a maior parte da população da área regional».

Se o primeiro passo da regionalização já está a gerar os imbróglios de que fala a reportagem de Paulo Martins, a verdadeira guerra, essa só virá depois. Por isso, talvez não seja tarefa despendida da

nova direcção da Associação de Municípios preparar-se para arbitrar questões práticas como a de saber se a sede da Beira Interior será na Guarda, em Castelo Branco ou na Covilhã, se a Assembleia Regional do Algarve deve reunir em Faro ou Portimão e como vão ser distribuídos os órgãos representativos e executivos entre as cidades de Chaves, Vila Real e Bragança, lá para Trás-os-Montes.



Daniel Reis

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal **João Paulo de Oliveira**

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador: **Adelino Cardoso**

Redactor-paginador **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Gratistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Emelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção **Maria Eduarda Soutello**

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade **Luísa Valadas**

Gestor de Informática **Luís Canteiro**

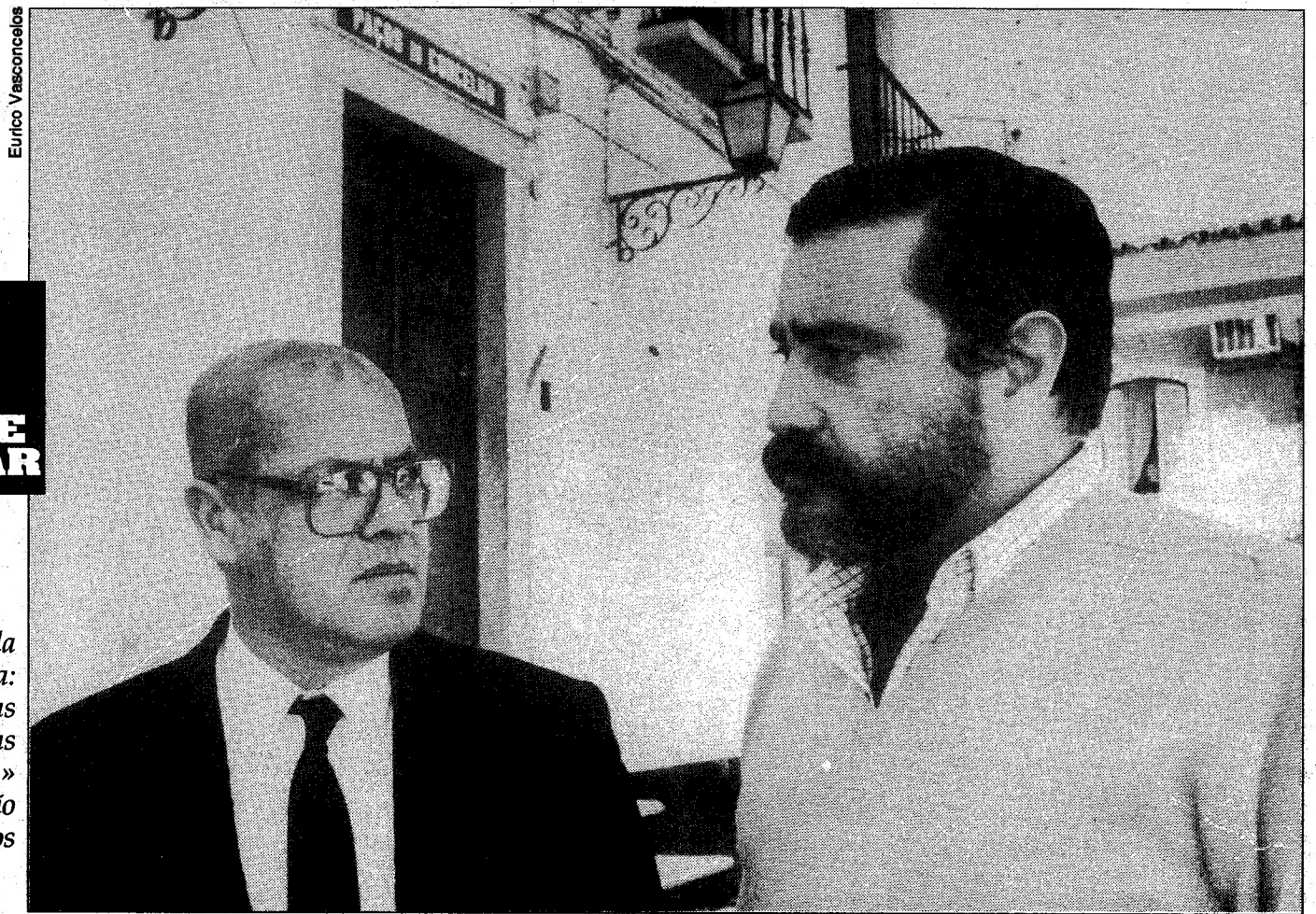
Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

Mário de Almeida e Torres Pereira:
as guerras partidárias não «entram» na Associação de Municípios



Torres Pereira, o presidente cessante da ANMP «Somos um valor acrescentado do municipalismo português»

Diário de Lisboa. - Que balanço faz da sua passagem pela presidência da ANMP, uma das poucas instituições políticas que congrega diversas forças políticas?

Torres Pereira. - Não é uma das poucas instituições dessa natureza; é a única instituição pluripartidária de âmbito nacional. Foi uma experiência muito gratificante para mim, ter a honra de presidir a esta instituição desde a sua criação. Não foi nada fácil, porque não havia tradição de colaboração de todas as forças partidárias. Foi necessário trabalhar muito para fazer dela o máximo espaço de convergência possível entre teses e pessoas e não apenas o mínimo espaço de divergência. A Associação começou do zero, com o presidente do Conselho Directivo a minutar os seus. Hoje, seis anos volvidos, é uma instituição séria, respeitada, credível, que atravessou unida e coesa crises partidárias, crises nacionais, eleições legislativas e presidenciais. Somos hoje uma instituição com uma só voz, a do poder local democrático.

DL. - É um social-democrata...

TP. - Convicto!

DL. - ...e o PSD esteve durante estes seis anos no Governo. Foi uma relação difícil?

TP. - Foi uma relação difícil, desde logo porque as relações entre o poder local e o poder central são sempre, conceptualmente, difíceis. Há sempre um conflito latente, mas de génese democrática. É lógico que assim seja - mal das sociedades em que esse conflito não existe. As relações são potencialmente conflituosas. O que interessa é que os conflitos se resolvam harmoniosamente.

DL. - A ANMP perdeu algumas das batalhas decisivas. Recordo a Lei da Tutela, uma das mais recentes.

TP. - Os pontos de vista da Associação não foram aceites em relação a algumas questões, embora em relação à Lei da Tutela, à questão da EDP e outras tenha manifestado a sua opinião. Foi até onde pôde ir. Os órgãos de soberania competentes - Governo, Assembleia, Pre-

sidente da República - entenderam de forma diferente. A Associação não pode deixar de acatar a posição, por motivos óbvios. Mas tem o seu ponto de vista. Ninguém poderá levar a mal que discordo.

DL. - Sempre defendeu a regionalização, enquanto o seu partido adiou o processo. Qual o seu futuro político? Há quem admita que possa vir a ser secretário-geral do PSD. Nessa qualidade, continuará a defender a regionalização?

TP. - Põe-me três questões diferentes. Fui sempre, sou e continuo a ser um defensor da regionalização. Sou-o por uma questão administrativa, porque me parece que será uma solução capaz de resolver os problemas burocráticos de muitas pessoas por esse país fora - e essa deve ser a primeira preocupação de um político. Sou-o também por uma questão política. Entendo que a regionalização é uma forma de responder às exigências da sociedade civil face ao Estado. A segunda questão tem a ver com o meu partido. O meu partido tem uma posição clara sobre esta matéria, expressa nos estatutos e no programa do Governo. A Assembleia da República resolveu agendar esta questão de forma a atribuir-lhe uma menor prioridade. Posso não estar de acordo - e não estou - mas tenho de aceitar e acatar a sua posição.

DL. - Falta a última questão: o seu futuro político. Secretário-geral do PSD?

TP. - O meu presente político é o que sempre foi: presidente de uma Câmara Municipal. Sou participante empenhado na vida da ANMP, que todos consideramos um verdadeiro valor acrescentado do municipalismo português, a seguir ao 25 de Abril. A Associação representa o Portugal profundo, se se pode chamar assim. É na base de princípios que não deixaremos alienar e de convicções que não deixaremos enfraquecer que eu me proponho, humildemente, contribuir para continuar.

PM

Mário de Almeida, o sucessor «Assumiremos posições construtivas mas intransigentes»

Diário de Lisboa. - Foi um «candidato surpresa», no seio do Partido Socialista, à liderança da Associação. Como se concretizou, afinal, a sua escolha?

Mário de Almeida. - Nunca estive disponível para ocupar este lugar, porque presido a uma câmara onde o serviço é muito. Para mim, era necessário que surgisse da parte do PS - já que lhe competia a indicação do presidente - um candidato que, pelo seu perfil, garantisse uma grande eficácia no seio da Associação.

Eram várias as hipóteses: não só o Narciso Miranda e o Luis Monterroso, mas também o Abílio Curto, o Ladislau Botas. Na reunião da Comissão Directiva da ANAPS, era visível uma grande discussão entre os autarcas do partido. Por proposta de Narciso Miranda, foi indicado o meu nome. Ele disse que retiraria a sua candidatura se o meu nome reunisse consenso, caso Luis Monterroso estivesse de acordo em fazer o mesmo. Todos concordaram em indicar-me.

DL. - O seu estilo de liderança da ANMP vai ser diferente?

MA. - Considero que a ANMP tem desempenhado um papel muito importante. Não posso deixar de reconhecer a grande capacidade e dedicação de Torres Pereira e a sua grande frontalidade. Não é fácil estar à frente da Associação. Nem sempre temos sido compreendidos pelo poder central. O Torres Pereira teve naturalmente de assumir algumas posições difíceis, já que é militante do partido do Governo.

DL. - Pela primeira vez, estamos em presença de um governo social-democrata, sendo socialista o presidente da Associação. Isso poderá ter algum significado na actuação futura da instituição?

MA. - Vamos manter a mesma linha de orientação. Naturalmente respeito a legitimidade do Governo, da mesma maneira que o Governo tem de respeitar a legitimidade da ANMP, que surge em resultado da eleição dos autarcas, feita por sufrágio universal e directo. Vamos procurar encontrar em clima de diálogo as melhores soluções para os grandes problemas que infelizmente ainda continuam pendentes. Assumiremos posições de uma forma

construtiva, mas intransigente.

DL. - As autarquias têm sofrido os efeitos da centralismo do Estado. Há hoje condições para inverter essa situação?

MA. - Penso que com o tempo é possível. Teremos de nos continuar a bater pela regionalização. Tenho afirmado que toda a gente tem medo dela, toda a gente diz que aposta na regionalização mas, na realidade, receia-a. A administração central tem medo de perder poder em favor da regional e admito que o próprio poder municipal também o receie.

Mas é fundamental efectivar essa descentralização. Nos últimos tempos, as autarquias têm vindo a ser sobrecarregadas com algumas competências de intervenção em campos que não são delas...

DL. - ...Sem receberem as compensações correspondentes.

MA. - Era isso, rigorosamente, que ia dizer. É evidente que estamos interessados nessa transferência de competências. Sempre estivemos receptivos, porque entendemos que podemos como ninguém rentabilizar os dinheiros públicos. O que é fundamental é que a par dessa transferência de competências nos sejam dadas as verbas necessárias para as assumirmos.

DL. - A problemática da regionalização não é certamente a sua única preocupação futura...

MA. - Não tomei ainda conhecimento dos dossiers da Associação. Tenho previsto para o dia seguinte ao congresso uma reunião com o presidente da Câmara de Sousel, que é ainda o presidente, no sentido de detalhadamente analisar cada uma das situações.

Depois, quero reunir-me com todos os elementos do Conselho Directivo, não só do que vai ser empossado, mas também do cessante. Há grandes problemas - a questão do ordenamento do território, da Lei das Finanças Locais, da delimitação de competências. Uma série de legislação que considero fundamental para se clarificar o âmbito de intervenção dos diversos poderes.

Paulo Martins

POLÍTICA

«Se for empurrado vou mesmo»

Lucas Pires admite entrada na corrida a Belém

«Se for empurrado, vou mesmo. Ainda que seja para perder, é importante uma eleição democrática», declarou ao DL o deputado europeu Lucas Pires, confrontado com uma eventual candidatura sua à Presidência da República. Lucas Pires falava a Neves de Sousa, jornalista do «DL» antes de partir para Coimbra, onde esta manhã interveio na cerimónia do doutoramento *honoris causa* do Presidente da Alemanha Federal, Richard von Weizsaecker.

«Vou a Coimbra fazer o elogio do dr. Mário Soares. Embora seja seu oponente político, farei um elogio muito especial, porque ele tem muitas coisas para elogiar», disse Lucas Pires.

A designação de Lucas Pires para o elogio de Mário Soares tinha merecido já um comentário da Reitoria da Universidade de Coimbra reproduzido pela agência Lusa, referindo que o orador em causa «saberá distinguir o carácter exclusivamente académico da cerimónia».

O elogio do doutorando foi proferido pelo docente Aníbal Almeida. Ao agradecer o grau de doutor conferido pela Universidade de Coimbra, Richard von Weizsaecker aludiu à «continuação viva e actual que vem sendo dada à tradição do ramo de Germânicas, estabelecido



Lucas Pires ao «DL»: «Ainda que seja para perder é importante uma eleição democrática»

já em 1911 por Carolina Michaelis de Vasconcelos, e que ganhou contornos definitivos em 1925 com a criação do Instituto Alemão».

Depois da cerimónia, o Chefe de Estado alemão-federal seguiu de comboio especial para Lisboa, de onde partirá esta tarde depois de receber honras militares no aeroporto da Portela de Sacavém.

Em Coimbra foi confirmada a «presidência aberta» naquela cidade, entre 29 de Junho e 7 de Julho. A presença de Mário Soares na cidade coincide com as tradicionais festas da Rainha Santa, com a Feira Comercial e Industrial da

Cidade (CIC) e com o feriado municipal de 4 de Julho. Recorde-se que a Universidade de Coimbra comemora este ano os setecentos anos da instituição dos Estudos Gerais que lhe deram origem.

Visita ao Porto

Ontem, no Salão Árabe do Palácio da Bolsa do Porto, o Presidente alemão-ocidental referiu o «processo de modernização vertiginoso» actualmente vivido por Portugal e «as soluções novas e modernas» pedidas pela multiplicidade de problemas que se colocam a uma «sociedade industrial moderna e pluralista», antes de brindar ao

«povo da região do Porto e à amizade luso-alemã inserida no espaço maior de uma Europa comum».

Richard von Weizsaecker falava durante um jantar oferecido pelo seu homólogo português, Mário Soares, cujas «presidências abertas» elogiou, por aproximarem as regiões do interior das mais protegidas.

Quando assinou o Livro de Ouro da Câmara Municipal do Porto, o Chefe de Estado visitante saudou Fernando Gomes e recordou a sua prática autárquica, «como antigo burgomestre-governador da cidade de Berlim».

«Sei por experiência própria que é nas cidades onde os problemas das sociedades industriais modernas convergem como numa lente ustória; cito apenas alguns tópicos como, por exemplo, problemas de habitação, transportes, questões ambientais.»

No Museu Gulbenkian

Acompanhada por Maria Barroso, Marianne von Weizsaecker visitou ontem o Museu Gulbenkian.

As duas senhoras receberam na altura ramos de flores e a visitante alemã foi oferecido um exemplar do livro «Calouste Gulbenkian Coleccionador», de Azeredo Perdigão, para além de uma medalha da Fundação e do Catálogo do Museu.

B R E V E S

Cavaco entrega barcos

O primeiro-ministro, Cavaco Silva, preside à entrega de duas embarcações de pesca nos estaleiros de S. Jacinto, em Aveiro, durante a visita à região Norte que inicia amanhã. As embarcações, um navio «palangreiro» e um «arrastão» congelador para pesca longínqua, «incorporam a mais moderna tecnologia de pescas e representam um investimento de 1,3 milhões de contos».

Chissano em Portugal

O presidente da República Popular de Moçambique, Joaquim Chissano, realiza uma visita de Estado a Portugal de 9 a 12 de Abril, a convite de Mário Soares, confirmou o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Luís Marinho substitui Gomes

O deputado português Luís Marinho foi designado para substituir Fernando Gomes, numa das vice-presidências do Grupo Socialista do Parlamento Europeu. Fernando Gomes apresentou a sua demissão durante a sessão plenária do PE, em virtude de ter assumido o cargo de presidente da Câmara do Porto.

PGA de novo em foco

A Prova Geral de Acesso à Universidade, PGA, estará em foco numa reunião que a comissão parlamentar de Educação, Ciência e Cultura vai solicitar ao Governo e à Comissão Nacional de Jûris, em Abril. «Trata-se de aprofundar as questões relacionadas com a PGA e de obter mais informação sobre o tema», disse uma fonte da comissão parlamentar.

Jardim aconselha «discurso de vitória»

«Sem dinâmica e discurso de vitória, o PSD não vencerá as eleições legislativas de 1991», sustenta o presidente do Governo Regional da Madeira, em declarações prestadas à agência Lusa. Alberto João Jardim revelou que o PSD/Madeira não apresentará moção própria ao próximo Congresso Nacional social-democrata. Com o seu homólogo dos Açores, Mota Amaral, o líder madeirense do PSD participou na elaboração da moção de estratégia a apresentar por Cavaco Silva na reunião magna do partido.

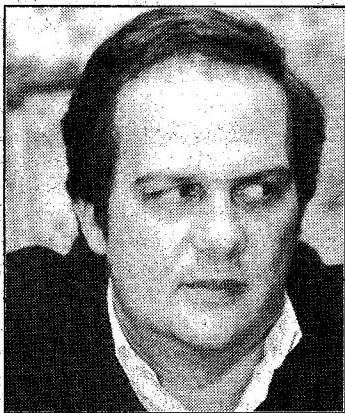
Moção de João Soares já tem título

«PS vencer de novo» é o título da convocatória que João Soares endereçou aos seus apoiantes tendo em vista a discussão da posição a tomar no próximo Congresso do Partido Socialista. Regressado da Suécia, onde foi fazer um tratamento, João Soares convocou para depois de amanhã uma reunião da sua tendência nas instalações do Partido Socialista no Largo do Rato, em Lisboa.

«Penso que é extremamente importante que debatamos, entre nós, a questão de ir ou não ir a este Congresso com uma moção própria. Importa que, em conjunto, ponderemos serenamente as vantagens e os inconvenientes de qualquer das soluções».

E sobretudo, qualquer que venha a ser a nossa decisão, importa que cada um de nós esteja preparado para assumir as tarefas que lhe venham a caber na conformidade», refere João Soares na carta-convocatória que subscreveu.

O cabeçalho daquela comunicação tira as dúvidas a quem coloque as opções da minoria socialista nos termos da missiva. «PS vencer de novo» é a palavra de ordem e, mesmo antes de ter conteúdo, a moção alternativa à de Jorge Sampaio ganhou desde já um título.



João Soares

Além de exigir mais homens

Exército também quer meios aéreos

O Exército continua a insistir na necessidade de ser dotado de meios aéreos, à semelhança do que aconteceu recentemente com a Marinha. O vice-chefe do Estado-Maior deste ramo das Forças Armadas defende que, numa situação de guerra, o Exército deverá possuir meios aéreos.

«Tem de haver meios aéreos no Exército, até para dar credibilidade ao seu próprio papel», afirmou o general Tomé Pinto num encontro que responsáveis deste sector militar e da Força Aérea mantiveram com deputados da Comissão Parlamentar de Defesa Nacional no âmbito do exercício conjunto Mercúrio 90.

A operação, que hoje termina, decorreu durante quatro dias nos distritos de Portalegre e Évora, envolvendo mais de mil e oitocentos homens e meios aéreos de ataque e de transporte.

O vice-chefe do Estado-Maior da Força Aérea re-

cusou-se a comentar essa pretensão do Exército. Contactado pela Lusa, o general Fernando Vasquez - chefe do ramo na ausência da Conceição e Silva, em visita à Força Aérea espanhola a convite do seu homólogo - não fez qualquer comentário.

A reestruturação do Exército terá de ser feita pelos políticos e militares, em simultâneo, «a fim de evitar imposições de um dos lados», disse em Sousel o deputado Pedro Campilho, do PSD, durante a visita de uma delegação da Comissão Parlamentar de Defesa às manobras do Mercúrio 90.

Pedro Campilho exprimiu a opinião, indo de encontro ao que antes afirmaram o vice-chefe do Estado-Maior do Exército e o brigadeiro Faria de Oliveira, comandante da brigada de defesa do territorial do Sul, de que as restrições do Exército têm a ver com os recursos orçamentais disponíveis. O general Tomé Pinto havia, antes, posto o

acento tónico não só no desejo do Exército dispor de meios aéreos para as suas tarefas, mas também na falta de pessoal.

PIB dá 3,6 por cento para os militares

Aquele deputado social-democrata sublinhou que os membros da delegação parlamentar não deviam deixar o local «com a sensação de que é tudo negativo, tudo mau», porque «não há verbas» para a operacionalidade das Forças Armadas.

Acentuou, a propósito, que a verba atribuída às Forças Armadas representa 3,6 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), o que «é um valor aceitável», disse, secundado pelo deputado Marques Júnior (ex-conselheiro da Revolução), do PRD.

As manobras do Mercúrio 90, a que ontem assistiram os membros da Comissão Parlamentar de Defesa, visaram o aperfeiçoamento da instrução tática e técnica das

forças da FAP e do Exército, não envolveram fogo real. Foram postos à prova os sistemas de controlo, comando e comunicações daqueles dois ramos das Forças Armadas, através da aplicação de processos de cooperação aereoterrrestres. Os exercícios decorreram num teatro convencional de guerra e envolveram forças azuis (em defesa do território nacional) e laranjas (estrangeiras não especificadas). As forças partiram do princípio (fictício) que em Janeiro deste ano (há três meses) ocorreu no Médio Oriente um conflito armado implicando potências da área.

Nesse processo intervieram forças do bloco azul e do bloco laranja, já referidas, em acções que se estenderam ao controlo do Oceano Atlântico pelas forças aeronavais do primeiro bloco (azul) e o sucesso das forças laranja no flanco Sul dos azuis. A Espanha participou no conflito defendendo as ilhas Canárias e Ceuta.

Milhares com talão de recenseamento

Imigrantes ilegais causam transtornos em Macau

Milhares de imigrantes ilegais de Macau receberam ontem um talão de recenseamento, podendo circular agora, livremente, no território. A emissão desses talões efectuou-se ao fim da manhã, hora portuguesa, tornando ainda mais confusa a situação criada por cerca de meia centena de milhar de residentes clandestinos que se haviam concentrado, nas últimas horas, junto à fronteira com a República Popular da China.

Dez mil resistiram à chuva que desabou sobre o território, na esperança de serem incluídos na listagem a que a polícia local procede, com vista a eventual legalização, o que veio a acontecer ao fim desta manhã.

O processo de recenseamento fora provisoriamente suspenso devido ao mau tempo. Inesperadamente, contudo, milhares de imigrantes naquelas condições passaram a circular livremente, pela primeira vez, em Macau, com um talão de recenseamento, cujo alcance se ignora. A própria polícia já não efectua qualquer detenção, desde que esse talão lhes seja apresentado. Desconhece-se até que ponto o documento habilita o seu portador a considerar-se imigrante no gozo de todos os seus direitos e como tal candidato a documentação final, importante para a fase de transição.

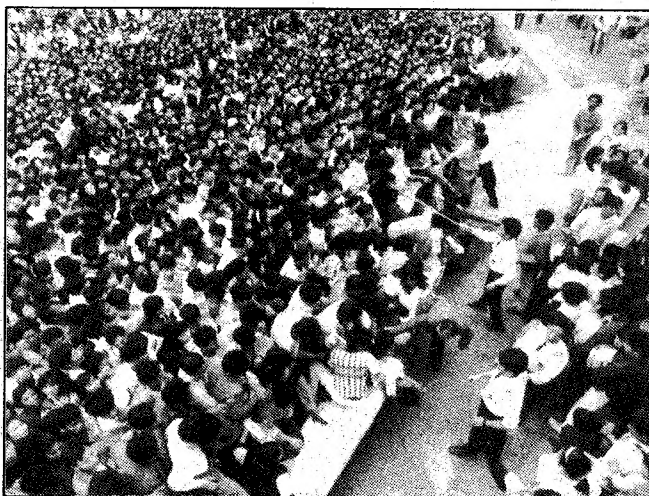
Os residentes clandestinos de Macau de etnia chinesa

reclamam a regularização da sua situação. A secretária adjunta do Governo de Macau, que sobraça a pasta dos Assuntos Sociais e Habitação, afirmou que se está perante «um problema político que ultrapassa a esfera da assistência social». Maria do Carmo Romão deslocou-se ontem ao local (campo de futebol do Canidromo) e reconheceu a «forte dimensão social» que os 50 mil clandestinos representam.

As Forças de Segurança de Macau (FSM) negaram esta manhã a ocorrência de mortes, mas admitiram ter havido feridos nas primeiras horas da concentração, pois juntaram-se cerca de 50 mil pessoas. É possível, contudo, ainda segundo as autoridades, que um bebé tenha sido espezinhado na confusão. Seis dezenas de pessoas foram assistidas no Hospital de São Januário, mas a PSP de Macau garante controlar os acontecimentos.

Decisões oficiais vão demorar

Fontes do gabinete de Melancia admitem como «pouco provável» o anúncio rápido de medidas oficiais, dado estarem perante uma situação delicada, designadamente a impossibilidade prática de legalizar todos os residentes indocumentados de Macau sem provocar o afluxo massivo de novos refugiados económicos da China. Mas um primeiro documento foi-lhes facultado,



Clandestinos chineses de Macau à espera de receber talões de recenseamento

talão, sem aviso oficial. Trata-se de um pedaço de talão numerado, com a impressão digital do indicador direito, e uma data para comparecer nas forças de segurança de Macau.

O coronel Proença de Almeida deverá apresentar ao governador do território um balanço da listagem dos imigrantes clandestinos, na sua maioria crianças e adultos, a partir do qual Carlos Melancia poderá eventualmente tomar posição. Os residentes nestas condições pretendem registar-se na esperança de legalização em Macau.

As autoridades de Macau obtiveram a colaboração da parte chinesa para que fosse possível manter encerrada, a título excepcional, a fronteira das Portas do Cerco entre as

7 e as 10 horas desta manhã (hora local).

A Polícia de Macau receava então que a abertura da fronteira aumentasse o número de ilegais que pretendem recensear-se, levando as autoridades a isolar o campo de futebol do Canidromo, onde nas últimas horas se juntaram cerca de cinquenta mil imigrantes ilegais, alguns deles com filhos documentados e em ordem perante as autoridades portuguesas do território.

Os manifestantes reclamavam um documento que lhes permita o acesso a uma cédula de identificação policial que garante a permanência legal no território. Esse documento provisório foi passado a milhares deles, esta manhã.

Redacção «DL»/Lusa

Parlamento debate administração aberta

Um novo direito dos cidadãos, emergente da última revisão constitucional, vai ser consagrado na Assembleia da República tendo como ponto de partida o debate marcado a sessão plenária desta tarde. Trata-se do direito de acesso aos documentos da administração e será discutido na base de projectos de todos os partidos com assento parlamentar, PRD excluído, embora as teses dos renovadores também estejam genericamente presentes num projecto de diploma dos deputados independentes da sua bancada, Alexandre Manuel e Pegado Liz.

Aos cidadãos é atribuído o direito de serem informados «sempre que o requeiram, sobre o andamento dos processos em que sejam directamente interessados», diz o novo texto constitucional no art. 268º.

PS e PCP apresentaram na base desta disposição um projecto de consagração do princípio da administração aberta; o CDS aproveita o debate para definir de vez os princípios do segredo de Estado (ou seja: os cidadãos gozam do direito de acesso aos documentos administrativos, excepto quando eles forem classificados como segredo de Estado, ou catalogados com um dos graus de reserva de consulta).

Para o PRD que, sem diploma sobre esta matéria, tomou posição prévia ao debate, o urgente pôr cobro a situações graves como a da ignorância, por parte da administração e por tempo indefinido, «dos requerimentos que os cidadãos lhe dirigem a solicitar informações e esclarecimentos a que têm direito».

Finalmente, os deputados ecologistas, mais restritos nos seus propósitos de inovação legislativa, apresentaram um projecto que visa garantir aos cidadãos o acesso aos dados relativos ao Ambiente.

«Os Verdes» consideram que o sucesso de qualquer política de ambiente «depende em grande parte da publicidade sobre todos os seus elementos e da profunda consciencialização dos cidadãos». Daí a sua intenção de obrigar a administração a tornar públicos todos os dados e informações relativos à qualidade do ambiente e à sua modificação, quer por iniciativa própria quer a requerimento dos cidadãos.

No dia 6 de Abril Homenagem a Eleutério Teixeira

Eleutério Teixeira vai ser homenageado no próximo dia 6 de Abril com um jantar que terá lugar na Casa do Alentejo.

Eleutério Teixeira participou desde muito novo em várias tentativas de derrube do regime fascista, tendo começado, aos 16 anos de idade, pela participação na revolta dos marinheiros em 7 de Fevereiro de 1927.

Tendo colaborado nas campanhas eleitorais de Arlindo Vicente e Humberto Delgado, seria um dos resistentes que tentaram o assalto ao Quartel de Beja, em 1961.

Foi preso e torturado pela polícia política, que nunca deixou de, por outro lado, prejudicar a sua vida prática.

As informações sobre a homenagem podem ser obtidas através dos telefones 826436, 7263138 e 7262537.

Amanhã na Guarda Governadores civis do Centro reúnem com Manuel Pereira

Manuel Pereira vai reunir-se amanhã com os governadores civis da Região Centro, nas instalações do Governo Civil da Guarda.

Questões políticas, de natureza económica e social, bem como de segurança, constituirão a base dos trabalhos, nos quais participam ainda o secretário de Estado adjunto do ministro da Administração Interna, Branquinho Lobo, e o presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro.

Manuel Pereira permanecerá na Guarda até sábado, aproveitando para visitar os quartel dos bombeiros voluntários e as instalações da PSP e da GNR.

«O Governador Civil deve ser um complemento inestimável da acção do Governo Central para conciliar ou atenuar as consequências das medidas globalizantes», afirmou ontem o ministro da Administração Interna, Manuel Pereira, durante a cerimónia de tomada de posse dos novos

representantes do Executivo nos distritos de Coimbra e Bragança.

O responsável pela pasta da Administração Interna incitou os novos governadores civis a denunciarem a pobreza e outros problemas das regiões, pelas quais são responsáveis tomando medidas para os resolver.

Considerando que a fase de instalação dos serviços essenciais está terminada, Manuel Pereira sublinhou que «a próxima década será caracterizada pela imagem de um municipalismo mais dinâmico, voltado para o planeamento e desenvolvimento de todos os sectores económicos, para a habitação, para a educação, para a cultura e para a resolução de todos os problemas sociais». O ministro reiterou ainda, a importância da diversidade e do respeito pelas particularidades de cada região, acrescentando que «um País não se constrói na massificação».

Na sessão pública de ontem

Câmara de Loures aprovou relatório de actividades

O relatório de actividades de 1989 da Câmara de Loures foi ontem aprovado durante uma sessão pública que se prolongou por mais de sete horas. Na sessão, o vereador social-democrata Pacheco Pereira voltou a solicitar a atribuição de um pelouro. Deparou, uma vez mais, com a oposição do presidente da edilidade. Demétrio Alves evocou a directiva da distrital do PSD de Lisboa que impede os representantes locais do partido de aceitarem responsabilidades em autarquias dominadas pelo PS ou o PCP. Recordou, a este propósito, a suspensão aplicada a um vereador social-democrata de Vila Franca de Xira que aceitou pelouro.

A representação do município lourense nas associações de municípios Amas-cultura, Amargas (relacionada com a instalação de gás combustível), Amestr (de estudo do sistema de



Pacheco Pereira: o deputado continua sem pelouro em Loures

tratamento de resíduos sólidos, que envolve diversos municípios da região de Lisboa) e no Conselho de Representação dos Municípios na Área de Abastecimento da EPAL ficou também decidida ontem.

Facto curioso, nesta sessão, foi a aprovação de duas

moções sobre o sufrágio eleitoral na Hungria, avançadas, respectivamente, pela CDU e o PSD. Os três vereadores socialistas viabilizaram ambos os documentos. A maioria comunista optou pela abstenção na moção social-democrata, enquanto o PSD votou contra à da CDU.

POLÍTICA

Pessoal e Infra-estruturas viárias levam a maior fatia

Sampaio apresenta Plano e Orçamento para Lisboa

O Orçamento da Câmara Municipal de Lisboa para o ano de 1990 é de cerca de 52 milhões de contos, dos quais a fatia principal é gasta com despesas de pessoal: 17 milhões de contos.

O documento, assim como o Plano de Actividades da autarquia lisboeta foram esta manhã apresentados publicamente pelo presidente da edilidade, Jorge Sampaio. Hoje mesmo, inicia-se a sua análise e posterior aprovação, sabendo-se desde já que os vereadores sociais-democratas não deverão participar na reunião, invocando falta de tempo para analisar os complexos documentos.

Entre as actividades programadas para este ano, destaca-se a intervenção no trânsito e infra-estruturas viárias com que a edilidade prevê gastar mais de 10 milhões de contos. A construção de novas vias, a recuperação das existentes, a reparação de pavimentos, as interfaces bem como a conclusão de dois projectos que transitam da anterior gestão - a Avenida Central de Chelas e o Eixo Rodoviário Fundamental, que atravessa Lisboa de norte a sul - são exemplo de algumas das áreas onde esta verba deverá ser aplicada.

Construção de habitação

A Habitação é a segunda área a receber uma dotação elevada e que se destaca das restantes. São cerca de 7 milhões de contos que serão divididos pela construção de habitação, nomeadamente em bairros carenciados. Assim, a construção de três mil fogos, aproximadamente, está prevista para os Bairros de Chelas, Padre Cruz, Boavista, Furnas e Horta Nova.

A reabilitação urbana de núcleos históricos como o Bairro Alto, Alfama, Mouraria e a recuperação de imóveis nas Avenidas Novas fazem parte dos projectos

da Câmara. Para o efeito, os gastos previstos ascendem a mais de milhão e meio de contos.

As obras de recuperação da área crítica do Chiado têm já assegurado um milhão. Porém, há ainda que contar com os 5 milhões de contos do Fundo Especial de Apoio à Recuperação do Chiado, FEARC, cujo acesso está ainda bloqueado, devido a uma «deficiente» redacção legislativa. Decorrem actualmente negociações entre Governo e Câmara Municipal com vista a solucionar o problema.

Nova imagem

A acção da autarquia da capital não se resumirá unicamente aos projectos e empreendimentos de grande fôlego, na sua maioria da responsabilidade do presidente e dos vereadores dos pelouros do Trânsito e da Habitação. Contam-se entre as novas iniciativas algumas de relevo que, apesar de merecerem dotações mais pequenas, poderão vir a dar uma nova imagem à cidade.

A construção do novo canil e gatil municipal constitui exemplo prático das acções que o pelouro da Higiene Urbana e Saneamento Básico pretende levar a cabo. Todavia, outras obras inseridas nesta área merecem referência. Além da remodelação do sistema de esgotos existente, está programada a construção de um sistema interceptor e de tratamento de esgotos que servirá as zonas de Algés, Belém e Alcântara. Para este sector estão previstos 4 milhões e 800 mil contos.

Cultura e Ambiente

No que respeita ao Ambiente e Espaços Verdes a novidade está na elaboração da Carta Verde da cidade e no Parque Periférico de Lisboa que poderá ser o «segundo pulmão» da capital, a par com Monsanto. Vítor Costa, o vereador



Jorge Sampaio

responsável por este pelouro deverá gerir 452 mil contos.

Para a Cultura, que tem uma verba disponível de um milhão de contos, prevê-se além da recuperação de património cultural, a realização de festivais e até da Festa do 25 de Abril. A promoção de Lisboa bem como as tradicionais Festas da Cidade, são os pontos fortes do pelouro do Turismo que conta com uma verba de cerca de 551 mil contos.

Novas escolas primárias no Bairro da Liberdade e em Chelas constam igualmente do Plano de Actividades para 1990. Além de ter a seu cargo o equipamento escolar, o vereador Rego Mendes gere também as áreas da Juventude e Desporto. Com uma dotação de um milhão e 600 mil

contos pretende arrancar no decurso deste ano, entre outros projectos, com a construção do Palácio dos Desportos, em Benfca.

A Intervenção Social e Prevenção de Tóxico-dependentes, pelouros a cargo de um centrista, dispõem de perto de 900 mil contos. José Luís Seixas apresenta iniciativas de apoio a crianças e a deficientes, das quais, ressalta a «operação emprego-deficientes».

Mas neste Orçamento e Plano a Câmara também aposta na sua própria modernização e na reorganização dos serviços que presta ao município. Por isso, propõe-se criar o Jornal da Cidade.

Luísa Alexandra Botinas

PSD faz guerra à maioria

«Os vereadores do PSD não estarão presentes na discussão do Orçamento e Plano marcada para a sessão extraordinária, pois, ao nos entregar os documentos com tão pouco tempo para os analisarmos, a maioria demonstrou com isso o seu desinteresse pela nossa participação». Vítor Gonçalves abriu desta forma o período de antes da ordem do dia da reunião pública da CML que ontem esteve fortemente concorrida. Sampaio ouviu. Pouco tempo depois os vereadores sociais-democratas voltaram à carga com a questão do Orçamento. Como Marcelo Rebelo de Sousa não estava lá (chegou atrasado), Silva Rodrigues protagonizou por momentos a «oposição construtiva» de que os vereadores PSD tanto falam.

«Ao trazer o Orçamento desta forma precipitada, a maioria não o quer discutir mas apenas apresentá-lo. Assim ficamos a pensar que os senhores têm da democracia um alcance muito limitado. Para nós esta celeridade toda poderá ter uma explicação: o Orçamento tem falta de qualidade política e técnica.» Nesta altura Jorge Sampaio interrompeu. «Senhor vereador não pode querer fazer apreciações como se já estivessemos a discutir o Orçamento. Se as quer fazer venha à reunião», disse.

«Foi uma má oportunidade que os vereadores do PSD escolheram para comentarem o conceito de democracia que esta Câmara e o seu presidente têm», acrescentou Sampaio.

«Tiveram tempo suficiente para analisarem os documentos que foram entregues nos prazos legais. No sábado já os tinham quase todos e o resto foi-lhes facultado na segunda-feira. Nunca os vereadores que aqui estiveram na gestão anterior tiveram tanto tempo como os senhores para o fazerem. Foi o PSD que quis dar por encerrada uma discussão que ainda nem começou. Lamento muito mas a vida é assim», afirmou o presidente.

Os vereadores socialistas e comunistas, secundaram a sua posição com recados incisivos. «Entendemos que os vereadores do PSD tenham ficado perturbados com a forma como trabalhamos. A elaboração do Orçamento foi feita com todos os vereadores com pelouros, inclusivamente do CDS e PPM», sublinhou Rui Godinho.

Por seu turno, Vasco Franco lamentou que os vereadores do PSD não quisessem estar presentes nesta prova de fogo para os problemas que se colocam à cidade.

Marcelo Rebelo de Sousa, que entretanto, já estava presente na sala ainda tentou voltar a «bater na mesma tecla» do Orçamento, mas a oportunidade já tinha passado.

Estava-se no período de informações e nessa altura não se fazem considerações políticas.

L.A.B.

O contencioso entre a Presidência da República e a RTP

Belém acusa Moniz de arrogante

O chefe da Casa Civil do Presidente da República considera arrogante a resposta de José Eduardo Moniz, director do Canal 1 da RTP, a carta que lhe dirigiu, protestando, em nome de Mário Soares, pelo facto de a televisão não ter divulgado imagens do jantar oferecido pelo Chefe de Estado, no Palácio da Ajuda, no passado sábado, aos participantes na reunião do Comité de Ministros do Conselho da Europa — soube o «DL».

José Eduardo Moniz respondeu, afirmando que não aceita «discutir os critérios jornalísticos ou editoriais», e que a RTP se rege por normas de «rigor e isenção», e para

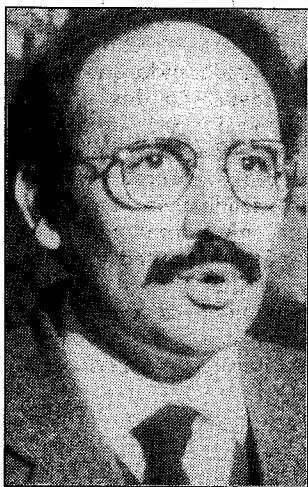
justificar a ausência da televisão naquele jantar, acrescentou que, das sete emissoras estrangeiras que acompanharam a reunião de Lisboa, apenas a TVE captou imagens no Palácio da Ajuda, as quais a RTP acabaria por solicitar para transmissão no «Jornal de Domingo».

Na réplica a Moniz, a Presidência da República, embora declarando o propósito de não alimentar polémicas, sublinha o que considera atitude arrogante do director do Canal 1 e lembra que o Chefe de Estado não é uma instituição qualquer, uma vez que está revestido de autoridade e legitimidade democráticas por sufrágio universal e directo — situação

diferente, ironiza, da de José Eduardo Moniz, que apenas goza da confiança do Conselho de Gerência da RTP, nomeado pelo Governo.

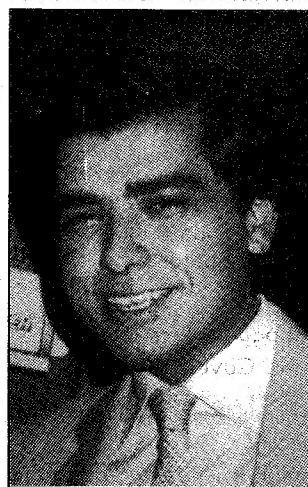
A Presidência insiste na caracterização da RTP como serviço público, que não pode apresentar-se como acima de qualquer suspeita, e nos deveres que por isso lhe cabem, designadamente o de respeitar as instituições democráticas, e diz não ser bastante afirmar que os noticiários da RTP se regem por normas de rigor e isenção para que a opinião pública acredite que realmente assim é.

Estranha ainda que a televisão portuguesa invoque, como critério para julgar do



Alfredo Barroso

bem fundado da sua actuação, o comportamento de televisões estrangeiras.



Eduardo Moniz

O contencioso entre Belém e a RTP, derivado do modo como, por vezes, a televisão

cobre acontecimentos em que participa o Presidente da República, data sensivelmente de há dois anos e têm sido objecto de correspondência entre as duas partes. Pormenor curioso é que, ao contrário do que poderia pensar-se, a troca de cartas foi iniciada por José Eduardo Moniz, em Dezembro de 1988, com motivo numa reportagem de «O Independente» acerca desse diferendo.

O actual director do Canal 1 protestou, então, junto do chefe da Casa Civil da Presidência, em vez de ter interpellado aquele semanário.

Não se conhece, até ao momento, tréplica de José Eduardo Moniz à réplica de Belém.

Sobre o Congresso do PCP (I)

Uma receita para o desastre

Por Vital Moreira

O próximo Congresso do PCP ameaça transformar-se na mais intrigante e anacrónica das reuniões magnas de comunistas na Europa de 1990. Intrigante porque, em vez de enfrentar e responder positivamente ao desafio da mudança que a derrocada do socialismo no Leste europeu impõe aos partidos comunistas em todo o lado, ele nada propõe mudar (nem direcção, nem programa, nem estatutos); anacrónica porque, quando é irreversível a morte dos velhos dogmas ideológicos, que por toda a parte são abandonados, o Congresso vai insistir pateticamente nos princípios arcaicos e esvaziados em que se baseou o modelo comunista historicamente falido.

Com uma obstinação que somente a insensibilidade ideológica e a insensatez política podem justificar, a direcção do PCP compraz-se em reeditar métodos que já não pode aceitar e em proclamar novamente, alto e bom som, princípios em que já não se pode acreditar.

Ao ler-se o regulamento do Congresso e as Teses, assalta-nos a deprimente impressão de que, definitivamente, o PCP está à beira de passar a sobreviver à revelia da realidade, fora da vida e do mundo contemporâneo. O que se nos oferece é uma verdadeira *receita para o desastre*, de onde o partido dificilmente poderá sair ileso.

As velhas pechas autoritárias

O desfazamento com os requisitos democráticos mínimos, cujo desrespeito é cada vez mais inadmissível, começa logo com a forma de organização do Congresso - em que nem sequer se constituiu uma comissão organizadora independente da direcção - e com os respectivos regulamentos - o da fase preparatória e o dos trabalhos do Congresso propriamente dito - que reeditam, sem alterações de fundo e sem progressos nas questões polémicas, as normas que fizeram do último Congresso o triste e desinteressante espectáculo que ele foi e que já então tinham sido vigorosamente contestadas, por atentatórias de um Congresso minimamente democrático.

Mais uma vez, apenas as «Teses» apresentadas pela direcção é que estarão à discussão no partido; os militantes não podem apresentar *teses alternativas*, nem muito menos torná-las públicas e fazê-las discutir juntamente com as da direcção; só podem fazer propostas de emenda aos textos oficiais, e o seu destino fica sempre ao

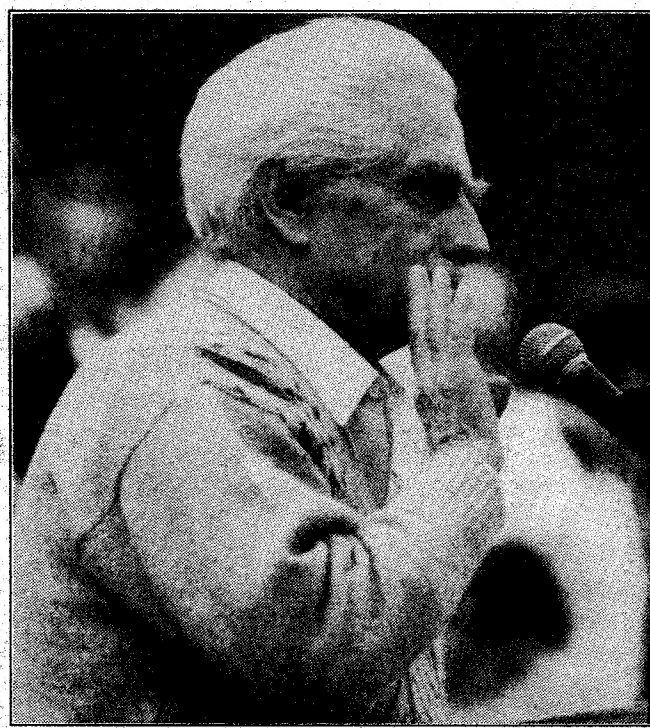
livre alvêdrio de uma todopoderosa «comissão de redacção», constituída pela direcção que decidirá livremente e sem recurso sobre elas. As propostas de emenda, quando colectivas, não podem envolver militantes de diferentes organizações (o que seria «fraccionismo»), e não existe nenhuma garantia de conhecimento das propostas por parte dos demais militantes. Mais uma vez, recusou-se a criação de uma *tribuna aberta* no jornal oficial para discussão e debate livre (embora desta vez, além das «cartas do leitor», apareçam também «artigos de opinião» e «mesas redondas» com participantes convidados), e muito menos se fala da publicação das posições críticas mais significativas. Tudo se esgotará em aprovar em globo as teses oficiais sem alternativa, com as discussões compartimentadas dentro de cada organização e limitadas a modificações de pormenor.

Na eleição dos delegados não se observa nenhuma das garantias democráticas mínimas: nem verdadeira liberdade de candidatura, nem voto secreto, nem definição do sistema de eleição que garanta representação adequada às diversas correntes de opinião. Os «responsáveis» continuam a poder propor candidatos e a fazerem-se eleger, mesmo que não pertençam às respectivas organizações; as eleições continuam a ser por voto de braço no ar - salvo se alguém tiver a ousadia de propor o voto secreto e um milagre permita que os demais, de braço no ar, votem pela eleição secreta! - com todas as pressões, inibições e constrangimentos que isso gera e que limitam drasticamente a liberdade de voto; em matéria de sistema eleitoral, nada se diz, deixando-se isso para as conveniências de cada situação.

Quanto aos trabalhos do Congresso, o respectivo projecto de regulamento não poderia ser mais constrangedor. Tão pouco existe o direito de apresentar projectos alternativos; as propostas de alteração não têm direito a ser publicamente apresentadas, muito menos discutidas ou votadas, sendo outrossim apreciadas à puridade por uma onipotente «comissão de redacção», que discricionariamente aceitará as que entender, incorporando-as no projecto final de documento oficial, rejeitando sem apelo nem agravamento as demais, que nem sequer ficam a ser individualmente conhecidas. Não existe votação de propostas alternativas, nem discussão e votação na especialidade

das propostas de emenda que não tenham sido acolhidas pela «comissão de redacção». A intervenção dos delegados fica condicionada à autoridade da mesa do Congresso, cujos critérios não são conhecidos e para cujas decisões não se prevê recurso.

Tudo se conjuga para um Congresso à moda antiga, totalmente dominado pelo aparelho, sem alternativas e sem debate delas, em que, tanto na fase preparatória como no próprio decorrer do Congresso, as opiniões discordantes, se expressas (venecendo inibições e con-



«No seu celebrado livro "O Partido com Paredes de Vidro" (1985), Álvaro Cunhal insistia na necessidade de (...) 'manifestar solidariedade ao PCUS e aos demais partidos comunistas' (Ob. cit., p. 262). Como se vê, o que aí falta em distanciamento e reserva, abunda em concordância e solidariedade»

strangimentos de toda a ordem), são totalmente ineficazes, e onde as propostas de alteração, naturalmente limitadas a questões pontuais, só serão aceites quando se destinem a «aperfeiçoar» ou «enriquecer» os documentos oficiais. É, mais uma vez, a versão *unicitária* e *unanimista* que se procura, visando uma função puramente aclamatória de decisões previamente foadas e de plebiscitação da direcção.

O que é espantoso é que, nas actuais circunstâncias, se possa ter pensado que com tal esquema se iria poder convencer alguém da democraticidade e genuinidade do Congresso, conseqüir a mobilização dos militantes para os seus trabalhos e garantir autoridade para as suas decisões. Resta saber quem, fora os bem-intencionados impenitentes e os eternos convictos da infabilidade da direcção, estará disposto a investir ou deixar-se envolver em tal operação de legitimação. Aquilo que há um ano e meio já se revelou inaceitável, corre

agora o risco de se apresentar como uma *reprise* desprovida de qualquer credibilidade. Já não bastava que o Congresso tivesse sido convocado para quase nada, impedido que está de alterar o programa, os estatutos e a composição do Comité Central; ainda se soma a sua inanidade em termos de construção de alternativas e de debate livre e profícuo acerca do estado do partido.

Além disso, como é que, com tais regras unicitárias, se quer convencer alguém da sinceridade das proclamações de abertura e de autocrítica do PCP, para não

isso, que o partido já não tem emenda.

As culpas dos outros

«Não podemos ser responsabilizados pelos erros dos outros partidos comunistas», disse Álvaro Cunhal na conferência de imprensa de apresentação pública das Teses para o Congresso. Nada poderia traduzir melhor do que essa afirmação a mistificação e a desculpabilização com que as teses oficiais encaram o colapso do mundo comunista no Leste europeu, bem como a posição do partido nesse contexto.

Três ideias-mestras atravessam esse discurso auto-justificador. Primeiro, a derrocada do «socialismo real» deve ser imputada não à doutrina em que se baseou - o marxismo-leninismo -, mas sim e apenas a «erros, desvios e distorções» do «ideal comunista». Segundo, o PCP não estava a par da «real dimensão e gravidade» desses «erros, desvios e fenómenos negativos» e confiou demasiado na capacidade de correcção e auto-regeneração dos regimes comunistas. Terceiro, o PCP está isento desses traços negativos, dado que há muito definiu no seu programa e na sua acção posições diferentes daquelas.

Lê-se e pasma-se! Como é que é possível que isto seja dito com convicção? Quem é que pensa que pode levar isto a sério? A verdade é que nada disso é minimamente convincente. Primeiro, não pode levar-se à conta de simples «erros, desvios ou distorções» aquilo que em todo o lado, em todas as circunstâncias e permanentemente produziu os mesmos resultados; o defeito está na doutrina e não na prática viada dela. Depois, é evidente que, por mais que a direcção do partido quisesse iludir-se, ela não poderia deixar de conhecer o suficiente de tais «erros, desvios e distorções» para não poder silenciá-los sem convicção com o estado de coisas que os produziu; acresce que o compromisso oficial do partido com o socialismo oficial não se limitou ao silêncio, antes consistiu na solidariedade activa e permanente, desde o apoio aos seus episódios mais trágicos (Hungria, 1956; Checoslováquia, 1968; Tiananmen, 1989), até ao elogio mais ou menos desmesurado (como a célebre metáfora do «sol da terra», a meio dos anos setenta, no auge do estalinismo brando que foi o brejnevismo). Finalmente, como abaixo se mostrará, não se verifica ter existido qualquer significativa demarcação teórica ou doutrinária nas posições oficiais do partido em relação

ao corpo ideológico identificado com o comunismo soviético.

O contrário é que é verdade. Nunca pusemos em causa como partido, em nenhuma circunstância, a *consonância de ideias e de posições com os partidos comunistas no poder*; ainda em 1989 justificámos e abastivemo-nos de condenar a repressão em Pequim, e enviámos uma saudação amistosa ao Congresso do Partido Comunista Romeno, poucos dias antes do seu estertor repressivo, quando a sua verdadeira face despótica estava à vista de toda a gente. Sempre nos demarcámos, sim, mas foi daqueles partidos que em algum momento ousaram distanciar-se do «comunismo real» e do PCUS - assim aconteceu com o comunismo jugoslavo e com o PCI -, cujas posições de autonomia não hesitámos em denunciar como «desvios ideológicos» e como infracção do «internacionalismo proletário».

Essa atitude de solidariedade activa, no plano político e ideológico, era de resto orgulhosamente assumida como exigência teórica da «independência de classe» do partido face às concepções burguesas. No seu celebrado livro *O Partido com Paredes de Vidro* (1985), Álvaro Cunhal explicava que o partido «afirma e confirma a sua independência (...), dando alto apelo e divulgando as realizações da URSS e demais países na construção do socialismo»; e, depois de condenar os que, a pretexto de uma via própria para o socialismo, «críticam sistematicamente a realidade dos países socialistas» (o que era uma óbvia referência ao PCI), Álvaro Cunhal insistia na necessidade de «divulgar as realizações históricas do socialismo» e de manifestar «solidariedade ao PCUS e aos demais partidos comunistas» (Ob. cit., p. 262). Como se vê, o que aí falta em distanciamento e reserva, abunda em concordância e solidariedade. Não é decente nem digno que ora, em vez de, como partido, assumirmos com coragem e crítica a nossa quota de responsabilidade, optemos por sacudir a água do capote, tentando apagar do nosso passado os compromissos activos com os partidos agora caídos em desgraça, enquanto incensamos as suas realizações quando eles se encontravam no Poder. A operação é tanto mais imprópria, quanto é certo que simultaneamente continuamos a silenciar e tentamos pôr debaixo do tapete o mau desempenho dos regimes comunistas que ainda se mantêm impenetráveis à mudança - casos da

China, da Coreia do Norte, do Vietname e de Cuba -, os quais, por coincidência, são também aqueles em que mais se revelam hoje os traços mais evidentes de autoritarismo político num contexto de ausência de uma genuína cultura política democrática. Denunciamos agora, *a posteriori*, as distorções e desvios, lá onde os regimes comunistas acabaram ou estão em vias de profunda reforma, e onde os partidos comunistas foram apeados do Poder, ou se encontram num processo de acelerada reconversão democrática; mas continuamos a silenciar de forma ostensiva precisamente os mesmos ou piores «erros, desvios e distorções» em países em que os partidos comunistas ortodoxos continuam no Poder, resistindo à mudança à custa de medidas repressivas que em alguns casos não deixam nada a desejar aos velhos métodos de aniquilação massiva. Será que primeiro precisamos de conhecer em toda a sua «real dimensão e gravidade» a situação nesses países para nos darmos conta e nos demarcarmos dos «erros, desvios e distorções», que neles se reproduzem, em alguns deles de forma agravada (como sucede com o verdadeiro Estado policial chinês e com o despotismo fundamentalista coreano)? Será que só descobrimos os erros quando eles pertencem ao passado, e somos incapazes de os ver e de os denunciar quando eles ainda existem no presente? Ou será que, tendo agora a «coragem» de bater em cães mortos, continuamos a considerar uma questão de honra não beliscar os que permanecem no Poder? E quando esses últimos sobreviventes do sistema mundial do «comunismo científico» também caírem ou se reformarem - pois também chegará a sua vez! -, iremos nós, de novo, repetir que afinal também aí se estavam a verificar «erros, desvios e distorções do ideal comunista» de que o partido, mais uma vez, não tinha inteiro conhecimento?

E, quanto à história passada, como é que podemos vir agora falar em «erros, desvios e distorções do ideal comunista», sem concomitantemente procedermos à revisão formal das posições oficiais que adoptámos em relação a alguns dos mais trágicos acontecimentos de 75 anos de comunismo? Por exemplo, vamos manter sem reexame o juízo que fizemos (e que ainda não abandonámos oficialmente) de que a intervenção militar externa na Hungria e na Checoslováquia nos anos 50 e 60 constituiu um acto de

legítima defesa face à «subversão contra-revolucionária»? Vamos persistir sem alteração no apoio que demos à repressão chinesa no ano passado? E se, porventura, nos próximos tempos, se verificarem novos movimentos populares a favor da democratização na China, na Coreia ou em Cuba, que é que vamos fazer? Apoiaremos ou abster-nos-emos de condenar a repressão, se ela se verificar, ou, no caso de ela não resultar, como ocorreu na Roménia, e a sublevação anticomunista triunfar, viremos mais uma vez *ex post facto* assacar a responsabilidade aos «erros, desvios e distorções do ideal comunista» dos partidos comunistas que presentemente nos abstermos de criticar?

Estas perguntas não podem ficar sem resposta no Congresso do PCP. Poucos militantes e ninguém fora do partido compreenderá ou aceitará que elas sejam escamoteadas. O que também não pode ser silenciado com a declaração cautelar de que «não somos responsáveis» é justamente a questão da efectivação da *responsabilidade dos dirigentes do partido*. De facto, não pode eximir-se à responsabilidade perante os militantes uma direcção que se vê obrigada a admitir que «não foi suficientemente atenta à situação nos países socialistas (...), não teve em conta e por vezes contrariou informações e críticas provenientes de outras fontes, incluindo membros do partido, e não deu ao partido elementos de informação e esclarecimento que evitassem a criação de uma imagem idealizada de socialismo, tendo como referencial os países socialistas».

A confissão é patentemente incompleta, pois não só se não contrariou essa imagem paradisíaca como, pelo contrário, ela foi alimentada por todos os modos, considerando-se crime de lesa-socialismo a crítica ou as reservas em relação às realizações do mundo socialista. Seja como for, há aqui um problema de prestação de contas, e ele consiste em que os dirigentes não podem eximir-se impunemente ao julgamento do partido. Algo continua essencialmente errado se o Congresso, em vez de servir para apurar responsabilidades nesta matéria, for transformado num instrumento de indevida amnistia. O mínimo que se poderia esperar de uma direcção responsável era que pusesse o seu lugar à disposição do Congresso; em vez disso, porém, o que ela se propõe fazer é censurar aqueles que de há muito vinham alertando para a situação!



«Mais uma vez, a direcção cedeu à tentação de transformar o Congresso numa demonstração de força contra os críticos e de exibição de uma prova do repúdio das supostas 'manobras fraccionistas'»

informação TLP

CAMPO PEQUENO

ALTERAÇÃO DE NÚMEROS DE TELEFONE

Preparando um aumento e renovação das suas infraestruturas, os Telefones de Lisboa e Porto, informam que na noite de **30 para 31 de Março**, entra em serviço a unidade digital da **Central do Campo Pequeno**, o que leva à alteração do seguinte prefixo telefónico.

DE
73DDDD

PARA
793DDDD



Telefones de Lisboa e Porto S.A.

público e privado

CONTRA A INVEJA: COMPETIÇÃO OU CONVENTO

São mais invejosas as sociedades antigas ou as modernas? As antigas, seguramente. A ideia de que o mundo primitivo e o rural eram formados por comunidades cheias de harmonia e serenidade é destituída de fundamento. A inveja nasce da observação do vizinho, do confronto com quem nos é semelhante. Na sua forma primitiva é a inveja do alimento, desejo de nos apossarmos daquilo que o outro come. Atinge, pois, o seu auge nas pequenas comunidades, onde todos sabem tudo de todos, em que se confrontam entre si.

Neste caso, para que uma inveja feroz seja desencadeada basta uma pesca mais abundante, uma caçada com êxito, basta que um tenha maior número de filhos ou sobressaia em qualquer coisa. Então, cem braços se levantam para o derrubar, para o juntar aos outros. E agindo deste modo, propagando a igualdade, aumentam as premissas para uma inveja ainda maior e mais destrutiva.

A literatura etnológica mostra-nos que o homem primitivo vive obcecado pelo terror da inveja dos outros, que se manifesta sob a forma de bruxedo e mau-olhado. Todos têm medo de se evidenciar, permanecendo, portanto, imóveis e evitando as inovações.

Uma primeira fuga a esta estagnação motivada pela inveja dá-se quando, devido ao excedente criado pela agricultura, se vai formar uma aristocracia e uma casta sacerdotal. Estas protegem-se da inveja das massas criando uma distância sagrada, incolmatável. É a época dos faraós, dos soberanos divinizados. O segundo salto para a frente dá-se na Grécia. Aqui não existem impérios, mas pequenas cidades-estado onde a inveja pode ser destrutiva. Os gregos conseguiram dominá-la, não porque a refutassem, mas porque a transformaram em emulação, em competição individual. Todos os indivíduos são convidados a competir dentro de estritas regras de jogo. Em todos os campos. A começar pela economia, cujo êxito ou fracasso são decretados pelo mercado. Mas também no campo da filosofia,

onde, ao sábio não é permitido fechar-se em si mesmo, como os sacerdotes egípcios ou os gurus indianos. Deve, antes, fazer a experiência diante de todos.

O mesmo se passa na política. O demagogo deve apresentar as suas propostas de imediato, diante do povo e, em seguida, corresponder com acções.

Existiam, pois, as competições artísticas, dondesaíram as grandes tragédias clássicas, e as desportivas, que culminavam em Olímpia.

Nós somos filhos desta civilização. Depois de uma longa interrupção que durou quase dois mil anos, a sociedade europeia encontrou o seu dinamismo reaceitando a competição com regras, colocando-a na base das grandes instituições económicas, políticas, científicas. Qualquer outra tentativa mostrou-se falível. Revelou-se sobretudo falível a tentativa de eliminar a inveja aceitando-a como positiva, seguindo a sua orientação, isto é, derrubando todos aqueles que queriam subir, todos os que desejavam criar alguma coisa. Reproduzindo uma vez mais o que aconteceu nas sociedades primitivas, na ilusão de que, incrementando a igualdade, despoitaria milagrosamente a amizade recíproca.

Este mito pôde formar-se e reformar-se porque, efectivamente, na fase inicial dos movimentos colectivos, na fase nascente, cria-se uma extraordinária fraternidade, uma extraordinária solidariedade, e a inveja eclipsa-se durante algum tempo. Em certos casos, este espírito frutifica em instituições especiais - pense-se nas ordens monásticas, em ordens mendicantes, como os franciscanos. Mas, para a sociedade no seu conjunto, este projecto é um malogro. As comunidades igualatárias são obrigadas a manter-se unidas por meio de terríveis pressões psicológicas. Nos outros casos, a igualdade é confiada a organismos burocráticos que rapidamente se corrompem.

O colapso dos regimes comunistas do Leste europeu é o último acto, a conclusão trágica e grotesca desta tentativa.



Francesco Alberoni

Exclusivo «DL»/
Corriere
della Sera
(trad. de Manuela
Ferreira de Almeida)

O CARTEL DA ANSIEDADE

Friedrich Nietzsche, que pensava o pior possível dos alemães, dizia dos seus compatriotas que só eram capazes de viver ou no passado, ou no futuro. Sem um excessivo sentido político e menos do que sensatos, oscilavam entre o medo de serem invadidos e a tentação de se expandirem, quando a sua ansiedade se transformava em vontade de demonstrar a força da potência central: faziam com que a história se repetisse, sempre que tentavam evitar a sua repetição.

Depois da última guerra, o dito de Nietzsche passou a ter honras de consagração constitucional. A Lei Fundamental da República Federal da Alemanha definia este Estado como um Estado incompleto, cuja legitimidade soberana dependia de uma nova unificação da Alemanha, que se realizaria se e quando os cidadãos da zona de ocupação soviética pudessem livremente exercer o seu direito à autodeterminação. O futuro da Alemanha era a sua restauração ou, pelo menos, uma nova unificação, a qual, nem por ser geralmente tida como improvável, deixava de ser o futuro presente de uma nação órfã e de uma comunidade dividida pela linha de demarcação que separava os exércitos das potências vencedoras.

As eleições parlamentares de 18 de Março - o primeiro e o último acto propriamente democrático da República Democrática Alemã - marcaram o fim da divisão da Alemanha repartida, a partir de 1949, entre dois Estados criados respectivamente nas zonas de ocupação ocidentais e na zona de ocupação soviética. De facto, estas eleições funcionaram como um referendado antecipado sobre a unificação dos dois Estados; que se tornara inevitável desde que o Partido Comunista se rendera e se metamorfoseara em Partido Social Democrata para se somar ao coro de Leipzig, que reclamava uma única pátria alemã. Com efeito, na ordem interna, a legitimidade da existência da RDA resultava tão-só da natureza do seu regime, o qual, certo da sua ciência, também anunciava uma outra reunificação da Alemanha, sob a autoridade do partido que representava a irresistível marcha da história para o seu fim.

Na ordem externa, a divisão da Alemanha era a trave mestre da casa em que os europeus viveram os últimos quarenta anos. Foi demolida antes que alguém tivesse seriamente pensado em como a substituir.

É verdade que era imprudente assentar a estabilidade europeia no Muro de Berlim. Foi o que admitiram os antigos aliados - os Estados Unidos, a União Soviética, a Grã-Bretanha e a França - na sua primeira reunião com os dois Estados alemães, imediatamente antes das eleições de 18 de Março, ao retirarem a sua proposta de enquadramento do processo de reunificação (quatro mais dois) a benefício da posição alemã (dois mais quatro). Se o resultado das duas adições seria provavelmente sempre igual a um, a inversão dos seus termos significou a devolução do processo de reunificação aos próprios alemães. Eis o que deveria ter sido feito logo a seguir à guerra, de resto em coerência com as decisões da cimeira de

Potsdam, e antes de instalar o confronto entre as potências vencedoras. O acordo de Otava é a resposta à adivinha de um dirigente russo com graça: a «guerra fria» terminou e sabem quem ganhou?

Naturalmente, a ironia da situação não é igualmente apreciada por todas as partes. Sente-se mesmo pairar uma certa saudade pelos bons velhos tempos em que eram fundamentalmente claras as clivagens estratégicas e políticas entre o comunismo e o liberalismo, entre o Oeste e o Leste. Todavia, esta é uma posição indefensável e ridícula, pelo menos do lado das potências ocidentais, uma vez que o processo de unificação segue os princípios que sempre reclamaram. Apesar disso, a preocupação dos aliados ocidentais da Alemanha continua a ser a mesma, antes e depois de se ter tornado irreversível a reunificação - que a Alemanha entre à deriva ou, pior, que encontre o seu *Sonderweg*, o seu caminho específico, ou que procure uma alinça com a União Soviética. A maior diferença está nos sinais que indicam uma tendência para substituir a percepção da ameaça de uma hegemonia alemã sobre a Europa à da ameaça soviética, embora a União Soviética, malgrado o seu desarmamento ideológico, não ter deixado por isso de ser a primeira potência continental, nem se ter tornado, longe disso, uma potência ocidental, ou um Estado de direito.

Mais preocupante é constatar que ninguém parece ter uma ideia sólida sobre como restaurar a estabilidade europeia. Em certo sentido, as posições estão trocadas: enquanto os alemães, por uma vez, vivem intensa e excessivamente o seu presente, os seus aliados e os seus adversários só se conseguem rever no passado ou no futuro, entre o regresso a um clássico equilíbrio entre as potências à maneira do século passado (impossível, mas provável) e um estado ideal que levasse a Europa, com alegria e em paz, dos Açores até às Curilhas (possível, mas improvável).

É certo que o período de transição aberto pela crise soviética, que levou à remoção do pilar principal da antiga estabilidade europeia, não poderá deixar de ser dominado pela incerteza e está semeado de perigos, o maior dos quais é a possibilidade de uma decomposição descontrolada da União Soviética. Mas não é menos claro que não há nada de bom a esperar do cartel das ansiedades como se tende a formar à volta da «questão alemã», o qual se pode revelar, desde logo, o caminho mais curto para regressar ao velho ciclo da instabilidade europeia. O pior não é sempre certo, tal como no passado não era inevitável. A Alemanha é, neste momento, mais ocidental do que jamais o foi, e terá de reconhecer que foi por o ser que a reunificação em liberdade se tornou possível. Por essa mesma razão, vale a pena fazer com que se faça também

para a liberdade e é esse propósito que pode voltar a dar aos ocidentais o sentido da sua acção, a força do princípio que pode voltar a dar aos ocidentais o sentido da sua acção, a força do espírito que os trouxe, para sua grande surpresa, até ao limiar do fim da divisão europeia sem guerra. À falta de visão, há que opor a esperança e continuar a ser vigilante.



Carlos Gaspar

INTERNACIONAL

Calma tensa na Lituânia

O Presidente soviético, segundo o «Le Monde», estará a preparar medidas que permitam o acesso da república à independência. Este facto poderá, no entanto, criar a Gorbachev uma forte contestação por parte do Exército

A situação em Vilna é descrita como sendo hoje «calma» pelo Presidente da Lituânia, Vytautas Landsbergis. Ontem, a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, manteve um contacto telefónico com o Presidente soviético Mikhail Gorbachev, que terá decorrido em clima de «confiança e compreensão mútua». No entanto, o impasse mantém-se no que se refere ao motivo essencial do diferendo Vilna-Moscovo: a recusa do Kremlin em reconhecer a declaração unilateral de independência daquela república. Entretanto o jornal francês «Le Monde», na sua edição de hoje, afirma que o Presidente da URSS estaria a preparar mecanismos para impor à Lituânia um processo legal de acesso à independência, expondo-se deste modo a uma forte contestação no seio do Exército soviético.

Em declarações à televisão norteamericana, Landsbergis confessou, contudo, estar preocupado com a hipótese de as tropas soviéticas prepararem novas acções de força para confiscar as armas de caça, cuja entrega foi exigida por Moscovo.

Enquanto isto, o Governo da Lituânia suspendeu um plano para criar a sua própria guarda fronteiriça, que era um dos pontos mais polémicos no seu contencioso com o Kremlin.

As autoridades daquela república báltica disseram também aos seus concidadãos para não resistirem se



Crianças aplaudem durante uma manifestação nacionalista, promovida pela Frente Popular da Lituânia, em Vilna, a capital da república báltica

os soldados soviéticos tentassem tirar-lhes as suas armas de fogo, principalmente revólveres e caçadeiras.

«De momento, criar postos fronteiriços seria aumentar a confrontação», disse o Presidente lituano.

Ontem a Suécia ofereceu-se como sede para possíveis conversações entre o Governo soviético e os dir-

igentes lituanos, segundo o ministro sueco dos Negócios Estrangeiros, Sten Andersson.

Uma delegação da Lituânia anunciou, anteriormente, em Oslo, que a Lituânia deseja negociar com Moscovo, mas num país Ocidental.

Ordem «será restabelecida»
Um representante do Ministério

da Defesa da URSS, citado pela Tass, afirmou que «não deve haver dúvidas de que a ordem será restabelecida no território da Lituânia».

A agência acusa as autoridades lituanas de continuarem a «campanha propagandística», visando «descreditar o Exército soviético» e as «forças separatistas» de estarem a incitar os militares lituanos a

desertar.

Segundo ainda a Tass, os órgãos do interior da república «recusam-se a tomar medidas para deter os desertores e devolvê-los às unidades». Refira-se que foi exactamente a detenção dos desertores que há dias provocou a ocupação de edifícios públicos por parte das tropas soviéticas.

Bush defende prudência

O Presidente norte-americano, George Bush, defendeu ontem a sua posição de prudência face à crise lituana, afirmando aos membros do Congresso que entende dever ter uma atitude «responsável».

Vários parlamentares tinham apelo a Bush a ir reconhecer as autoridades lituanas, que declararam a independência unilateralmente.

«Pensamos que devemos ser mais agressivos (...). Devemos fazer qualquer coisa», afirmou o representante da minoria republicana no Congresso, George Newt Gingrich, durante um encontro com o Presidente na Casa Branca.

Mas Bush respondeu, segundo a sua porta-voz, Marlin Fitzwater, que tinha «a responsabilidade de influenciar os acontecimentos de modo a que se produzisse a liberdade e uma conclusão conveniente para ambas as partes em conflito».

Redacção DL/Lusa/AGP/
Le Monde

Radicais provocam divisão no PC soviético

Comunistas radicais eleitos para o Governo local de Moscovo e Leninegrado distanciaram-se dos colegas conservadores, originando uma divisão do partido na capital soviética, segundo a Imprensa moscovita.

Enquanto prosseguem os preparativos para a primeira sessão do Conselho das Câmaras, os comunistas radicais de Moscovo ignoraram um apelo do chefe do partido, Yuri Prokofyev, para actuarem em bloco.

Em Leninegrado, os reformadores rejeitaram uma proposta do presidente da câmara, Valery Khodyrev, que apontava para o adiamento da primeira sessão da nova câmara, resolvendo antes antecipá-la para 3 de Abril. Dirigentes do partido, incluindo Prokofyev, admitiram como inevitável uma divisão dos comunistas em pelo menos dois partidos - conservadores e reformistas. Entretanto, pela primeira vez na sua história, os parlamentares soviéticos interpelaram ontem os membros do Governo, revelou a agência noticiosa Tass, sem contudo fornecer pormenores.

A agência acrescentou que os relatórios governamentais serão a partir de agora apresentados ao Parlamento todas as últimas quartas-feiras de cada mês.

Durante os trabalhos de ontem, o Parlamento aprovou uma emenda à lei do serviço obrigatório, determinando que a partir de agora o recrutamento se fará, não por despacho do ministro da Defesa, mas por deliberação do Conselho de Ministros.

O Presidium do Soviete Supremo da federação russa, por seu turno, analisou o resultado das últimas eleições, concluindo ter havido fraca representação do eleitorado e algumas irregularidades, pelo que a votação terá de ser repetida em algumas circunscrições.

O projecto de novos estatutos do PCUS, agora divulgado, afirma que o funcionamento do partido assenta no «centralismo democrático», posição que não constava da versão inicial do documento.

O projecto diz, no entanto, que «a minoria tem o direito de defender a sua posição, fixar nos protocolos pareceres particulares e exigir o exame repetido dos litígios».

Redacção DL/Lusa/Novosti

URSS contra revisão económica na RDA

A União Soviética considera «absolutamente inaceitável» que a reunificação alemã dê lugar a uma revisão dos direitos dos actuais proprietários de bens e terras da RDA.

Uma declaração do Governo soviético divulgada na terça-feira refere que «o país defende a observância da legalidade das relações de propriedade na RDA», contra as tentativas de as questionar em «caso de criação de uma união monetária e uma comunidade económica com a RFA e no caso do aparecimento de uma Alemanha unificada».

A declaração da URSS sustenta que as duas Alemanhas, no seu processo de unificação, devem reconhecer a legalidade das medidas económicas tomadas no âmbito do programa de desmilitarização e desnazificação da Alemanha executada entre 1945 e 1949 pela administração militar soviética.

Essas medidas traduziram-

se ma entrega às potências aliadas da indústria militar alemã e na reforma agrária, em que foram confiscados 2,85 milhões de hectares de terras pertencentes a criminosos de guerra ou a proprietários de áreas superiores a 100 hectares.

Estas terras foram distribuídas aos camponeses sem ou com pouca terra, pessoas deslocadas e explorações populares.

«Seriam absolutamente inaceitáveis as tentativas, caso apareçam, de disputar os direitos dos actuais proprietários da terra e de outros bens na RDA, adquiridos em tempos por acordo ou por decisão da parte soviética, que se guiou pela declaração de derrota da Alemanha, os acordos de Potsdam e outras deliberações dos quatro vencedores da II Guerra Mundial», frisa o documento.

Até ao momento desconhece-se qualquer reacção ao comunicado por parte das novas autoridades leste-alemas.

Por seu lado o chanceler Kohl mantém tenazmente o seu «plano de viagem para a unidade alemã», apesar das objecções de peritos e das dificuldades na formação do novo Governo em Berlim-Leste. O plano de Helmut Kohl prevê a concretização de união monetária o mais tardar a um de Julho deste ano, em simultâneo com o início da união económica e social.

O chanceler da RFA disse ontem ao matutino federal-alemão «Sueddeutsche Zeitung» que, em sua opinião, as primeiras eleições em toda a Alemanha deveriam realizar-se já para o ano, após as quais se constituiria um Governo unificado.

O chefe do Governo da RFA advoga também que Berlim deve ser a capital de uma Alemanha unida e anunciou estar a preparar uma «declaração inequívoca e cristalina» para renunciar aos antigos territórios alemães a leste da linha Oder-Neisse.

Esta declaração, segundo

pensam círculos dirigentes da CDU de Bona, visa alcançar uma outra de Margaret Thatcher publicada numa recente entrevista ao «Der Spiegel».

A primeiro-ministro britânica afirmou à referida publicação, na passada segunda-feira, que Kohl «tinha declarado não estar disposto a reconhecer a fronteira ocidental polaca».

Helmut Kohl anunciara há poucas semanas que seria um «chanceler de toda a Alemanha a fazer uma declaração vinculativa sobre tal fronteira».

Mas, sobre a questão, os dois líderes governamentais têm oportunidade de confrontar os seus argumentos hoje e sexta-feira na Grã-Bretanha. Os dois líderes encontrar-se-ão esta noite num jantar na cidade de Cambridge, oferecido para celebrar os 40 anos de uma organização anglo-alemã e, sexta-feira, haverá um novo encontro em Downing Street.

Novosti/AFP/Lusa

URSS-Cuba: um amor austero?

Um documento publicado no começo deste mês pelo jornal «Izvestia» veio revelar que Cuba é o país que maior dívida tem para com a União Soviética. A dívida de Havana era aí avaliada em 15,49 milhões de rublos, de um total de 85,8 mil milhões de rublos, que são devidos à URSS por um conjunto de 12 países socialistas e 49 do «terceiro mundo».

Foi a primeira vez que os soviéticos puderam conhecer o montante dos créditos que lhe são devidos. Até agora os analistas soviéticos referiam-se a dados de fonte ocidental para tratar a questão, bastante «quente» na União Soviética, por causa das dificuldades económicas, que tem uma dívida externa de cerca de 40 mil milhões de dólares.

Mas o problema não está só aí. Cuba, que beneficia desta importante ajuda soviética, tornou-se nos últimos tempos num dos principais críticos da política soviética. O «líder máximo», Fidel Castro, não esconde a sua desaprovação face às mudanças democráticas verificadas na URSS e na Europa de Leste. A direcção cubana está preocupada e, entre as razões desse facto, em último lugar não figuram certamente as posições, defendidas na URSS, de dar às relações económicas bilaterais um carácter mais racional.

Os funcionários soviéticos consideram que não se passa nada fora do normal. A visita de Gorbachev a Cuba, há um ano, acalmou provisoriamente as primeiras críticas. No entanto, elas voltaram a aparecer, mas os responsáveis soviéticos têm-se mantido em silêncio.

Se bem que a questão não tenha resvalado para a polémica aberta, os soviéticos já puderam tomar conhecimento dos modestos sucessos obtidos na economia pelos seus parceiros cubanos, dos desperdícios havidos no quadro da ajuda soviética e da reexportação por Cuba do petróleo soviético. Também as afirmações de Fidel Castro em pessoa sobre a «perestroika» não são segredo para ninguém.

Facto paradoxal, enquanto que a Imprensa soviética se interroga sobre a utilidade de manter o volume anterior do financiamento do modelo cubano de socialismo, enquanto nos mais prestigiados fóruns - a começar nas sessões parlamentares e a acabar nos plenários do CC do PCUS - se aborda essa questão, as instituições executivas não parecem estar a encarar mudar o que quer que seja na cooperação soviética-cubana.

A Ilha acaba de receber um lote de «Mig's» soviéticos, facto que preocupa os Estados Unidos. Numa recente entrevista, o secretário de Estado norte-americano, James Baker, invocou os fornecimentos de armas soviéticas a Cuba como sendo um dos graves problemas que pesam nas relações entre Moscovo e Washington.

O Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros replicou que os americanos nada têm a temer, porque se tratou de um fornecimento normal de armas defensivas. Há muito projectado, este fornecimento efectua-se no quadro de um acordo inter-governamental, foi dito.

O balanço do voto na comissão da ONU para os direitos do Homem confirmou uma vez mais que a política da URSS em relação a Cuba não sofre modificações. Enquanto que quatro países da Europa de Leste votaram a favor da resolução sobre Cuba, patrocinada pelos Estados Unidos, a União soviética opôs-se.

Resta saber por quanto tempo permanecerá a distância entre a opinião soviética e a política oficial de Moscovo na cooperação com os cubanos. Ninguém na URSS quer exportar a «perestroika» para Cuba, porque é aos cubanos que cabe escolher o modelo de socialismo que mais lhes convém.

Fidel Castro lançou uma nova palavra de ordem: «Socialismo ou Morte». A doutrina soviética da «perestroika» é baseada na prioridade dos valores universais. Um jornalista soviético qualificava a cooperação com Cuba como um «amor austero», mas pode bem acontecer que da parte de Moscovo esse «amor» se venha a revelar mais «austero» do que hoje.

Mikhail Baklanov

Exclusivo «DL»/Novosti

Durante anos os EUA reclamaram a livre saída dos judeus da URSS. Agora, com a liberalização, estão a pôr entraves a imigração, obrigando Israel a receber um fluxo populacional, calculado em meio milhão nos próximos cinco anos

Vicissitudes do êxodo judeu da URSS

Judeus, arménios, alemães, gregos... A nova onda de emigração da URSS é largamente superior à do ano passado. Movidas pelo desejo irresistível de encontrar no estrangeiro uma vida mais abastada e mais feliz, dezenas de milhar de pessoas passam longas horas em bichas junto a embaixadas em Moscovo à espera do seu visto de entrada.

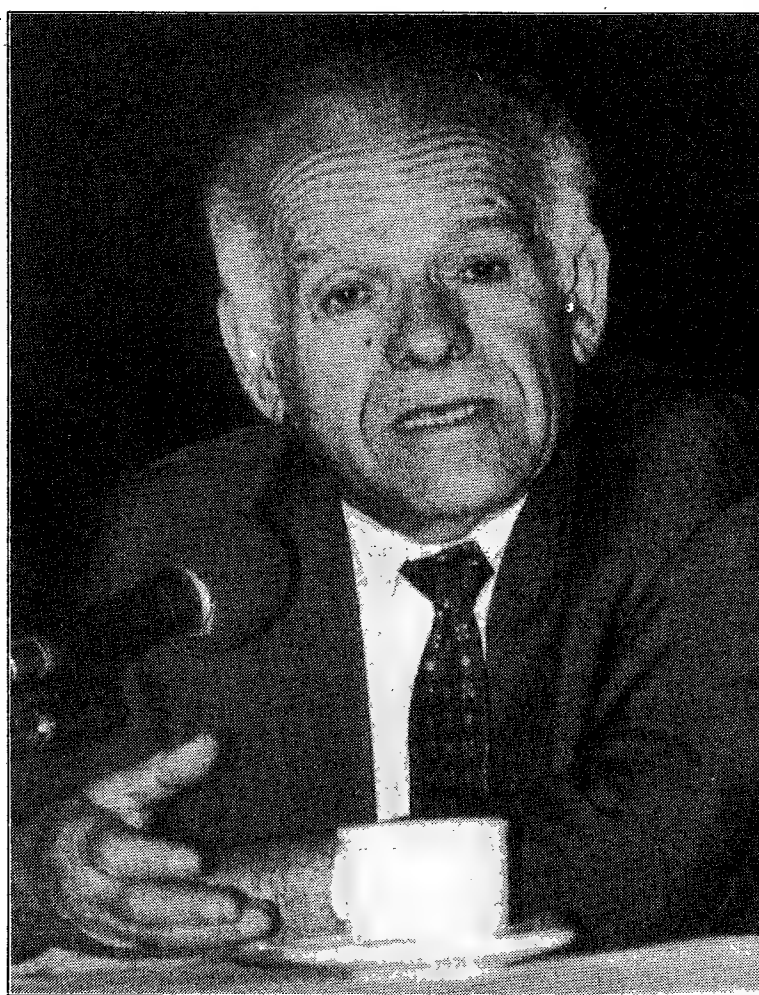
Se, em 1989, 235 mil soviéticos emigraram para quatro países (EUA, Israel, RFA e Grécia), este ano já foram apresentados 237 mil pedidos de visto de entrada só nos Estados Unidos. Se até agora a maioria dos emigrantes soviéticos eram judeus, hoje 83 por cento deles são arménios.

Essas mudanças têm duas causas: primeiro, quase 800 mil arménios ficaram desalojados em consequência do terramoto de 1988 e do conflito com o Azerbaijão; segundo, os Estados Unidos adoptaram uma nova política de imigração.

Por mais paradoxal que pareça, bastou a Moscovo liberalizar completamente o regime de emigração dos judeus (102 mil no ano passado) para que os Estados Unidos, que o reclamavam energicamente há anos, tomassem medidas - fixação de limites rigorosos de imigração, estudo selectivo dos pedidos de visto e entrega de vistos de entrada em Moscovo - para limitar drasticamente a entrada de judeus soviéticos no seu território nacional.

A partir de agora, as pessoas que obtêm em Moscovo um visto de entrada em Israel são obrigadas a viajar para Telavive e não para Roma. É que, até agora, 90 por cento dos emigrantes mudavam de rota e seguiam para os EUA em vez de Telavive.

Quaisquer que sejam os motivos políticos dessa medida de Washington, o seu sentido económico é óbvio: a possibilidade de poupar dezenas de milhões de dólares que se gastavam com a estada temporária de «refugiados soviéticos» em Roma. O estatuto de refugiado político era concedido a quase todos os judeus que emigravam da URSS. No âmbito da nova política de imigração, no ano passado, Washington recusou esse estatuto a mais de metade dos interessados em emigrar para os EUA. Em 1990, tornou-se ainda mais difícil obter esse estatuto em embaixada norte-americana em Moscovo. O Governo israelita estima



Yitzhak Shamir: «Grande imigração exige Grande Israel»

em meio milhão o número de judeus soviéticos que nos próximos cinco anos regressarão à «terra prometida». Já este ano se espera a chegada de 100 mil a 200 mil pessoas a Telavive.

«O povo de Israel aguarda com grande amor e esperança», diz Yitzhak Perez, ministro israelita para os Assuntos da Imigração, num convite endereçado aos judeus soviéticos. Que espera deles Telavive?

Em primeiro lugar, espera que a nova onda de imigrantes soviéticos dê um forte impulso ao crescimento da população judia (37 milhões de habitantes), cuja taxa de natalidade é claramente inferior à verificada na população árabe de Israel, Cisjordânia e Gaza. Depois... «a grande imigração exigirá um grande Israel. Precisamos de espaços para albergar as pessoas», diz o primeiro-ministro Yitzhak Shamir, relativamente aos planos de instalação dos imigrantes soviéticos nos territórios ocupados por Israel.

Apesar de não influir directamente no destino dos seus antigos cidadãos que partem para Israel, a União Soviética tem declarado que o plano de Shamir viola frontalmente várias normas do Direito Internacional e, em primeiro lugar, o direito das pessoas a escolher livremente a sua residência dentro de um Estado e o artigo 49 da

Convenção de Genebra que proíbe a alteração da estrutura demográfica dos territórios ocupados. A utilização da imigração soviética ao serviço das ambições políticas da direita israelita põe em causa a resolução de 1948 que a Israel, pois é evidente que a chegada de novos colonos judeus à Cisjordânia acarretará novas deportações de palestinianos. Claro que tal medida não contribui para o processo de paz na região.

A maioria daqueles a que por trás da «linha verde» se reserva o papel de reféns da política dura de Shamir são imigrantes meramente económicos e não adeptos da ideia de «grande Israel». Se fosse possível, prefeririam emigrar para os Estados Unidos a fazer rondas nocturnas nas povoações cercadas de arame farpado...

As medidas restritivas de Washington agudizaram sensivelmente a problema da emigração judia da URSS e as actuais declarações da Casa Branca sobre a inadmissibilidade da concretização do plano Shamir não passam de um tentativa de salvar as aparências.

Voos cancelados

Neste contexto, o cancelamento por Moscovo dos voos

aéreos especiais entre Moscovo e Telavive, que nos termos de um acordo entre a Aeroflot e a companhia israelita El-Al, deviam ser iniciados em Janeiro passado, surgiu como forma forçada de protesto contra a utilização da imigração soviética. A criação dessas carreiras aéreas tinha em vista transportar para Israel mais de 700 emigrantes soviéticos por dia. A renúncia ao projecto causou elevados prejuízos à parte soviética.

De resto, segundo uma fonte da Aeroflot, apesar de tudo, a rota directa entre Moscovo e Telavive funciona: os 14 voos efectuados até à data permitiram aos dois países trocar turistas, transportar para Israel elencos teatrais, conjuntos musicais, equipas de futebol e xadrez soviéticas e mesmo crianças da zona afectada pelo acidente de Tchernobyl. Enfim a rota só não pode ser utilizada para o transporte de emigrantes.

Não obstante, estes últimos continuam a partir, via Budapeste, por exemplo. Só em Janeiro, o seu número quase rondou os cinco mil.

Há quem diga que no aeroporto de Telavive são recebidos com flores, danças e a canção «O povo de Israel está vivo». Porém, nada se diz das vinte mil pessoas que todos os anos saem de Israel face a uma situação em que o crescimento económico acusa uma taxa baixíssima e o desemprego atinge um nível recorde nos últimos vinte anos.

«Acolheremos todos os judeus», assegurou recentemente Gad Ben-Ari, representante da agência judia. «Serão muitos, mas albergaremos todos».

Porém, segundo o jornal londrino «Financial Times», a «terceira onda» de imigração soviética exigirá a Israel despesas três vezes superiores às feitas no ano passado.

Espera-se que o Governo destine cerca de 600 milhões de dólares à criação de novos postos de trabalho e à reconversão profissional de imigrantes. Porém, tudo isso são projectos. Na realidade, metade dos imigrantes estão desempregados. Ainda não se começou a construir as 25 mil habitações prometidas aos imigrantes, mas em contrapartida prevê-se um aumento das rendas de casa.

Vladimir Klutchariats
Serviço Novosti/«DL»

INTERNACIONAL

«Dia do silêncio» na província jugoslava de Kosovo

Albaneses voltam a protestar contra a Sérvia

Jugoslavos de etnia albanesa, muitos deles vestidos de negro, assinalaram ontem, com manifestações e greves, um «dia de silêncio», no aniversário da decisão das autoridades sérvias de exercer maior controlo na conturbada província de Kosovo. A rádio de Pristina, capital daquela província, noticiou que a polícia sérvia dispersou várias manifestações pacíficas nas vilas de Suva Reka, Zur e nos arredores de Prizren.

Segundo relatos de jornalistas, a polícia deteve três albaneses e, na capital, aviões da Força Aérea e helicópteros sobrevoaram a cidade enquanto milhares de soldados patrulhavam toda a região.

Os jugoslavos de etnia albanesa, que representam 1,7 milhões de habitantes dos 1,9 milhões da província, protestavam contra a decisão da República da Sérvia, a 28 de Março do ano passado, de assumir maior controlo sobre Kosovo. Desde essa data, pelo menos 56 pessoas morreram na sequência de protestos violentos dos albaneses em defesa de maior autonomia. A tensão recrudesceu novamente na semana passada após as autoridades sérvias, a que Kosovo pertence, terem montado controlo directo da polícia na província para acabar com os confrontos étnicos, desta vez motivados por rumores de que alguns albaneses teriam sido envenenados.

Em Belgrado, a Federação Internacional dos Direitos Humanos de Helsínquia acusou as autoridades jugo-



Os soldados não passam despercebidos em Pristina, onde houve mais confrontos étnicos na semana passada

slavas de ter matado a tiro vários manifestantes albaneses com balas explosivas, proibidas internacionalmente.

Hester Minnema, integrado numa delegação da organização que se deslocou a Kosovo, sublinhou que estas balas - que se estilhaçam dentro dos corpos - atingiram vários dos 102 feridos examinados. As balas explosivas dum-dum, ocas ou de ponta cortada, foram utilizadas em carabinas de longo alcance de mira telescópica.

Por outro lado os comunistas da sérvia desligaram as antenas do primeiro pro-

grama independente de televisão da Jugoslávia, que ontem começou a funcionar com critérios comerciais.

«Fomos proibidos em nome de leis absurdas que brevemente irão desaparecer de emitir seja o que for sem autorização da Radiotelevisão de Belgrado, nossa única concorrente», declararam fontes do «Estúdio B».

Os telefones da «silenciada» emissora não pararam, entretanto, de tocar, devido a numerosas chamadas de solidariedade de uma audiência que aplaude a sua acção.

Este novo centro de televisão obteve todas as autori-

zações sociais e judiciais necessárias, mas faltou-lhe o «visto» da RTV de Belgrado, controlada pelo Comité Central da Liga dos Comunistas da Sérvia.

O Governo do sérvio Slobodan Milosevic, que controla toda a Comunicação Social do país excepto o diário «Borba», está preocupado com o crescente número de leitores daquele jornal. Milosevic está ainda apreensivo com a perda de leitores do «Politika», uma das instituições da imprensa balcânica, hoje fiel espelho da sua linha governamental.

Reuter/Lusa

B R E V E S

Confrontos entre facções zulus rivais

Violentos confrontos eclodiram, ontem, entre facções zulus rivais no «vale da morte», causando a destruição de dezenas de casas e obrigando a fuga de mais de 1500 pessoas da província do Natal. Unidades do exército e forças da polícia foram enviadas para tentarem controlar a violência entre adeptos do Partido Inkatha e apoiantes da Frente Democrática Unida. Segundo testemunhas oculares, o denominado «vale da morte», uma zona residencial nos arredores de Pietermaritzburg, capital da província do Natal, encontra-se em chamas.

Líder da oposição australiana demite-se

Andrew Peacock, líder da oposição australiana, anunciou hoje a sua demissão depois de ter reconhecido oficialmente a vitória do Governo trabalhista de Bob Hawke nas eleições de sábado passado. Peacock, do Partido Liberal, recusou-se a admitir durante cinco dias a derrota do seu partido, face à escassa diferença de votos existentes entre os dois principais partidos concorrentes às eleições. O presidente australiano, Bill Hayden, encarregou o líder dos trabalhistas de apresentar um novo Executivo, naquele que será o quarto mandato de Bob Hawke.

Confrontos na Costa do Marfim

A polícia da Costa do Marfim utilizou gás lacrimogénio e encerrou as ruas ao redor do palácio presidencial, no centro de Abidjan, enquanto prosseguem as manifestações contra iminentes reduções salariais. Um helicóptero militar sobrevoou o local e a polícia deteve 26 mulheres que tentavam manifestar-se perto do gabinete do Presidente Houphouët-Boigny. As mulheres protestavam contra a detenção, segunda-feira, de 127 professores universitários que se tinham manifestado contra reduções salariais.

Cuba e Washington: guerra de emissões

As emissões da televisão governamental norte-americana, TV-Marti, para Havana foram interrompidas pelo segundo dia consecutivo, anunciou o Departamento de Estado. Os ensaios da TV-Marti foram interferidas dois minutos após o início das suas emissões na terça-feira, enquanto na noite precedente a interferência deu-se depois dos primeiros 20 minutos de programação, disse a porta-voz do Departamento de Estado M. Tutwiler. As emissões experimentais terão três meses para demonstrar que poderão ser captadas em Cuba, e só então o Congresso poderá ou não aprovar um fundo para o funcionamento da televisão. Neste momento, em Cuba, não se pode ver mais do que a mira técnica daquela estação.

Detonadores nucleares

Londres impede contrabando para o Iraque

A Grã-Bretanha e os Estados Unidos frustraram uma tentativa de contrabandear para o Iraque de detonadores de armas nucleares, informaram hoje fontes governamentais britânicas.

O Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros convocou o embaixador do Iraque em Londres para o informar da decisão de deportar dois cidadãos iraquianos suspeitos de envolvimento na exportação ilegal de armas. Os dois detidos não são diplomatas.

As fontes precisaram que os detonadores foram hoje apreendidos no aeroporto londrino de Heathrow.

Dois homens e uma mulher das Linhas Aéreas Iraquianas e pelo menos mais quatro indivíduos, alguns dos quais ingleses, foram hoje detidos pelos investigadores sob suspeita de ligação com o caso.

Os Estados Unidos e Israel vinham há já algum tempo exprimindo preocupação face a informações de que o Iraque estaria interessado em produzir armas nucleares.

Relações tensas

As relações entre o Iraque e a Grã-Bretanha tornaram-se tensas há duas

semanas na sequência da execução em Bagdad do jornalista do «The Observer», Farzad Bazoft, acusado de espionagem. Londres repudiou a acusação.

A televisão independente britânica ITN noticiou que os responsáveis da Alfândega de Heathrow apreenderam os detonadores num hangar de carga do aeroporto, onde se encontravam há dias, depois de terem sido retirados de um avião de uma companhia aérea norte-americana.

«Os detonadores deveriam ter embarcado num voo das Linhas Aéreas Iraquianas para Bagdad», referiu a ITN.

Andrew Slade, da revista de defesa «Jane», assinalou que os detonadores são engenhos muito sofisticados que apenas cerca de seis países são capazes de fabricar.

Slade observou ainda que o Iraque tem uma «espantosa» capacidade de produção de mísseis balísticos, facto que causou alarme em Israel e no Ocidente.

Em 1981, aviões israelitas destruíram uma inacabada central atómica perto de Bagdad. Israel alegou então que a central se destinava à produção de armas nucleares.

Lusa

Oposição cabo-verdiana lança Movimento para a Democracia

Cerca de 600 opositores cabo-verdianos, na sua maioria quadros técnicos, subscreveram já um abaixo-assinado criticando «as bases antidemocráticas» com que o partido no poder, o PAICV, pretende organizar as próximas eleições legislativas.

Segundo disse quarta-feira a agência Lusa, na Cidade da Praia, um dos promotores, o abaixo-assinado, ainda em circulação no arquipélago, constitui o embrião de um Movimento para a Democracia, que exige «desde já» concorrer às eleições de Dezembro «em pé de igualdade» com o PAICV.

Os promotores do abaixo-assinado - adiantou a mesma fonte - aguardam ainda as assinaturas recolhidas nas ilhas do Fogo e de São Vicente, mas quinta-feira vão pedir audiências ao Presidente da República, do Supremo Tribunal de Justiça e da Assembleia Nacional Popular.

Na sua última reunião, em Fevereiro, a direcção do PAICV

- definido na Constituição como «força dirigente do Estado e da sociedade» - manifestou-se favorável à instauração de um regime pluripartidário no país.

As eleições de Dezembro para a Assembleia Nacional Popular decorrerão pela primeira vez com a participação de listas independentes do PAICV, mas a actividade de outros partidos políticos só será legalizada após a Revisão Constitucional, em 1991.

Substituir

o «sistema actual»

«Para que as próximas eleições legislativas sejam democráticas é indispensável que a sociedade se dote, desde já, de mecanismos institucionais e legais que permitam a livre expressão das diversas correntes e/ou de plataformas políticas em pé de igualdade» - defendem os promotores do Movimento para a Democracia.

Segundo o mesmo texto, «não se trata do aprofundamento do

sistema político actual, mas pura e simplesmente da sua substituição, dado que se tornou contraproducente e historicamente ultrapassado».

Os signatários defendem ainda a eleição do Presidente da República por sufrágio directo e a limitação do seu mandato.

Actualmente, o Presidente da República de Cabo Verde, que é também o secretário-geral do PAICV, é escolhido entre os deputados da Assembleia Nacional Popular.

O Movimento para a Democracia defende também o direito a greve e a criação de um movimento sindical forte, democrático e pluralista.

Um dos promotores do movimento disse que, até hoje, o abaixo-assinado foi já subscrito por mais de 500 pessoas, na sua maioria quadros, economistas, advogados e profissões liberais.

Lusa

ECONOMIA

Caso do ouro provocado por análises incorrectas

Deficiente interpretação dos sinais de risco evidenciados pela firma americana Drexel estiveram na raiz das aplicações de ouro feitas pelo Banco de Portugal nesta empresa, entretanto falida.

Tavares Moreira, governador do Banco central, proferiu estas afirmações à saída da reunião com a Comissão Parlamentar de Economia, Finanças e Plano, onde havia sido chamado para explicar este caso. De resto, no mesmo sentido, pronunciou-se Rui Machete, presidente da Comissão, ao dizer que «acreditava que se cometeram erros causados por omissões indevidas».

Aquele responsável bancário exprimiu na altura o seu convencimento de que o Estado português recuperaria a totalidade do ouro aplicado, do qual, aliás, já teriam sido recuperados 60 a 70 por cento. Para tal, Tavares Moreira alicerça-se nas opiniões de advogados portugueses envolvidos no processo, bem como na das autoridades americanas.

Questionado na altura sobre qual a sua atitude se a recuperação não fosse total, respondeu que não admitia outra hipótese que não fosse a recuperação total.

Não deixou, porém, de assumir a responsabilidade



Tavares Moreira admite a recuperação de todo o ouro aplicado na Drexel

pelo ocorrido. «Perante o País, a responsabilidade é do Banco de Portugal, do seu Conselho de Administração e, em particular, do seu governador», disse. Da auditoria interna em curso, para avaliar as condições em que o caso ocorreu, o governador do BP admitiu que possam resultar «reposicionamentos de pessoas», que não sabe se poderão atingir, inclusive, a pena de demissão. Rui Machete, à saída da reunião, admitiu a eventualidade da ocorrência de despedimentos «se houver alguém com graves responsabilidades».

Algumas fontes parlamentares notaram que, mais do

que o eventual «rolar de cabeças», uma das sequelas principais deste caso - dada por adquirida a recuperação do ouro aplicado, o que constituirá sempre um processo longo - será o enfraquecimento moral do Banco central no desempenho da função de supervisor das instituições de crédito e parabancárias.

Para suportar a observação, estas fontes referiram-se ao recente decreto 91/90, de 17 de Março, que atribui ao BP a competência de estabelecimento das normas de contabilidade aplicáveis às instituições sujeitas à sua supervisão, bem como definir os elementos que as mesmas

instituições lhe devem remeter e os que obrigatoriamente devem publicar.

Lembre-se que Portugal detinha, em Novembro do ano passado, 573,2 toneladas de ouro, administradas pelo BP, com um preço de mercado de 8045 milhões de dólares, segundo a última síntese de conjuntura mensal do Banco central.

Aquela quantidade de ouro correspondia a 16 milhões de onças livremente administradas pelo BP e a cerca de quatro milhões depositadas no Fundo Europeu de Cooperação Monetária (FECOM), ao abrigo do processo (incompleto) de adesão do escudo ao Sistema Monetário Europeu, e hoje valerá no total, à cotação no mercado de Londres, 7,4 milhões de dólares.

As reservas aplicadas pelo BP na Drexel (320 mil onças) correspondiam a 1,4 por cento da quantidade total.

Tavares Moreira afirmou recentemente que a aplicação de ouro no mercado internacional é prática corrente, os seus rendimentos são muito significativos e, comparadas com os ganhos, as perdas são desprezíveis. Na altura, considerou que só quem não está no mercado não corre riscos.

Redacção "DL"

A evidência dos factos não permitia erros

Caiba a quem couber a responsabilidade do jogo financeiro feito pelo Banco de Portugal, um dado adquirido é que 18 milhões de contos das suas reservas estão dadas como irreversíveis. A abordagem deste assunto, feita pelo «Economist» de 16 de Março, é significativa. «Fool's Gold» foi o título escolhido para uma peça onde o banco central português era nomeado, entre outros, como tendo participado numa arriscada e evitável aventura financeira.

Mesmo que o governador do Banco de Portugal assuma a responsabilidade e diga que haverá alterações internas, o que pressupõe irem rolar cabeças, continua em foco o nome do actual ministro das Finanças, na altura administrador do banco central. Tavares Moreira passa agora pela situação ambígua de, ou envolver directamente o administrador na altura, responsável estatutário por estas operações, ou assumir a responsabilidade. A dificuldade reside no facto de que o administrador de ontem é o ministro de hoje.

Portugal não será o país mais penalizado no «leasing» de ouro que fez à Drexel Trading, correctora do grupo, que investiu o resultado da venda do ouro no lançamento de «junk bonds», mas deverá ser apurado como foi possível arriscar 18 milhões de contos numa companhia que se encontrava em acelerada perda de credibilidade, por demais referida na imprensa internacional especializada, que passou a divulgar notícias inquietantes sobre o Grupo Drexel.

Investigações federais ou um até aí eventual segredo de justiça caíram no domínio público, nos Estados Unidos. Sabe-se que, quando Ian Boesky foi a julgamento, em 1987, aceitou denunciar personagens responsáveis por «inside trading» no mundo dos «take-overs». A contrapartida seria uma pena mais leve.

Logo então se tornou conhecido que Michael Milken, dirigente em Beverly Hills de uma subsidiária da Drexel Burnham Lambert, estava envolvido em inúmeros actos fraudulentos que possibilitaram o fabuloso lucro de 1,1 biliões de dólares que a Drexel registou em 1986.

Michael Milken era já conhecido, no mundo da finança, como o pai dos «junk bonds», obrigações de alto risco e elevado rendimento, normalmente designados por «unsecured subordinated», por não terem garantias reais e por os seus créditos serem satisfeitos em último lugar e destruírem-se essencialmente ao fimatimento de «leveraged buy outs», operações que permitem às administrações comprar acções das suas próprias empresas e torná-las «privadas».

Depois de Ian Boesky ter denunciado Michael Milken e a Drexel, autoridades e analistas centraram as suas atenções nesta, tendo o delegado do Ministério Público de Manhattan-Sul feito, em Janeiro do ano passado, um acordo com Fred Joseph, presidente da empresa, que aceitou confessar seis crimes, aceitou uma multa de 650 milhões de dólares e colaborou com a Administração na investigação das actividades de Michael Milken, o que permitiu à empresa evitar uma investigação que, a ser levada por diante, teria paralisado os seus activos, o que corresponderia a uma falência imediata.

Se a situação já era do domínio público, numa altura em que o Banco de Portugal já estaria envolvido, a multa à Drexel, a fragilidade do mercado de «junk bonds», em crise acentuada desde Setembro de 1989, e a falta de credibilidade da empresa, devido aos escândalos, apontavam para uma situação real de falência. É sobre este panorama que Tavares Moreira diz ter havido um possível erro de avaliação entre índices de risco e de credibilidade.

Já este ano, a 13 de Fevereiro, a Drexel pediu protecção aos credores, ao abrigo do Capítulo 11 da legislação sobre falências, o que significa que falira e passara a ficar entregue às autoridades reguladoras. Pouco haveria a fazer, a partir de então. O ouro colocado tinha sido mal negociado e, tudo apontava, estaria perdido. O governador do Banco de Portugal promete recuperar o ouro investido. Até ao momento parece ser, em todo o mundo, a pessoa mais optimista.

A.H.

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48900	54900
ALEMANHA FED. (marco)	87915	88335
ÁUSTRIA (xelim)	12940	12960
BÉLGICA (franco)	48027	48277
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127900	129950
(notas de 5 a 1000)	127950	130900
DINAMARCA (coroa)	22990	23930
ESPAÑA (peseta)	16329	16449
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	149950	153900
(notas de 5 a 1000)	150900	153950
FINLÂNDIA (marka)	37900	37960
FRANÇA (franco)	25995	26965
HOLANDA (florim)	77945	78955
IRLÂNDIA (libra)	234940	238940
ITÁLIA (lira)	9108	9123
JAPÃO (iene)	9901	9956
NORUEGA (coroa)	22960	23910
REINO UNIDO (libra)	243995	248945
SUÉCIA (coroa)	24920	24970
SUÍÇA (franco)	98930	99980
VENEZUELA (bolívar)	29720	30520

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Detergentes: Portugal atrai multinacionais

O facto de Portugal ter metade da média de consumo de detergentes da CEE torna este País potencialmente interessante, pelo que se «torna inevitável a entrada de novos parceiros no mercado», segundo afirma Ferreira Gomes, director da Lever Portuguesa. A média de consumo de detergentes em pó para lavar roupa é, em Portugal, de apenas cinco quilos por pessoa. Este baixo consumo e as elevadas taxas de crescimento levam a que as multinacionais tenham um crescente «apetite» por este mercado. Para Ferreira

Gomes, a recente «joint venture» entre a Colgate/Palmolive e a Quimigal, para produzir detergentes, «tornou a estrutura concorrencial do mercado português comparável à existente nos outros países da CEE».

Os efeitos de mais este parceiro no mercado «serão muito saudáveis», frisou, acrescentando: «Agora já operam em Portugal as maiores empresas estrangeiras do sector». Desta forma, em 1993, com a realização do mercado único, «não haverá alterações substanciais no mercado português».

Taxas mínimas de juro vão ser liberalizadas

O Banco de Portugal prepara-se para liberalizar algo que praticamente todos os bancos já fazem: a taxa mínima de juro para os depósitos a prazo que, ao abrigo da lei, ainda se encontram sujeitos à taxa obrigatória de 13 por cento. Acabando esta limitação chegam ao fim as disposições administrativas condicionantes do mer-

cado financeiro.

Contudo a hipótese posta pelo banco central nada mais fará que dar forma legal ao que é praticado em quase todos os bancos onde, segundo operadores financeiros citados pela Lusa, só não tem acesso ou recorrem os clientes menos atentos às condições que o mercado oferece.

QUOTIDIANO

Cheiro do bacalhau representa Portugal

O cheiro do bacalhau representa Portugal na primeira exposição dos odores característicos dos 12 países da CEE que foi inaugurada num museu da cidade francesa de Riquewihr.

A exposição, aberta ao público no domingo, no museu dos Correios de Alsácia, conduz o visitante «com nariz» numa viagem de sons, imagens e, acima de tudo, dos cheiros dos 12 países da comunidade. «Pelo seu poder de evocação, os cheiros são um vector de comunicação», explicou, aos jornalistas, Michael Mottsseefs, um dos organizadores da mostra.

Mottsseefs, que antes havia perfumado cabines telefónicas e autocarros em Albi, no

Sul de França, convida agora os visitantes a passear pelas suas memórias do Reino Unido com o cheiro da relva, em ambiente de piquenique.

Da Irlanda, a exposição oferece o cheiro do whisky velho; da Holanda, natas frescas; da Dinamarca, peixe fumado; da Alemanha Federal, o cheiro da canela e da Bélgica o de gordura queimada. A Grécia é evocada pelo odor do azeite e orégãos, a Itália pelo do capuccino e a Espanha pelo cheiro de touros.

A França é lembrada por um perfume criado especialmente para a exposição e o Luxemburgo é o único país que não tem «cheiro nacional», sendo representado por um cofre.

O Governo quer equipar-se com meios que previnam os efeitos negativos do intenso trânsito de superpetroleiros nas águas nacionais

Combate à poluição marítima arranca dentro de semanas

Portugal vai finalmente ter um Centro de Combate à Poluição Marítima. A promessa é do Secretário de Estado do Ambiente e da Defesa do Consumidor que anunciou, ontem, na Horta, os primeiros passos da iniciativa, a desenvolver nas próximas semanas, que deverá ter o apoio da CEE.

Macário Correia - que falava na semana da Europa, a decorrer nos Açores - salientou a importância da criação deste organismo, devido à passagem de grande número de petroleiros pelas águas nacionais.

Garantiu, ainda, que existem linhas de crédito especiais do Banco Europeu de Investimentos e programas específicos comunitários para apoiar medidas de recuperação do ambiente degradado.

Sobre a situação do ambi-

ente em Portugal, disse haver situações de «certa gravidade» que merecem atenção. Neste âmbito, referiu a existência de rios poluídos, zonas litorais degradadas e zonas industriais com «poluição bastante acentuada».

Macário Correia manifestou-se também «muito preocupado» com a expansão da plantação de eucaliptos para a indústria da celulose em território nacional.

Afirmou, por outro lado, que a Agência Europeia do Ambiente «é a única via de se regular de forma global» o ambiente no continente europeu, pois, como disse, «nem o ar, nem os rios e o mar conhecem fronteiras administrativas».

Sobre a região autónoma, o Secretário de Estado considerou que ela dispõe de «excelentes» condições natu-

rais e ecológicas que devem ser preservadas.

Portugal está «no caminho certo»

Entretanto, Fernando Real, ministro do Ambiente e Recursos Naturais, declarou esta manhã que Portugal está «no caminho certo» para a resolução dos seus problemas ambientais.

O governante - que presidia no LNEC à abertura de um curso de pós-graduação destinado a geólogos, geógrafos e engenheiros civis, sobre prevenção e controlo dos deslizamentos e outros movimentos de formações geológicas - afirmou que o plano nacional de política do ambiente, anunciado há dias pelo primeiro-ministro não esquecerá «a necessidade de aprofundar a avaliação dos riscos que afectam o território nacional e o conhecimento

dos meios disponíveis para lhes fazer face».

«A tarefa de melhorar a qualidade de vida dos portugueses, de preservar e gerir eficientemente os nossos recursos naturais, de proteger as populações de riscos naturais ou derivados da actividade humana é de tal importância para o nosso presente, mas sobretudo para o nosso futuro como Nação, que a ninguém é lícito recusar o seu empenhamento», sublinhou Fernando Real.

Depois de recordar que esse plano só será eficaz com a contribuição dos homens de ciência e dos estabelecimentos de investigação científica, o ministro do Ambiente disse que iniciativas como a do curso hoje iniciado pelo LNEC lhe dão a certeza de que «o país está no caminho certo» e pode contar convosco».

B R E V E S

Três mulheres «correio» detidas na Portela

Três mulheres «correios» de droga procedentes do Rio de Janeiro, com passaporte falso, argentino, foram detidas no Aeroporto de Lisboa acusadas de transportarem droga. As «correios», com idades compreendidas entre 23 e 31 anos, transportavam nos intestinos 655 gramas de cocaína, no valor do mercado ilícito de 13 mil contos. Foi ainda detido para investigações um quarto passageiro com passaporte argentino por se supor ser controlador das referidas passageiras.

Prémio de reportagem distingue Agostinho Santos

O prémio de reportagem «Jaime Ferreira» foi atribuído ao jornalista Agostinho Santos, de «O Primeiro de Janeiro». O júri do prémio, instituído pelo Centro de Formação de Jornalistas (Porto), decidiu por unanimidade atribuí-lo pelo conjunto de trabalhos que o premiado apresentou a concurso.

Dois bancos assaltados

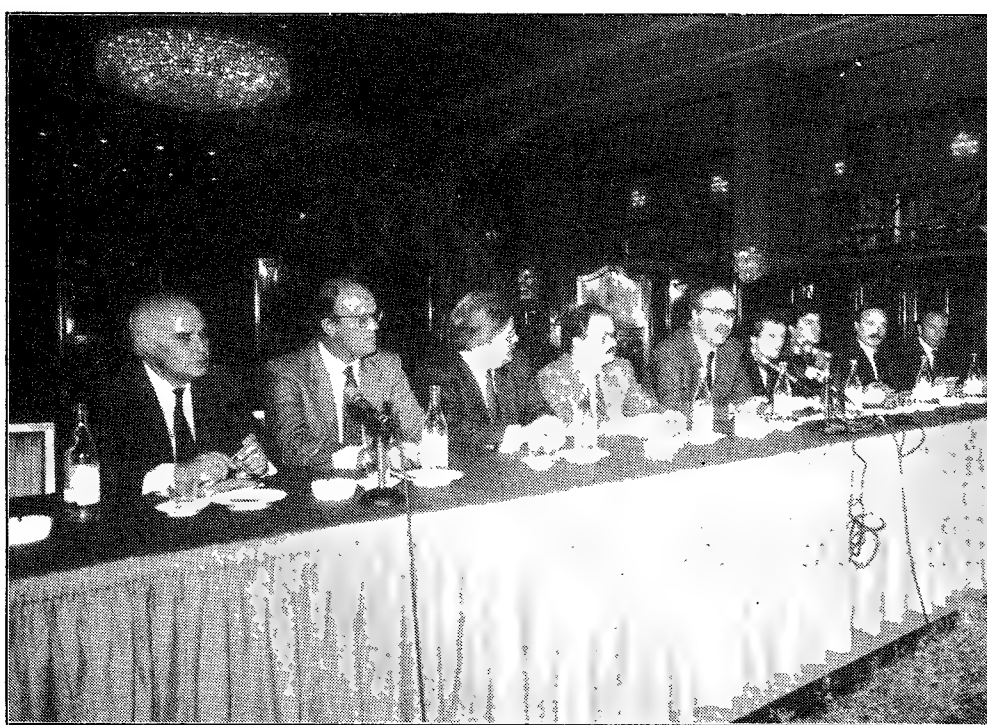
Verificaram-se esta manhã assaltos à mão armada em duas dependências da Caixa Geral dos Depósitos, no Porto. O primeiro registou-se pelas 10 horas e 10 minutos, na dependência da Foz do Douro, na Avenida do Brasil, onde dois indivíduos armados conseguiram apoderar-se de cerca de 500 contos, existentes em caixa, na presença duma dezena de clientes, tendo-se posto em fuga em seguida. Vinte minutos depois, a cena repetiu-se na dependência de São Mamede de Infesta, ao que se supõe pelos mesmos indivíduos e, curiosamente o montante roubado terá sido igual. Quando a Polícia chegou aos respectivos locais já os assaltantes haviam desaparecido de automóvel.

Desinserção social em jovens açorianos

O baixo índice de formação profissional, a falta de casa própria e a pouca participação social figuram entre os principais problemas da juventude açoriana, revela um estudo da Universidade dos Açores. A análise, envolvendo inquérito realizado em várias ilhas, indica ainda que cerca de 60 por cento dos jovens trabalhadores dos Açores não têm formação específica.

Infectada com Sida deu à luz duas gémeas

A mulher contaminada com o vírus da Sida, que ontem deu à luz duas gémeas no Funchal, fez uma transfusão de sangue há quatro anos, quando ainda não se efectuavam testes a esta doença. No final da operação de parto, o médico obstetra, Faria Antunes, disse que a infecção foi detectada na parturiente após quatro meses de gravidez, altura em que já era desaconselhável a realização de um aborto.



Comunicação e publicidade A constituição do Conselho Português da Comunicação e Publicidade foi caracterizada pelo seu presidente, Carlos Barbosa, representante da Associação da Imprensa Diária, como «um marco importante na história do sector». O novo organismo agrupa anunciantes, agências de publicidade e suportes publicitários, tendo por objectivo prioritário a defesa dos seus interesses junto do Governo, das instituições de defesa do consumidor e do público em geral

Veteranos demitem Comissão da Queima das Fitas

O Conselho de Veteranos da Academia de Coimbra confirmou, ontem, a exoneração da Comissão Central da Queima das Fitas, mas garantiu que a tradicional festa académica realizar-se-á em Maio, como previsto.

Pedro Cabral, dirigente do Conselho de Veteranos, disse, em conferência de imprensa, que esta posição foi tomada na sequência de divergências surgidas entre membros da referida comissão.

Para garantir a realização dos festejos, o Conselho de Veteranos encarregou três membros de desenvolverem diligências com

vista à constituição de uma nova comissão.

O Conselho procedeu, também, à selagem das salas da anterior comissão para «salvaguardar materiais e documentação» e adiantou que os contratos já celebrados «serão cumpridos».

A Queima das Fitas, cujo orçamento ultrapassa os 50 mil contos, engloba espectáculos musicais e manifestações recreativas, desportivas e culturais. O ponto alto da mais importante festa académica de Coimbra é o cortejo dos quartanistas, em que se incorporam dezenas de carros alegóricos.

União sindical europeia: a resposta ao patronato

As exigências anti-sociais que o patronato e os governos estão a fazer para facilitar a valorização do capital no quadro do Mercado Único exige como resposta a conjugação de acções de todos os sindicatos dos países da CEE, na defesa dos direitos dos trabalhadores, afirmou ontem, em conferência de Imprensa, o secretário-geral da Confederação Geral do Trabalho (CGT) francesa, Henri Kraguacky.

Em Lisboa a convite da CGTP, o responsável por aquela central sindical francesa salientou que as entidades patronais estão a apostar na concorrência entre trabalhadores dos vários países da Comunidade, com recurso à mão-de-obra mais barata, para diminuir os salários e acabar com direitos e regalias já conquistados.

O resultado desta política tem-se traduzido na precarização do emprego, nas exigências de flexibilização e mobilidade dos trabalhadores e na restrição dos direitos sindicais, explicou.

A situação em França já não é nova, pois as grandes empresas há muito tempo que utilizam o trabalho dos emigrantes (portugueses e árabes), mal pagos e sem regalias sociais, como forma de rentabilizar o capital.

As mudanças a Leste e a possibilidade de os trabalhadores desses países serem os novos emigrantes do Ocidente é uma questão que se poderá por, e a que o movimento sindical terá que responder com uma acção concertada.

Freitas do Amaral: o passado, o presente e o futuro do CDS

«Jogo a minha carreira política nas eleições de 1991»

Freitas do Amaral garante que Belém não está no seu programa. Em entrevista concedida ao «DL», na qual faz o balanço do congresso do CDS e perspectiva o futuro dos democratas-cristãos, o presidente do Centro Democrático Social afirma que aposta toda a sua carreira política na recuperação do CDS e que, se nas eleições de 1991 não assegurar muito mais que quatro por cento de votos, abandonará a actividade político-partidária. Não nega a vontade de chegar ao Poder com o CDS e critica o comportamento da RTP, que, entre outras falhas e erros, «não promove o debate regular entre o Governo e a oposição».

Diário de Lisboa - A vitória de Manuel Monteiro e Ricardo Vieira no Conselho Nacional poderá ser um indício de que querem vigiar o poder dentro do CDS. O professor Freitas do Amaral disse que não será bem assim, que o Conselho Nacional tem 100 elementos. Tem os restantes elementos controlados?

Freitas do Amaral - Controlados não, mas sei que na sua esmagadora maioria me apoiam. Não me choca nada que haja uma corrente interna no CDS que seja crítica da direcção e que a deseje fiscalizar. Acho que é perfeitamente natural. Assim sabemos com quem é que podemos dialogar, sabemos que os críticos têm razão, que se assumem como tal, que estão dispostos a conversar connosco sobre os problemas do partido e do País. Para mim, o resultado é francamente positivo.

«PSD não é nem nunca foi social-democrata»

DL - Que significa a democracia-cristã na Europa de hoje?

F.A. - A democracia-cristã tem um peso enorme na Europa de hoje. Nas eleições para o Parlamento Europeu, verificou-se que em todos os países da CEE só há verdadeiramente duas grandes forças políticas: o socialismo democrático e a democracia-cristã.

Neste momento, estamos a assistir a uma renovação muito importante da força e do prestígio da democracia-cristã, quer na Europa de Leste, onde o soçobrar do comunismo faz emergir repentinamente a democracia cristã como a grande alterna-

tiva, quer na América Latina, onde, em muitos países, as ditaduras de direita estão a ser substituídas por presidentes democratas-cristãos. É o caso do Chile, por exemplo.

DL - Acha que o PSD é social-democrata?

F.A. - Pessoalmente, acho que não é nem nunca foi. A social-democracia é uma força de esquerda, é a esquerda democrática, o socialismo democrático. O PSD não é isso. É uma mistura de poucos sociais-democratas, muitos conservadores, muitos liberais e alguns democratas-cristãos. É um partido multifacetado, sem grande coerência ideológica, que tem vivido sobretudo do populismo e de uma posição central no espectro político português. Mas o futuro se encarregará de desfazer os equívocos que estão na base do PSD como partido.

«PSD tem concepções mais autoritárias»

DL - Disse, há dias, que se recusava a ser colocado à direita da extrema-direita do PSD. Se o PSD é um partido que cobre áreas do centro e da direita, o CDS que áreas é que cobre?

F.A. - O CDS também cobre áreas do centro e da direita. Portanto, concorremos com o PSD sobre o mesmo espaço político, isto é, não vejo o CDS colocado sempre à direita do PSD, como não o vejo colocado sempre à sua esquerda. Acho que há assuntos em que estamos mais à direita e outros em que estamos mais ao centro.

DL - Os programas dos dois partidos são assim tão diferentes?

F.A. - São muito diferentes. As práticas políticas são mais próximas. Mesmo assim, há diferenças fundamentais, como se tem visto nos últimos anos. Começamos pelos programas. O programa do PSD reclama-se do contributo do marxismo e apresenta a social-democracia como uma via para o socialismo. Nós recebemos inspiração da doutrina social da Igreja e não queremos caminhar para o socialismo, mas para uma sociedade humanista.

Na prática política, o PSD tem uma concepção mais autoritária, mais centralizadora, menos respeitadora do Parlamento e dos direitos da oposição, menos aberta

ao debate político democrático, como se vê pelo que acontece na televisão do Estado.

O PSD mostra-se mais estatizante, mais partidário de uma tutela do Estado sobre a sociedade civil, mais vulnerável aos lobbies dos seus militantes. Somos mais favoráveis à iniciativa privada, gostaríamos de ver um programa mais vasto e amplo de

zantes. Mas está mais à esquerda ou mais ao centro, quando defendemos o respeito pelo Parlamento, o cumprimento do Estatuto da oposição, o controlo mais apertado do Tribunal de Contas sobre a utilização dos dinheiros públicos, a regionalização do País e, portanto, a renúncia do Governo central a toda uma soma de poderes e de recursos fi-



Anabela Loureiro

«Se eu fosse candidato às presidenciais teria de largar o CDS durante meses. Penso que isso não seria bom para o partido»

privatizações, de desregulamentação e de desburocratização. Fomos totalmente contrários às privatizações a 49 por cento. Para nós, só faz sentido privatizações a partir dos 51 por cento, porque é isso que transfere o controlo das empresas da mão do Estado para a mão dos particulares. E queremos uma reforma fiscal que reduza efectivamente o peso dos impostos sobre a sociedade.

«Todos correm o risco de desaparecer»

DL - Como é que concilia um programa desses com o que acaba de dizer em relação ao PSD? Um programa desses está mais à direita...

F.A. - O nosso programa está, de facto, mais à direita do que o PSD em matéria de política económica. Somos mais liberais, menos estati-

nanceiros que, neste momento, controla a seu bel-prazer.

DL - Com esse posicionamento, o CDS não poderia desaparecer e os seus militantes passariam para o PS e para o PSD?

F.A. - É um risco que corremos, como correm todos os partidos que concorrem no terreno democrático. Sofremos um rude golpe com as eleições de 1987. Uma grande parte do nosso eleitorado sentiu-se atraída pelo PSD e por Cavaco Silva. Estamos a desenvolver todos os esforços possíveis para tentar, por um lado, recuperar esse eleitorado e, por outro, captar eleitorado novo que possa ser sensível às ideias e às propostas que vamos elaborar e apresentar ao País.

A excessiva concentração

de poder a que se assiste neste momento em Portugal - maioria absoluta de um partido e domínio do líder desse partido sobre o Governo, o Grupo Parlamentar e o partido - tem provocado grandes abusos de autoridade que o povo português não aprecia e que provavelmente quererá evitar.

«Temos três áreas para captar votos»

DL - Disse há pouco que o PSD tinha alguns democratas-cristãos. É esse eleitorado que pretende conquistar a fim de elevar a votação do CDS para os 10 por cento?

F.A. - Temos três áreas onde podemos ir captar votos: o eleitorado tradicional do CDS que deixou de votar no CDS; os eleitores sociais-democratas descontentes com o cavaqueismo e, ainda, o chamado eleitorado flutuante que já votou PS, PSD, PRD e que, neste momento, está disponível para votar em qualquer um dos partidos democráticos.

DL - Se dissermos que o PSD executa melhor do que o CDS o programa do CDS, concorda?

F.A. - Não concordo por duas razões. Em primeiro lugar porque o PSD não está a pôr em prática o programa do CDS, mas sim uma certa interpretação do programa do PSD. Em segundo lugar, não posso dizer que execute melhor, porque acho que a perícia de execução tem sido muito fraca.

Aliás, não é por acaso que o PSD passou de 51 por cento em 87 para 32 por cento nas eleições europeias e para 30 por cento nas autárquicas. Alguma coisa se passou nestes dois anos e meio que fez com que o eleitorado não estivesse muito receptivo ou muito convencido da perícia do PSD na execução do seu programa de Governo. Pelo contrário, entre 1980 e 1983, no Governo da AD, muitos observadores imparciais costumavam dizer que os ministros do CDS eram bem melhores do que os do PSD.

DL - Como definiria o CDS?

F.A. - É um partido ideologicamente democrata-cristão e metodologicamente centrista. Como o nosso centrismo se situa na área da direita democrática, somos de facto um partido de centro-direita. Creio que esta é uma definição onde cabem tanto os verdadeiros centristas, como aqueles que se

identificam com o centro-direita como, ainda, aqueles que se consideram de direita, mas de uma direita democrática, civilizada, liberal e não de uma extrema-direita radical, extremista, racista, ditatorial, com a qual não temos nem queremos ter nada a ver.

DL - Está então aberto a uma passagem da liderança, no próximo Congresso, à nova geração que se lhe opõe neste?

F.A. - Eu estou sempre aberto a tudo aquilo que a maioria democrática do partido, expressa no Congresso, decidir. Já desta vez estava disposto a ir-me embora se não tivesse maioria de dois terços. Enquanto eu for útil, enquanto sentir que tenho o apoio da maioria do partido e que consigo resultados satisfatórios a nível eleitoral, estou disponível para continuar a prestar um serviço ao CDS. A partir do momento em que isso não acontecer, terei de passar o testemunho a outro e isso não constituirá nenhum drama para mim.

DL - Não acha que a Igreja tem beneficiado o PSD em detrimento do CDS?

F.A. - Acho que a Igreja institucional não tem tomado posição a favor nem contra nenhum partido político. Tem-se limitado, nomeadamente nas épocas eleitorais, a recordar a posição oficial da Igreja Universal sobre matéria política, que é a de dar liberdade de opção aos cristãos para votarem de acordo com a sua consciência, conquanto não votem em partidos que neguem a liberdade religiosa ou os direitos fundamentais da pessoa humana ou da Igreja. Penso que a Igreja portuguesa se tem mantido dentro dessa linha da mais pura ortodoxia.

«Pus condições para evitar a contestação»

DL - O senhor pôs condições leoninas para permanecer na liderança do CDS. Uma delas era a liderança incontestada. Não acha que essa posição o assemelha muito ao professor Cavaco Silva?

F.A. - Penso que não, porque Cavaco Silva, até agora, nunca teve de enfrentar uma situação de liderança contestada dentro do partido: nove moções de estratégia apresentadas contra a dele. Eu confrontei-me com uma situação que significava uma erosão no poder

TODO O ATENDIMENTO!
Banix / HONDA
MOTOCICLOS
☎ 23159 / 22194

TODAS AS OFERTAS!
Banix / HONDA
MOTOCICLOS
☎ 23159 / 22194

TODOS OS CRÉDITOS!
Banix / HONDA
MOTOCICLOS
☎ 23159 / 22194



«Concorremos com o PSD sobre o mesmo espaço político, isto é, não vejo o CDS colocado sempre à direita do PSD, como não o vejo sempre colocado à sua esquerda»

da liderança que eu representava e entendi que só poderia continuar a assegurar-se este Congresso fosse uma manifestação clara de que a grande maioria do partido estava comigo.

Foi para que se dissipasse todo esse ambiente de contestação interna que pus essa condição mais elevada. Estou convencido que se não o tivesse feito, mesmo que ganhasse o Congresso, seria sempre uma vitória tangencial, contestada, e cada vez que eu abrisse a boca haveria sempre pessoas a dizerem que eu não estava a falar em nome da maioria do partido, o que destruiria por completo a capacidade de o liderar.

DL - Uma das «ameaças» que fez foi a de abandonar a vida política. Considera-se indispensável na vida política?

F.A. - Não me considero indispensável, mas tenho a preocupação de ser útil. Acho que ainda tenho muito para dar ao meu País. Mesmo que a minha vida política tivesse terminado nesta altura, sentiria que já tinha cumprido um dever importante para com a minha pátria.

Creio que o contributo que dei em dois ou três momentos decisivos, designadamente no momento da fundação do regime, no momento da elaboração da Constituição, em 1976, e sua revisão, em 1982, aquando da constituição da AD e nas presidenciais de 1986, foi válido e marcou posições que representaram um testemunho importante de uma corrente de opinião que tinha todo o direito de existir, e que, se não existisse, deixaria a democracia portuguesa mais pobre.

DL - Quem é que neste momento está disposto a

apostar financeiramente no CDS? Há rumores de que pessoas ligadas ao actual Presidente da República estariam a apostar, no CDS...

F.A. - Não tenho conhecimento de nada.

DL - Mas já ouviu falar na questão?

F.A. - Houve um jornalista que me falou. Dei-lhe a mesma resposta que estou a dar agora. Para mim é uma total novidade e até agora não vi nada.

«A minha carreira política está em jogo»

DL - Não acha que isso poderá ser um problema importante para Mário Soares?

F.A. - Talvez seja uma curiosidade, mas não é um problema. E, sobretudo, não será ele a resolvê-lo. Ele vai ser a última pessoa a poder influenciar a resolução desse problema. Esse problema vai ser resolvido por áreas que não as dele, pelas pessoas que não votam nele, pelas pessoas que não se reconhecem na família política dele e que querem ter uma alternativa em quem votar.

DL - Não poderá ainda mudar de ideias e candidatar-se a Belém?

F.A. - Poder, posso, mas não estou interessado nem está nos meus horizontes. Nem sequer estou inclinado para Belém. Estou mais inclinado para não intervir na corrida presidencial e para me manter integralmente ao serviço da recuperação do CDS. Foi uma aposta muito forte que eu fiz. É toda a minha carreira política que está em jogo. Como se viu neste Congresso e como se verá nas eleições de 1991. Se eu nessas eleições tiver quatro por cento, a minha carreira política termina aí. Portanto, eu tenho a minha

carreira política em jogo com esta aposta que fiz na recuperação do CDS. Por isso, entendo que não devo distrair-me com outras preocupações. Ora, se eu fosse candidato às presidenciais, teria de largar o CDS durante meses. Penso que isso não seria bom para o partido.

DL - Lucas Pires não seria o candidato mais indicado para um eventual confronto com Mário Soares nas presidenciais?

F.A. - Bem, eu aí já não posso pronunciar-me publicamente. O que eu digo é que temos dentro do CDS, e também fora do CDS, na área não socialista, mais de uma dezena de personalidades com prestígio e capacidade suficientes para se apresentarem como alternativa ao dr. Mário Soares nas eleições presidenciais.

DL - Partindo do princípio de que o Dr. Mário Soares se recandidatará, claro...

F.A. - Partindo desse princípio, que para mim é óbvio. Suponho que para todos os portugueses. O CDS deliberou que não apoiará o dr. Mário Soares, sem embargo de reconhecer a forma como ele exerceu o mandato e a figura consensual que ele hoje representa e que é um dado positivo para o regime português. Simplesmente, ele simboliza uma família política socialista que não é a nossa.

DL - Posição diferente da do PSD...

F.A. - Bem, o PSD nunca teve ninguém capaz de apresentar às eleições presidenciais. Em 1976, teve de apoiar o general Ramalho Eanes. Em 1980, teve de apoiar o general Soares Carneiro. Em 1985, teve de me apoiar a mim. E, agora, continua a não ter ninguém e, por não ter ninguém, vê-se na contingência de ter de apoiar

o dr. Mário Soares. É uma derrota política do PSD.

«Quero o Poder com e para o CDS»

DL - A propósito da política de alianças, é através delas que o CDS quer voltar ao Poder?

F.A. - Bem, eu acho que todos os partidos políticos existem para conquistar o Poder. Portanto, o facto de um partido político definir uma estratégia que lhe permita chegar mais rapidamente ao Poder, não creio que deva merecer qualquer reparo crítico ou manifestação de estranheza.

DL - Mas o que se critica não é a vontade do partido chegar ao poder; é a vontade de o professor chegar ao Poder...

F.A. - Mas eu só tenho vontade de chegar ao Poder como líder do partido! E de que o partido, comigo, chegue ao Poder. Não tenho vontade pessoal de chegar ao Poder, porque em democracia não se chega ao Poder por via pessoal, chega-se ao Poder por via partidária. É portanto, integrado no partido, como elemento do partido, como presidente do partido que eu defino a estratégia de chegar ao Poder.

DL - Mas não teme que essa sua disponibilidade política possa levar as pessoas a comparar o CDS ao PRD nas autárquicas, ao oferecer-se como aliado aqui e ali?

F.A. - Bem, o PRD oferecia-se porque sabia que não existia e, portanto, o que queria era apanhar boleia. Mas o CDS sabe que existe e tem a convicção, pelo menos a esperança, de, em 1991, vir a ter uma posição necessária a uma maioria. É completamente diferente.

Dina Soares
João Paulo de Oliveira
Júlio Rodrigues

«Esta RTP não serve» os portugueses

Decididamente, Freitas do Amaral não morre de amores pela RTP que temos. As suas últimas declarações são nesse sentido. O «Diário de Lisboa» fez-lhe a pergunta: «Por que é que critica tanto a RTP? Haverá alguma razão especial?»

Freitas do Amaral - Por duas razões: uma, de carácter geral, porque entendo que a RTP não cumpre minimamente as suas obrigações de serviço público, não respeita o pluralismo político-partidário deste País, manipula a informação, está ao serviço e às ordens do Governo e do partido do Governo, e, indistintamente, todos os dias e em todos os serviços noticiosos, procura valorizar a posição do Governo e desvalorizar o papel das oposições. A RTP não promove debate democrático regular entre o Governo e a oposição. Há anos que nós não assistimos a um debate entre um ministro desta ou daquela pasta e os especialistas correspondentes na mesma matéria dos partidos da oposição.

Programas desse tipo existem em todos países da CEE, todas as semanas. Em Portugal, não existem nunca, durante o ano inteiro. Mais: os líderes da oposição são chamados a programas de debate político sério uma vez por ano. Até agora, eu só fui entrevistado na «Primeira Página» três vezes. Uma, dois dias depois do Congresso da Póvoa de Varzim, em Fevereiro de 1988; outra, em Abril de 1989; e, agora, em Março de 1990. O que significa que sou entrevistado uma vez por ano. O mesmo sucede aos demais líderes da oposição. Considero isto um escândalo em termos democráticos. Se nos outros países da CEE se soubesse que a televisão do Estado português, controlada e tutelada pelo Governo, procede desta forma para com os partidos da oposição, seria um escândalo internacional.

DL - Além dessa razão...

F.A. - Portanto, há aqui uma razão de carácter geral que me leva a ser fortemente crítico em relação à RTP e a apresentar como uma das primeiras condições - para entrarmos em qualquer governo de coligação em 1991 - a demissão pura e simples dos responsáveis pela informação da RTP e a adopção de medidas que garantam os objectivos que expus como devendo ser os objectivos correctos numa televisão pública. Depois, por motivos particulares: temos uma série de casos em que a Radiotelevisão Portuguesa discriminou concretamente o CDS. Ou recusando-se a comparecer em actos políticos de significado nacional do CDS, ou comparando e depois não passando qualquer imagem ou declaração feita nesses actos. Ou, ainda, distorcendo, com má-fé, as declarações feitas, de modo a parecerem com significado diferente. Nestes casos particulares, tivemos ocasião de nos queixarmos ao Conselho de Comunicação Social, apresentámos três ou quatro casos concretos. Em todos eles o Conselho nos deu razão.

DL - E a RTP?

F.A. - Relativamente a todos eles, a Radiotelevisão emitiu comunicados a dizer que ignorava o Conselho da Comunicação Social e o CDS. Temos, pois, razões de sobra para esta posição tão negativa e fortemente crítica.

DL - No tempo da AD era diferente?

F.A. - No tempo da AD era diferente. De facto, no tempo da AD, e nomeadamente no tempo em que o dr. Proença de Carvalho era presidente da RTP, fizemos muitos debates com a oposição e valorizámos enormemente a oposição do Partido Socialista. A crítica que hoje posso fazer ao que, nessa altura, se fez, foi que discriminámos o PC. Toda a orientação que havia era a de privilegiar o debate entre a AD e o PS, deixando marginalizado o Partido Comunista. É preciso lembrar que, na época, havia o Conselho da Revolução e que este, muitas vezes, apoiava as posições do Partido Comunista. E, portanto, entendia-se que desvalorizar a presença do Partido Comunista era uma compensação para o excesso de intervencionismo do Conselho da Revolução.

DL - Se fosse hoje...

F.A. - Se fosse hoje, e se eu tivesse de dar instruções à RTP, não daria as mesmas: daria instruções para tratar com rigorosa objectividade e imparcialidade todos os partidos da oposição. Mas, nomeadamente no tempo da AD, o Partido Socialista nunca se queixou, e o dr. Mário Soares, então seu líder, chegou a dizer que tinha de elogiar publicamente o Governo pela forma como a oposição, pelo menos a oposição socialista, era efectivamente tratada e constantemente chamada a participar em debates.

DS/JPO/JR



Auto Monumental do Alentejo
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Par de brincos vence no tribunal

O juiz do centro de arbitragem de conflitos de consumo de Lisboa resolveu, ontem, o primeiro caso que lhe foi apresentado, reconhecendo ao consumidor queixoso o direito de receber um novo produto idêntico ao que comprara com defeito.

O consumidor havia comprado uns brincos que tiveram de ser reparados devido a um defeito de fabrico e pretendia reaver o dinheiro, por considerar que o artigo não tinha ficado em condições.

O juiz, José Gil Roque, nomeado pelo Conselho Superior de Magistratura, considerou que não seria razoável a devolução do dinheiro depois do comprador ter usado, durante vários dias, o objecto comprado.

Tomás Taveira irrita-se

A sessão de ontem, no Tribunal da Boa Hora, foi movimentada. O arquitecto quis entrar despercebido e saiu por uma porta lateral

O arquitecto Tomás Taveira prestou ontem depoimento, no julgamento, à porta fechada, do director da revista «Semana Ilustrada», mostrando-se aparentemente irritado com o incidente registado pouco antes no átrio do tribunal, quando um repórter fotográfico o tentou fotografar.

Taveira, cujo atraso de duas horas à chamada habitual das pessoas intervenientes no julgamento fez admitir nova falta, terá dito ao tribunal haver sido agredido, mas o colectivo considerou que a questão não tinha interesse para a matéria em apreciação judicial.

Nas suas declarações terá explicado ao colectivo, que

julga o crime de abuso de liberdade de imprensa, o quanto se sente ofendido pela divulgação das fotos da casete.

O incidente no átrio do tribunal da Boa-Hora, em Lisboa, ocorreu quando o arquitecto, ao ser cumprimentado pela dona de um restaurante de que era cliente, se apercebeu da presença do fotógrafo Abreu Moraes, a quem advertiu para não o fotografar, chegando ao ponto de o insultar. Na sequência da discussão que entretanto se travou entre o arquitecto e o fotógrafo, agentes da polícia confiscaram o rolo fotográfico.

À ocorrência, avivada pela intervenção de um indivíduo que tomou o partido do

fotógrafo, assistiram advogados, jornalistas e demais público, presenças sempre constantes no local.

Tomás Taveira saiu do tribunal cerca das 18.30 horas, discretamente, auxiliado por uma funcionária que o conduziu pela porta lateral da sala de audiências, enquanto que, numa estratégia deliberada, os advogados intervenientes no processo tentaram «ser simpáticos» para os jornalistas, que aguardavam o final da sessão.

Os defensores de André Neves, director da revista «Semana Ilustrada», Francisco Sousa Tavares e Grácio Ribeiro, estão empenhados em provar que o arquitecto é uma figura pública. Nesse

sentido, pediram a jurção ao processo de vasta documentação sobre a vida de Taveira, relacionada com altas figuras públicas.

Entregue foi também o título de André das Neves como director e profissional da imprensa não diária.

Na audiência, em que compareceram 15 testemunhas de acusação, a primeira parte centrou-se no depoimento do director da revista, instado a explicar qual a actividade profissional de um jornalista e o funcionamento da «Semana Ilustrada». Esta sessão começou às 15 horas, à porta fechada, por decisão do colectivo, impedindo assim a presença dos advogados es-

tagiários e do público. A nova audiência foi marcada para o dia 4 de Abril e, segundo tudo indica, será, do mesmo modo, à porta fechada.

De acordo com a lei, o tribunal é competente para decidir quem pode assistir a um julgamento desta natureza, permitindo apenas a presença dos intervenientes no processo.

O causídico Sousa Tavares disse aos jornalistas discordar da decisão do tribunal, mas afirmou compreender os motivos. E comentou, invocando razões inerentes à salvaguarda da tranquilidade da audiência: «Se calhar, se não fosse assim, teríamos aqui uma multidão com cartazes e tudo».

Gestão democrática das escolas analisada por professores

Mais de mil professores dos ensinos básico e secundário estão desde ontem a debater em Lisboa questões relacionadas com a gestão democrática das escolas.

A prevalência dos critérios de natureza pedagógica e científica sobre os de natureza administrativa, a elegibilidade e a colegialidade dos órgãos directivos, a participação de todos os docentes e dos outros intervenientes, como associações de pais e órgãos autárquicos, são aspectos da vida dos estabelecimentos de ensino que constam da agenda da reunião, a decorrer até amanhã na Reitoria da Cidade Universitária.

Também a ligação da escola ao meio será analisada pelos participantes nesta iniciativa da Federação Nacional dos Professores (FENPROF).

As exposições de experiências pessoais e colectivas constituem um dos meios previstos para a dissecação de anomalias de funcionamento das escolas, que, segundo um elemento da organização do encontro, se prendem sobretudo com a pouca maleabilidade dos órgãos de gestão, além das dificuldades financeiras.

A FENPROF promoverá ainda o debate de intenções que atribui ao Governo, como a da reimplantação do sistema do reitor nomeado.

Além dos professores participantes, estão presentes no fórum, como convidados, representantes de associações de pais e de órgãos autárquicos, deputados e individualidades ligadas à investigação nesta área.



António Teodoro, líder da FENPROF, na sessão inaugural do fórum sobre Gestão Democrática

Cientistas debatem costa alentejana

Os problemas ambientais e urbanísticos da área de paisagem protegida do litoral, a que o nosso jornal dedicou uma grande reportagem, na passada semana, vai ser objecto de uma reunião de cientistas, no próximo fim de semana, na cidade de Sines.

Além de cientistas de universidades e institutos portugueses, a reunião, organizada pelo gabinete da Área de Paisagem Protegida e pela Liga para a Protecção da Natureza, conta com a presença de Blair Bower, da Fundação de Conservação da Natureza e do Prof. John Costlow, ambos americanos, e tem o patrocínio do se-

cretário de Estado do Ambiente.

O encontro visa fazer «a análise e o planeamento para o ordenamento das recursos naturais» e discutir «a integração dos aspectos económicos, ecológicos e sociais da gestão dos recursos costeiros e do seu correcto aproveitamento por parte dos utilizadores».

Em nota do gabinete da Área de Paisagem Protegida justifica-se a oportunidade desta iniciativa por «o litoral sudoeste ser uma área de grande riqueza natural e interesse científico, sujeita a pressões crescentes da parte de diversos sectores - turístico, agrícola e florestal e terra».

pesqueiro.»

E sublinha-se «a pressão exercida pelo sector do investimento imobiliário, fortemente apoiado e de difícil contenção, face a um estatuto de protecção manifestamente insuficiente».

O Gabinete alerta para o facto de se intensificarem «os indícios de degradação, quer paisagísticos, quer sobre os ecossistemas», e de «os sistemas litorais marinho e estuarino e lagunar apresentarem já evidência de degradação, quer por aparente sobreexploração, quer por factores com origem em actividades humanas em terra».

MALHAS DA JUSTIÇA

Sumo em vez de «cavalo»

«Tenha vergonha e porte-se como um homem! Hélder chorava, esquecido da réstea de orgulho e dignidade, implorando ao juiz que o deixasse em liberdade.

«Só esta noite, não lhe peço mais nada. Amanhã estou cá para a audiência. Prometo!»

Pouco comovido, o magistrado ignora o choro daquele rapaz franzino, de dentes a intercalar o vazio.

«Tem de acreditar em mim. Estou cheio de dores. Sou toxicodependente e preciso de ir as Taipas».

Imperturbável, o juiz faz-se sarcástico e promete-lhe um sumo fresquinho, por conta do Governo Civil.

Mas Hélder não se conforma. Repete, vezes sem conta, a mesma lenga-lenga e o juiz manda-o calar.

«Não diga nada. Você é um banana. Vai ver que isso amanhã passa».

De dezanove anos, solteiro mas já com um filho e mulher que sustenta o seu desemprego de ladrilhador, Hélder tem já averbados, no auto de detenção, dois furtos. Pelo primeiro, apanhou dois anos de pena suspensa, esgotada mesmo antes de se tornar um dos suspeitos de furto a uma residência. A aguardar julgamento, é acusado agora de ter desviado umas caixas de copos com música, supérfluos mas utilíssimos para fazer dinheiro.

O juiz acha pouco e insiste no impossível. Quer saber mais, exige ver o registo criminal do réu, a fim de julgar com segurança.

Hélder estava condenado antes de lida a sentença. Aguardavam-no os calabouços do Governo Civil, o desespero, sem o desejado «cavalo» Longa, a noite, que dizem boa conselheira.

Emília Trindade

B R E V E S

Comunidades portuguesas debatem o papel dos media

No âmbito de uma nova filosofia portuguesa de encarar as comunidades no estrangeiro, 65 representantes de 45 meios de comunicação social das comunidades portuguesas vão reunir-se no Funchal, na última semana de Maio, para debaterem o papel dos meios de informação na divulgação de Portugal.

A iniciativa pertence à Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas e ao Governo Regional da Madeira. Além da informação sobre Portugal, o encontro vai debater-se sobre a problemática das novas gerações, salientando a necessidade de as manter ligadas ao país de onde são naturais os seus progenitores.

BENFICA EM MARSELHA

2 Voos especiais
Partidas — dias 3 e 4/4
Regresso a Lisboa
após o jogo
Preços desde
52 000\$00

Novo
Comboio expresso a Marselha
de 3 a 5/4
Partida de Lisboa
dia 3, às 13 horas
Regresso a Lisboa
dia 5, às 23 horas
Preço: 29 500\$00
Supl. p/ cama: 4000\$00

Garantia de bilhete
p/ o jogo
Informações e reservas
na sua agência de viagens

Munditur
OPERADORES TURÍSTICOS

QUOTIDIANO

Boas notícias para a Saúde. Lisboa vai ter três novos hospitais, prontos daqui a quatro anos, e prepara-se a abertura de urgências, um pouco por todo o País, o mais tardar até Dezembro

A febre dos hospitais

Dentro de quatro anos, Lisboa vai dispor de três novos grandes hospitais, revelou o ministro da Saúde, Arlindo de Carvalho, em entrevista à Antena 1.

Outra medida que o Ministério de Saúde vai desenvolver prende-se com um programa de abertura de urgências em vários hospitais do país.

O programa, que já se encontra em preparação e que será implementado até ao fim do ano, será realizado em coordenação com o Instituto Nacional de Emergência Médica e custará um milhão de contos.

O problema, para Arlindo de Carvalho, é que existe uma utilização excessiva das urgências dos hospitais centrais, sendo por isso necessário uma maior coordenação dos serviços de saúde para que os doentes sejam encaminhados para os locais exactos dependendo da sua doença.

«Para termos uma adequada assistência médica», disse o ministro, «temos de ter meios físicos e, por isso, vamos dotar todos os distritos com um hospital central de grande envergadura que tenha cerca de 400 a 600 camas».

Prioridade a Lisboa

Na capital, face ao aumento e envelhecimento da sua população, Arlindo de Carvalho disse que se tornou necessário melhorar e aumentar os centros hospitalares.



Imagens como esta vão deixar de ser uma realidade. Aguardam-se novas urgências hospitalares, de melhor qualidade

Daí estar prevista a construção de três novos hospitais até 1994.

Interpelado sobre a possível estatização dos serviços hospitalares, o ministro da Saúde esclareceu que o Governo não tem a intenção «nem de privatizar nem de desprivatizar instalações de saúde».

Arlindo de Carvalho esclareceu melhor a sua posição: «Entendemos que existem instalações que são do Estado e que devem ser geridas convenientemente, mas a gestão desses serviços pode ser entregue a entidades privadas». Para o ministro, tal opção justifica-se porque essa

gestão das entidades privadas pode ser mais eficaz, flexível e rápida, «podendo ter maior produtividade».

Carreiras médicas

Outra questão levantada a Arlindo de Carvalho, sobre o regime das carreiras médicas, recolheu as seguintes considerações por parte do ministro. O diploma saiu recentemente e ainda não foram desenvolvidas acções para a sua aplicação. Mas importa não esquecer que o diploma determina que os médicos devem escolher, dentro do prazo imposto pelas instituições e serviços a que

pertencem, o horário e o regime que pretendem: regime livre ou de dedicação exclusiva.

Porém, apesar de o ministro ter reconhecido não ter ainda uma noção exacta do regime escolhido pelos profissionais de saúde, admitiu esperar que 10 por cento dos médicos hospitalares venham a optar pelo regime de dedicação exclusiva.

Arlindo de Carvalho disse, ainda, esperar que 50 por cento dos médicos de clínica geral que prestem também serviços em centros de saúde de cuidados primários adiram ao regime livre.

Em todo o mundo

Morrem por ano 500 mil mulheres

Todos os anos morrem no mundo cerca de 500 mil mulheres por ano devido a complicações da gravidez, aborto e parto. Em Portugal a taxa de mortalidade materna tem vindo a diminuir significativamente nos últimos anos. Em 1979, 30 em cada 100 mil mulheres morriam em consequência deste tipo de problemas, mas em 1988 este número desceu para 6,6 mulheres em cada 100 mil, o que coloca o nosso país em condições idênticas às das restantes nações europeias.

De acordo com um estudo efectuado entre 1979 e 1987, verificou-se que 28 por cento das mortes se deveram a abortos, 21 por cento a hemorragias e 12 por cento a pré-eclâmpsia/eclâmpsia, doenças hipertensivas da gravidez. Concluiu-se ainda que o aborto atinge sobretudo o grupo etário dos 15 aos 34 anos, enquanto as hemorragias se verificam com maior frequência entre os 35 e os 44 anos.

As mulheres com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos constituem o grupo etário menos atingido pela mortalidade materna, enquanto as de idade superior a 45 anos são as que mais sucumbem a este tipo de complicações. O estudo refere ainda que a maioria destas mortes poderia ser facilmente evitada através do melhoramento dos Cuidados de Saúde Primários.

Mortalidade infantil diminui em Portugal

Portugal está prestes a atingir os mesmos níveis de mortalidade infantil dos restantes países da Europa. Na realidade, entre 1980 e 1988 o número de crianças falecidas antes de completarem um ano de idade decresceu 58,6 por cento, em termos reais. No entanto, se tivermos em conta a diminuição da natalidade, concluímos que esta baixa atinge apenas os 46,1 por cento, o que não deixa de ser significativo. Assim, em 1988 13,1 por cento das crianças portuguesas com menos de um ano morreram, enquanto na Europa esta média foi de 12,85 por cento.

As doenças infecciosas, especialmente as diarreias infantis, foram as que mais diminuíram, logo seguidas das afecções com origem no período perinatal e das anomalias congénitas. Apenas os óbitos por acidente se mantiveram praticamente inalteráveis.

Estes resultados devem-se sobretudo a factores de ordem social, económica e cultural, bem como ao aumento de cuidados de saúde prestados à mãe, à criança e à família em geral.

Não se sabe até quando o parque de Entrecampos vai albergar a velha Feira Popular. Mas enquanto o pau vai e vem... folgam os lisboetas. Já a partir de sábado

Diversão barata

A Feira Popular de Lisboa reabre ao público depois de amanhã, sendo este o último ano em que parte da sua receita global reverte a favor da colónia balnear infantil de «O Século».

Em vésperas de ser adquirida pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - tal como, há algumas semanas atrás, o DL noticiou em primeira mão - a co-

lónia balnear de «O Século» passará a funcionar como um centro para actividades de protecção social de crianças e jovens, nas quais se incluem as de turismo social escolar.

Segundo Vitor Melícias, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, «apenas se aguarda que o Governo dê aval à compra da colónia por 260 mil

contos». Há 29 anos para sair da zona de Entrecampos, numa velha polémica que parece arrastar-se infinitamente, a Feira Popular de Lisboa, com uma área total de 50 mil metros quadrados, não tem quaisquer possibilidades de alargamento, situação que constitui o cerne das preocupações dos feirantes em termos do melhoramento daquele espaço.

De acordo com o responsável pelas relações públicas da Feira, Carlos Rebelo, este ano foi feito um investimento da ordem dos 35 mil contos, com custos repartidos pelos cerca de 300 feirantes e pela própria direcção da feira.

Ainda segundo este responsável, o afluxo de público à Feira rendeu, no ano passado, uma receita de bilheteira de 110 mil contos, a cargo da visita de 2,5 milhões de pessoas.

Este ano, os ingressos foram aumentados cinco escudos, passando cada entrada a custar 80 escudos.

O parque de Entrecampos, que alojará mais uma época da Feira Popular de Lisboa até 7 de Outubro, comporta 52 espaços de diversão, 80 restaurantes e casas de petisco, 70 áreas comerciais, sete de artesanato, um palco com plateia para mais de seis mil pessoas no qual decorrerá, entre outras iniciativas, o IV Festival da Canção de Lisboa.



Uma das mais antigas atracções da Feira Popular, O Poço da Morte, um virtuosismo que não cansa

O PARAÍSO A DOIS PASSOS DE LISBOA

...O MEU REMÉDIO? SIMPLES!... ESTIVE UMA SEMANA NO Hotel VALE de LOBOS. UM BOM DESCANSO, E NATAÇÃO NAQUELA MARAVILHOSA PISCINA CLIMATIZADA, E A MINHA COLUNA ESTÁ BEM!...

VOU JÁ RESERVAR LUGAR! SE RESULTOU CONTIGO, TAMBÉM RESULTARÁ COMIGO!...

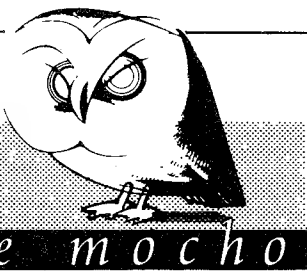
HOTEL * VALE DE LOBOS**

SEMINÁRIOS-REUNIÕES-CONGRESSOS

VALE DE LOBOS • 2715 SABUGO 9273401 • 9274626
FAX: 9274656 • TELEX: 44564 - VALOBO • P

9273419





olhar de mocho

Germanização europeia

Ninguém tem culpa que a cobertura noticiosa da visita do presidente Richard Von Weizsacker tenha sido, televisivamente, tão insípida. Além disso, as imagens da TV mostraram mais políticos portugueses que o hóspede. Depois também tivemos o aspecto pícaro: o presidente do nosso Parlamento a impingir o «modelo» português para todo o Bloco do Leste Europeu. Neste ponto, o crítico da TV não sabe a quem assacar as culpas: se ao Governo que eventualmente tenha dado ordens à TV ou aos jornalistas que não se querem aventurar por uma informação mais culta. Vamos considerar arquivado o problema do militarismo teutónico que hoje já não assusta ninguém, numa Alemanha unificada, pela simples razão de que, ainda que a ideia seja pensável, ela será sempre impraticável: dentro ninguém o pretende, e fora ninguém o permite.

Mas na cultura em geral, e na cultura política em particular a Alemanha unida recebeu recentemente novos impulsos que se têm reflectido na Imprensa. Um deles, quicá o mais original, veio de Heiner Geissler, ex-secretário-geral do Partido Democrata-Cristão, o partido do chanceler Kohl, e que recentemente foi afastado da «grande área» do Poder, precisamente por ser pessoa extraordinariamente inteligente. Ora o senhor Geissler defende que um pólo de sucção das mais variadas gentes e raças, turcos, portugueses, árabes, sicilianos, se transforme numa «sociedade multicultural», conseguida através da assimilação social.

É uma tese declaradamente anti-racista e superpluralista. O autor - repete-se, um democrata-cristão -, afirma: «Numa sociedade multicultural, a identidade cultural tem fronteiras apertadas. Muçulmanos, hindus, agnósticos, existencialistas, politeístas, adoradores do Demónio, ateus e cristãos ver-se-ão obrigados a respeitar os direitos do homem tal como eles são entendidos na cultura e na história europeia.»

Estaremos perante a tentativa de reeditar em estilo alemão o *american way of life* que impregnou a cultura europeia do pós-guerra? A tese do político democrata-cristão tem pelo menos dois inegáveis pontos de apoio: primeiro, o envelhecimento progressivo da sociedade alemã que se se tornar numa sociedade racista como Hitler pretendia, tem os dias contados - uma simples calculadora de bolso serve para determinar a data exacta. Em segundo lugar, a produtividade da indústria germânica já é hoje impossível sem o recurso aos milhões de emigrantes que assentaram arraiais na RFA e já vão na terceira geração.

Será que o problema da unificação alemã acabará por ser resolvido pelos estrangeiros que lá fixaram residência?

Nada obsta a que os Estados Unidos da Europa comecem a nascer das ruínas do Muro de Berlim.



José Sousa Monteiro

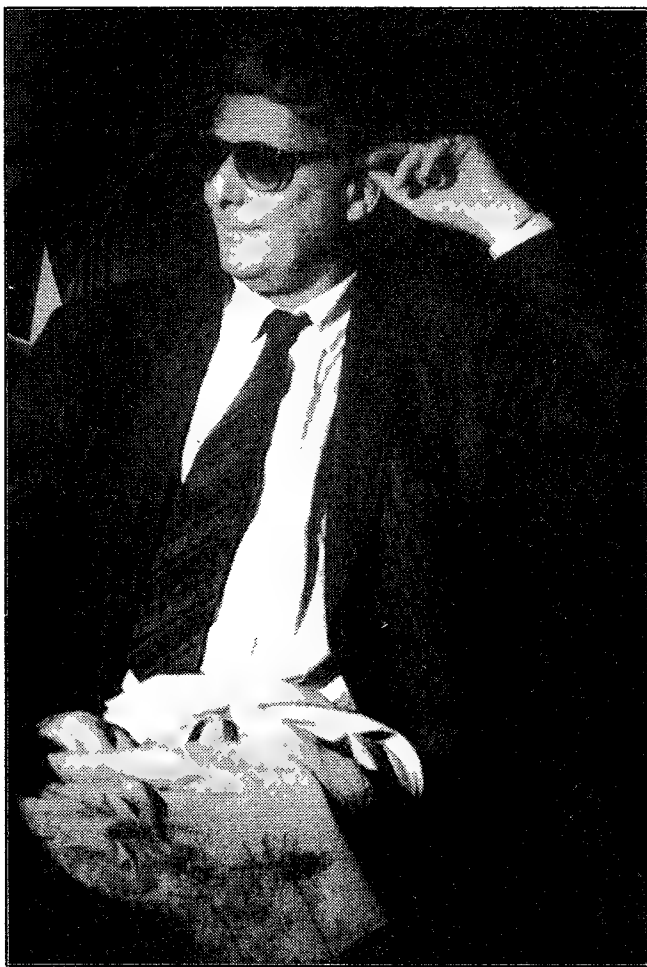
O caso Gallimard e a resistência do espírito

Numa altura em que só se fala das edições Gallimard em termos financeiros - desde que Françoise decidiu vender as suas acções -, tanto os autores como os editores da empresa querem reafirmar a sua identidade cultural e o seu carácter «único».

Segundo afirma J.-B. Pontalis - que dirige, há mais de vinte anos, a colecção «Conhecimento do Inconsciente» -, tanto para os autores como para os editores da Gallimard «é evidente» que esta editora não poderia ser simplesmente considerada como um «formidável repositório de autores». Contrariamente ao que, para atrair a clientela, afirma o banco americano Ansbacher, encarregado da venda das acções de Françoise Gallimard. Se um grupo financeiro qualquer assumisse o controlo da empresa, arriscar-se-ia a adquirir apenas um bem - magnífico, é certo -, mas não uma casa viva e criadora. Porque os principais «cérebros» ter-se-iam ido embora.

«É justamente o que é impressionante aqui, na Gallimard, uma tal densidade de personalidades e de cérebros como não existe em mais nenhum lado», explica Teresa Cremisi, que abandonou o seu lugar de directora das edições Garzanti, em Itália, para vir integrar, em Abril de 1989, a equipa da Gallimard. «Conheci muitas editoras, quer por lá ter trabalhado, quer por lá ter amigos, mas esta é única», acrescenta. «Aliás, antes de tomar a decisão de vir, eu já sabia que havia problemas entre os membros da família Gallimard. Isso não me fez renunciar a vir e, hoje, o meu balanço pessoal é mais do que positivo. Eu sei exactamente porque é que vim de longe para trabalhar na Gallimard: pela «capa branca» que fez sonhar todos os que amam a literatura. Os primeiros livros que li na minha infância, em Alexandria, eram livros da Gallimard. Desde essa altura que sempre quis vir um dia a trabalhar para esta casa».

Encontramos a mesma opinião num dos novos membros da comissão de leitura, Jean-Marie Laclavetine e numa nova recruta - que irá dirigir a colecção «O Mensageiro» -, Danièle Sallenave. «Para mim, a aventura da NRF - a fundação da revista por Gide, Rivière e Shlumberger e a criação da casa editora - foi sempre qualquer coisa de fascinante», afirma ela. «Se nos interessamos pelos grandes prosadores franceses, a Gallimard é passagem obrigatória.» «É uma das poucas editoras em França - e talvez no Mundo - onde a literatura tem a pri-



Philippe Sollers: ofensivo e determinado

meira e a última palavra», sublinha Jean-Marie Laclavetine. «Quando lemos os artigos da Imprensa sobre o caso Gallimard, ficamos com a sensação de que se está a descrever uma empresa moribunda, «à beira da falência» como afirmava «Le Figaro». Mas aqui a gente continua a trabalhar, a editora está viva, é dirigida por Antoine Gallimard, que tem a nossa confiança. A Gallimard vai bem, tem sucesso e uma boa parte de literatura actual está nesta casa».

O dinamismo do PDG é também sublinhado por Jean-Loup Champion, um outro editor que entrou há dois anos. «Todavia, as pessoas aqui não trabalham para uma família, trabalham para uma ideia da literatura», precisa ele. «Só que esta ideia está ligada à estrutura da Gallimard e seria necessariamente posta em causa se um qualquer grupo financeiro tomasse conta da editora.»

Tanto os «barões» mais antigos como os recentes, como J.-B. Pontalis, Pierre Nora e Philippe Sollers, se mostram extremamente ofensivos e determinados. Para J.-B. Pontalis, «a Gallimard é uma editora onde se considera a literatura como um valor. Ela exerce uma enorme atracção em todos os outros sectores. O gosto pela literatura está presente mesmo nas áreas não literárias, como por exemplo a minha. Tudo isto está simbolizado na comissão de leitura composta por

escritores. É além disso um aspecto em que os directores de colecção sempre foram livres, em que os imperativos comerciais nunca foram postos em primeiro lugar. Se este espírito mudasse, eu não continuaria cá. Porque eu gosto desta casa pela sua história, pelo seu mito, pela NRF, a sigla que a todos nós fascinou e que continua a fascinar os mais novos».

Pierre Nora - que, entre outras coisas, dirige «A Biblioteca das Ideias» e a revista «O Debate» - exprime também a sua ligação ao actual PDG: «Antoine Gallimard apoiou «O Debate» desde o seu início em 1980 e foi ele também que me entusiasmou a lançar uma colecção, por altura do décimo aniversário da revista, em Maio deste ano. E soube manter e desenvolver o que torna esta empresa excepcional, um equilíbrio ideal entre a independência de cada um dos sectores e uma ver-

dadeira dinâmica de conjunto. Para mim a Gallimard é, em relação ao resto das editoras, o mesmo que «Le Monde» é em relação à Imprensa: é outra coisa.» É claro que, no quotidiano destas casas, encontramos os defeitos clássicos: a lentidão, a lendária «sovi-nice», a propensão para a auto-satisfação. Mas, perante a ameaça, perante a possibilidade do seu fim, conclui Pierre Nora, «apenas recordamos as suas incomparáveis qualidades, constatamos que o que lá se faz não poderia fazer em mais lado nenhum».

Por seu lado, afirma Philippe Sollers: «Toda a gente devia conhecer o plano de destruição do jornalismo livre e da edição independente neste final de século. Basta observar a incrível comédia que se representa em Itália, com o controlo das edições Mondadori por Berlusconi e pensar no que será o mercado europeu nos próximos dez anos, dominado pela Alemanha. É de temer que os franceses, anestesiados, demissionários, olhem para tudo isto sem reagir, da mesma forma que olham passivamente para o que pode acontecer à Gallimard e que seria uma tragédia para a própria memória do século.»

No fundo, toda a gente sabe qual é o risco que correm - a morte - a edição e a Imprensa independentes, mas ninguém quer, na realidade, ver. Fingesse que o dinheiro pode vir em auxílio do espírito. A forma como for resolvido o caso Gallimard será sem dúvida exemplar relativamente à possível resistência do segundo face ao primeiro. Mas podemos desde já afirmar que, se os grupos financeiros, nacionais ou estrangeiros, susceptíveis de controlar a Gallimard, tivessem do seu lado os Nora, os Sollers, os Pontalis e outros, isso já se saberia nas editoras que já estão sob o seu controlo.

Josyane Savigneau
Serviço exclusivo
«Le Monde»/«DL»

Tradução
de Maria Otilia Moreira

Miguel Torga foi ontem homenageado em Paris

O escritor Miguel Torga foi ontem homenageado em Paris, no âmbito de uma exposição histórica, iconográfica e bibliográfica comemorativa dos 700 anos da fundação da Universidade de Coimbra.

Entretanto, o «Diário XV» do escritor, numa edição de 10 mil exemplares, foi posto à venda em todo o país, no princípio desta semana.

A exposição intitulada «A Universidade de Coimbra: Sete Séculos de História de uma Universidade Portuguesa na Europa» decorre até amanhã, na sala Miró do Palácio da Unesco, na capital francesa.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

John Zorn e Naked City amanhã no Forum Picoas

Lixo e fantasia

Desta vez é que é: os tão esperados e anunciados Naked City, que o ano passado estiveram para vir a Lisboa uma, duas, três vezes com cancelamentos sucessivos por falta de uma sala que os recebesse, estarão amanhã em Portugal para tocarem à noite, pelas 22 horas, no Forum Picoas. Considerado pela imprensa internacional especializada (a «Ear Magazine», por exemplo) como um «trash fantasy group», o quinteto de Nova Iorque, liderado pelo sempre surpreendente John Zorn, é isso mesmo e nenhuma definição melhor lhe cabe.

O compacto homónimo que a Contraverso acabou de importar com chancela Elektra/Nonesuch, é comprovação mais do que suficiente, se algumas dúvidas ainda restassem depois do portentoso «Spy vs. Spy» de Zorn, sobre música de Ornette Coleman, um estoiro.

Quer-se dizer que aquilo que faz a música desta banda formada exclusivamente por estrelas do «underground» nova-iorquino (para além do saxofonista estão alistados Bill Frisell, Fred Frith, Wayne Horvitz e Joey Baron, nomeadamente) são as sobras, as demasias, o lixo exactamente, das músicas urbanas do nosso tempo. Tudo, do *speed metal* às bandas sonoras para desenhos animados, do *jazz mainstream* segundo o modelo *bebop* ao *rock-pop* da rádio sintonizada

em FM, do *rhythm and blues* ao balanceamento para *strip-tease*, do *country* aos *jingles* publicitários, literalmente tudo contribui para dar corpo e forma à música que o mais ostensivo grupo de Zorn vem oferecendo.

E tanto assim que os Naked City já são objecto do culto de quantos se cansaram dos sons vulgarizados mas também de todos aqueles que romperam a tempo com a vacuidade dos vanguardismos. Esgotadas fórmulas, recuperadas inventividades, Zorn e os seus são como que uma derradeira e possível novidade, quando já parecia impossível dar largas à imaginação. E no entanto não vieram trazer nada do outro mundo: antes pelo contrário, os temas deste CD apelam ao reconhecimento e actuam pela citação, recorrendo como recorrem à música popular americana nas suas diversas manifestações. O que é novo neles, isso sim, é o modo como encadeiam tais matérias-primas. Se o conteúdo é óbvio, o processo tudo questiona, tudo põe em causa.

Compreende-se então que o projecto Naked City tem uma «ideologia», herdada das ambiências dos policiais série B segundo a imagem (o mito?) que ficou estabelecida desde os anos 30/40. «Naked City», aliás, era o nome de um clássico da televisão americana que contava histórias da «cidade nua» e que a RTP ainda há pouco lembrou

na sua programação. Muito do que Zorn, Frisell, Frith, Horvitz e Baron tocam tem as suas raízes nesse tempo, mas dispara por aí fora sem quaisquer hesitações em incorporar elementos que hoje lhe são correspondentes na área daquilo a que se chama «cultura rock».

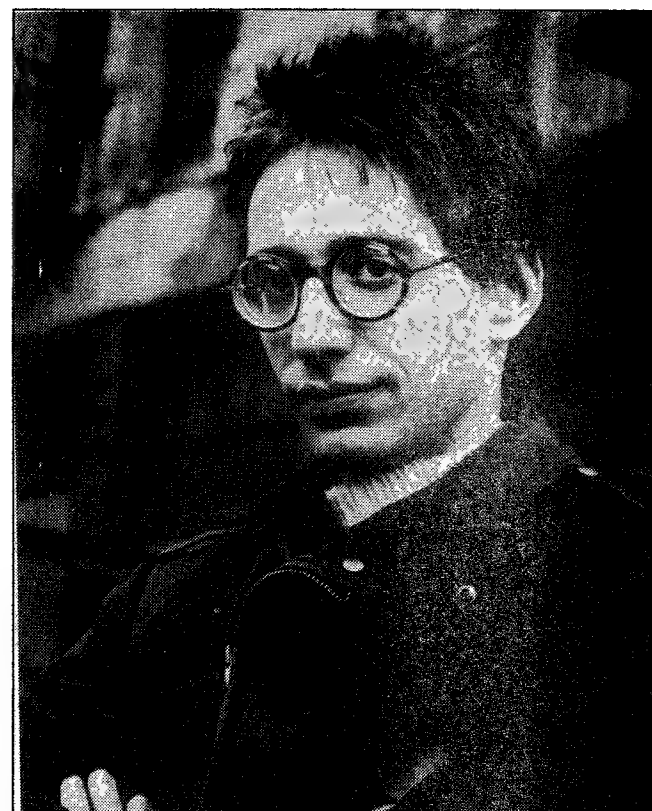
Há no grupo a personificação de um certo decadentismo à americana, habitado por *gangsters* e maus polícias, *junkies* e putas, loiras perdidas e caixeiros-viajantes com úlceras, mundo feito de errâncias e pose, inebriamento e desesperança, marginalidade e *bourbon*. O curioso é constatar como é a própria essência do jazz: o que os Naked City assim recriam, indo mais longe do que alguma vez foram os Lounge Lizards de John Lurie.

Observando-os simplesmente, quem diria? O único mote de extravagância que se lhes encontra é o facto de John Zorn gostar de usar sapatos de cores diferentes. De resto, são banalíssimos «young urban artists», com o seu ar «clean», apazível, pacífico e integrado. Ainda que certa Comunicação Social do país de Bush os acuse de fazerem a apologia da violência e da criminalidade, não se tenha dúvidas sobre as suas intenções. Todos os cinco membros dos Naked City, activos na cena *down-town* de Nova Iorque, reproduzem muito simplesmente o que está à sua volta.

A música do CD «Naked City» é, de facto, assustadora, feita com bruscas mudanças de tempo, bem ao estilo de Zorn, e com construções de rara empatia. Eles são os vencedores numa selva que os pode engolir a todo o momento - o sucesso, na *big apple*, não é uma conquista fácil. Gente com formação académica, erudita, gente que veio do jazz ou do *rock tout court*, preferiram abandonar quaisquer tentações de conformação estética e de vida e ir para a luta. São músicos de risco...

Ou seja: o que os lisboetas poderão amanhã ouvir, num local que verificando bem pouco lhes fará justiça (são mais um grupo para bar ou pavilhão desportivo, estes Naked City), se tem vínculos (confessos) com o dodecafonismo, se se referencia em Boulez, se é «arte», inspira-se também nos *comics* animados da Warner Brothers, nas *garage bands* de guitarras distorcidas, no saxofonismo de Albert Ayler, no cinema musical de Ennio Morricone, no suspense «classe média» de Henry Mancini ou no *hardcore* japonês. Não há *underground* em terrenos da erudição, só a música popular (só a criatividade popular, se mais latamente nos lembrarmos de um Andy Warhol) é capaz de ter uma *sombra*.

«O que eu faço é jogar com os géneros, misturá-los e confundir uns com os outros, sem ten-



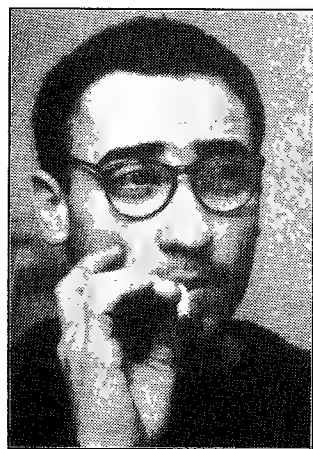
John Zorn

tar a fusão. Utilizo os géneros como materiais igualmente válidos que são», disse recentemente John Zorn a um jornalista. Talvez seja a isto que alguns designam por «fantasia», mas os Naked City defendem a sua causa e reivindicam para si um estatuto «dedicated-to-the-art-of-it-but-don't-forget-the-fun». Se calhar não é muito «sério» tocar como Zorn toca o seu alto, com uma rapidez inacreditável, impossível quase, pronta para mudar de rumo por meio de cortes súbitos, transmutando-se as estruturas, os ritmos, as feições (ou, melhor dizendo, as máscaras).

Sem dúvida que se trata de caricaturas musicais, mas as composições/improvisações do grupo são claramente o

sinal de que há um presente e quicá um futuro na música contemporânea. É evidente que as contribuições de um dos melhores guitarristas da actualidade, Bill Frisell, camaleão que tanto se afoita à sofisticação da ECM como se aplica às desbundas da Knitting Factory; do já lendário Fred Frith, que neste contexto se limita a um omnipresente baixo eléctrico; do elegante mas incisivo Wayne Horvitz nos teclados, e do baterista de batida «dura» que é Joey Baron, não são circunstanciais. Constituem, os cinco, a linha da frente da melhor música que hoje se faz nos States. Absolutamente a não perder.

Rui Eduardo Paes



“Não sou um pintor que pinta quadros, no sentido tradicional do termo”, diz o artista catalão Pep Agut, dos trabalhos que o apresentam ao público português na Galeria Graça Fonseca

«Nunca pinto a cor»

Ao apostar na divulgação de jovens artistas espanhóis, Graça Fonseca (directora da galeria a que dá o nome) soube aproveitar o interesse crescente das suas congéneres espanholas em receberem os artistas portugueses em reserendos.

Não foi por acaso que a galeria inaugurou com Leonel Moura. Representado em Madrid por Oliva Arauna, terá contribuído para uma aproximação das duas galerias. O que se saldou com a recente instalação de Eugénio Cano (nome praticamente obrigatório da arte contemporânea espanhola) e Paulo Feliciano, a expor brevemente em Madrid.

O resultado deste intercâmbio parece ser positivo. Se na situação anterior, Graça Fonseca optou por uma instalação conjunta (um diálogo), a apresentação de Pep Agut faz-se individualmente.

Praticamente um desconhecido, mostra um trabalho onde a pertinência da divisão do espaço da pintura remonta a 1983, elegendo como elemento formal - e cromático - o módulo universal do suporte, ao contrário de Mondrian.

“No meu trabalho anterior já se verificava a mesma preocupação pela divisão do espaço a partir da proporção e localização de cada elemento formal. A maneira de solucionar isto relacionava-se directamente com os

exemplos da História da Arte. Agora sou eu que determino as proporções, e o módulo escolhido é uma vulgar tela com as dimensões de 46 por 38 centímetros, que é o formato universal da pintura. Então, passei a pintar com este módulo. A nova ordenação de formas, de espaços, de proporções, a chave matemática que rege a localização de cada uma destas formas depende do tema que comportam. Assim, perdem qualquer possível referência com Mondrian, ou outros artistas que também tenham fraccionado o espaço da pintura”.

Se exceptuarmos a instalação *Amigos Para Sempre* e duas outras peças (cornijas ou rodapés, consoante a sua ordenação no espaço), Pep Agut vai buscar aos materiais (madeira e tela crua) a cor da sua (anti) pintura.

“Não sou um pintor que pinta quadros, no sentido tradicional do termo. A partir de 1983, passei a utilizar apenas brancos, negros e cinzentos. Considero que a cor não é um acto inerente à pintura, e que ela é - antes do mais - uma imagem visível pela luz e a sombra. Assim renunciei aos aspectos narrativos, decorativos e expressivos da cor, em busca da imagem. Uma vez configurada a estrutura, onde posso configurar uma imagem, a cor do material escolhido é a cor desse trabalho. É o material que a desempenha. Eu

nunca pinto a cor”.

No entanto, Pep pintou as barras que constituem as cornijas ou rodapés. Numa atitude de ocultação, sobrepôs o branco à cor natural (leia-se, industrial) do tecido-suporte.

“Exactamente. Para esses trabalhos, utilizei um tecido, típico na Catalunha, para forrar as cadeiras mais baratas, mais humildes. Com a pintura branca, limitei-me a fazer correcções nessa estrutura linear (ocultando fragmentos dessas barras de cor), com o intuito de as reordenar. O facto de as ocultar - sem potenciar aspectos cromáticos - é, de algum modo, assumir o material utilizado não como objecto colorido, mas apenas como objecto. Em vez de castanho poderia ser verde. Não o é porque só se fabrica naquela cor. Ao lado desses trabalhos, mostro uma cópia do resultado desse processo de ocultação em busca de uma determinada ordenação. As barras negras sobre tela virgem são uma proposta para a sua fabricação industrial. O trabalho deixa em aberto a possibilidade de ser feito por outras pessoas. A mim, não me interessa fazê-lo”.

Esse mesmo tecido, foi também utilizado na instalação, *Amigos para sempre*. Mais espectacular, talvez mais imediato, Pep escolheu sete arquétipos de cadeiras uniformizando-as pelo forro.

“Abandonado o espaço da pintura para, de certa maneira, trabalhar a visão do pintor sobre a mesma realidade, os móveis são um exemplo da realidade do quotidiano. Que é a que mais me interessa, por ser igual em qualquer parte do mundo. Esse conjunto de sete móveis correspondem a uma tipologia que vai desde as cadeiras de tipo doméstico às de uso profissional, onde encontramos escalas de poder.

Há-os para executivos, secretárias e cadeirões das salas de espera. Nos domésticos, há um sofá de uso familiar, o cadeirão do chefe de família, e um pequeno banco onde deixamos a roupa antes de nos deitarmos. Todos estes móveis correspondem a categorias humanas. Uni-os com um tecido que, para estes diferentes extractos sociais, tem uma conotação de humildade, e coloquei-os frente ao seu passado. A linha horizontal de madeira é uma linha de informação. Mas aqui, a direcção do texto foi alterada: começa pelo fim, numa alusão ao passado, à memória. As telas frente aos móveis, são os tecidos que os distinguem antes de estarem unidos pelo mesmo tecido. É um pouco o objecto filtrado pela arte que se observa a si mesmo, que observa o seu passado”.

Jorge Fallorca

Falar de cinema

«Os irmãos Baker e a fabulosa Pfeiffer»

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER (The Fabulous Baker Boys) - R: Steve Kloves (EUA, 1989); A: Steve Kloves; F (cor): Michael Balhaus; Mont: Bill Steinkamp; M: Dave Grusin; Dir. art: Jeffrey Townsend; P: Paula Weinstein, Sydney Pollack, Mark Rosenberg; I: Jeff Bridges, Michelle Pfeiffer, Beau Bridges, Ellie Raab, Jennifer Tilly, Xander Berkeley, etc.; D: 100 m; Dist: Sif; Est: Alfas, Amoreiras, Las Vegas (2-3-1990); Cl: **** (M/12 anos).

Dois irmãos pianistas (Jack e Frank Baker, interpretados pelos também irmãos Jeff e Beau Bridges), sobrevivem da sua arte, tocando em «boîtes» e bares de hotéis. Mas a crise avizinha-se. Os contratos escasseiam e tudo indica que o duo a quatro mãos precisa de uma cantora, de alguém que modernize o seu «número». O mais «comercial» dos dois Baker pensa no assunto e põe em marcha uma audição destinada a descobrir quem satisfaça as condições. Ela aparece, já quando ninguém a espera, na pessoa de Susie Diamond (a sempre belíssima Michelle Pfeiffer). Reunidos os três, o êxito regressa rapidamente mas a presença da Susie irá despolar algumas crises, nomeadamente a partir da relação amorosa que se estabelece entre Jack e Susie...

Dir-se-ia que esta história, e centenas de outras iguais a esta, já foi vista e revista vezes de mais no cinema. É verdade que sim, mas quem tem talento consegue sempre algo de novo de velhas histórias e isso mesmo o logrou Steve Kloves, que escreveu o argumento e dirigiu o filme, assinalando a sua estreia na re-

alização. Tendo feito a aprendizagem escrevendo argumentos que outros dirigiram, Kloves desde sempre sonhou realizar ele próprio esta história e tinha razão para o querer. Razão não tinham os produtores que foram, de ano em ano, impedindo a sua concretização, até ela chegar às mãos de Sydney Pollack que resolveu apostar neste estreante e deixá-lo concretizar em imagens o que talvez se não adivinhasse pelas palavras. O resultado é uma obra fascinante e a revelação de um cineasta a quem de futuro se terá de estar muito atento.

Que tem então de especial este *Os Fabulosos Irmãos Baker*? No fundamental, uma forma de filmar que vai buscar a alguns clássicos e que deixa adivinhar uma enorme capacidade para criar imagens; com uma componente mítica muito acentuada. Logo desde a sequência inicial se percebe que Steve Kloves tem uma maneira enleante de rodar a sua câmara envolvendo as personagens e uma forma de enquadrar a acção que impõe figuras com uma aura muito forte.

O recorte físico dos pro-

tagonistas de «The Fabulous Baker Boys» está sobrecarregado de signos que nos deixam adivinhar uma existência anterior, de que quase nada se sabe e tudo se imagina. O desprendimento de Jack, o cigarro e o copo de «whisky», a casa abandonada, a miúda de quem ele cuida nas horas de ócio, o velho e pesado cão que leva a passear, a sua relação com o irmão materialista, a ida diária para os «concertos» de hotéis que encobrem uma desistência, a nostalgia pelo «jazz» ouvido num clube de begros, tudo isto são elementos dispersos que nos vão ajudando a erguer uma figura, sem no entanto a possuímos, a esgotarmos.

Conhecemos o rosto e o ar cansado, mas ignoramos tudo o resto. O espectador é chamado a intervir, imaginar, efabular, compor o «puzzle». O que cria um fascínio inesgotável, que a câmara de Michael Balhaus sublinha de forma brilhante, através de uma iluminação que adensa atmosferas, que recorta figuras, que sabiamente cria zonas de luz e outras de sombra em que se joga todo o filme.

O mesmo, acentuado se possível, no que se refere a Susie, por força das mais diversas circunstâncias. Ela é o elemento perturbador que desencadeia situações novas, de sucesso e de confronto entre os irmãos. Ela é a que vem de fora ressuscitar sonhos adormecidos e tornar visíveis diferenças que se esbatiam. Ela é afinal o desejo

que se adia e cuja simples presença impõe opções e escolhas. Susie é não só o corpo a que se resiste até mais não poder, mas também a consciência de um fracasso que se recupera e que se tenta ultrapassar.

Do encontro de Jack com Susie nascem momentos inesquecíveis de uma sensualidade apenas sugerida como raramente o cinema americano nos dá. Susie, desde a sua aparição, irá desencadear um sugestivo dueto de progressivas provocações.



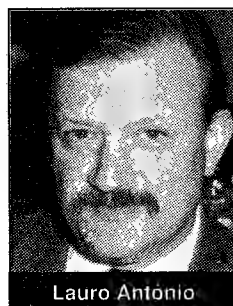
«Os fabulosos irmãos Baker»

Quando ela, aproveitando a ausência do irmão castrador, canta para Jack, languidamente deitada num piano, sabe-se que o que tem de ser tem muita força. No salão de festas, então abandonado, perdidos no tempo que pára, Susie e Jack entregam-se um ao outro numa fabulosa se-

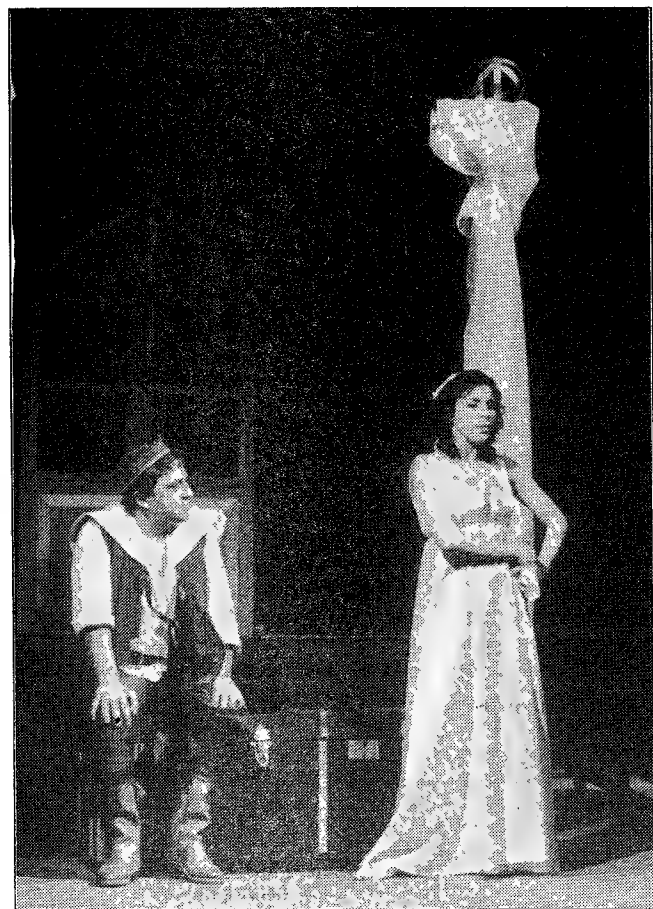
quência de paixão e desejo, onde, curiosamente, o que se imagina é muito mais forte do que o que se vê, demonstrando de novo, para quem o quiser ver, que no cinema o explícito tem muito mais força

que o implícito, que a sugestão é rainha nesta arte de aparências e mentiras tornadas reais pela imaginação dos espectadores. Uma tradição que vem do cinema mudo, mas que nem sempre se tem devidamente acautelado, Steve Kloves sabe-o muito bem e por isso lutou por um filme que o impõe como mágico das imagens, recusando-se a entregar a outros um argumento que visionava de uma forma que só ele poderia concretizar.

Os Fabulosos Irmãos Baker



Lauro António



O Grupo de Teatro de Portalegre tem em cena, no Salão do Convento de Stª Clara, «Autos da Índia e das Fadas», de Gil Vicente. José Mascarenhas, encenador do espectáculo, juntou numa só peça dois autos vicentinos: «O Auto da Índia» e «O Auto da Feiticeira». A interpretação está a cargo de Conceição Gonçalves, Fátima Reis, José Figueiredo Martins, Lúcia Duarte, Vítor de Freitas e Vítor Pires. Os cenários e figurinos são de Vladimiro Franklin. (Na foto uma cena do espectáculo)

«A ementa do dia»

NASCIDO A 4 DE JULHO, de Oliver Stone
TEMPO DE GLÓRIA, de Edward Zwick

O CLUBE DOS POETAS MORTOS, de Peter Weir
CINEMA PARAÍSO, de Giuseppe Tornatore
VALMONT, de Milos Forman
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER, de Steve Kloves

A GUERRA DAS ROSAS, de Danny de Vito
O PROCESSO DO REI, de João Mário Grilo
QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS, de Joe Johnston
FLORES DE AÇO, de Herbert Ross
NEGÓCIO DE FAMÍLIA, de Sidney Lumet
MISS DAISY, de Bruce Beresford
CORACÕES DE AÇO, de Brian de Palma

**

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?, de Pedro Almodóvar

*

ROCK DE FOGO, de Jim McBride
CIÚMES DE MORTE, de Nick Broomfield
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS, II, de James Uys

Com Dizzie Gillespie no protagonista

«Inverno em Lisboa» rodado em Portugal

O trompetista norte-americano Dizzy Gillespie, de 72 anos, iniciou terça-feira em San Sebastian a rodagem do filme «Inverno em Lisboa», uma película que narra a história de um jovem músico de jazz que se apaixona pela mulher de um gangster - segundo apurou a agência noticiosa Lusa.

«Inverno em Lisboa», uma história de gangsters, de negros e de jazz, é dirigido por José A. Zorrilla e baseia-se na novela homónima de António Muñoz Molina.

Protagonizado por Gillespie e Christian Vadim -- filho de Roger Vadim e de Catherine Deneuve -- o filme é uma co-produção europeia na qual participam três produtoras espanholas, uma francesa e uma portuguesa.

Com a sua participação em «Inverno em Lisboa», o lendário trompetista faz a sua estreia no cinema e simultaneamente o seu regresso à música.

Depois de uma inactividade musical de oito anos, Gillespie vai gravar a banda sonora do filme com arranjos de Slide

Hampton.

Esta co-produção europeia, com um orçamento de 300 mil contos, será filmada durante seis semanas, das quais duas em San Sebastian e o resto em Lisboa.

Desde 1945 que Dizzie Gillespie (por alcunha «o Louco»), uma lenda viva do jazz, se converteu numa estrela internacional, tendo nos anos 60 tentado a sua sorte para a Casa Branca ao apresentar-se como candidato à presidência dos Estados Unidos.

Escuridão completa quando o Belenenses vencia por 2-0

Setúbal: faça-se luz!

Decididamente: para o futebol português entrar em ciclo de completo descrédito, só faltava surgir o ciclo das insólitas avarias eléctricas a travarem os jogos quando (curiosamente), os clubes proprietários dos relvados estão em desvantagem no marcador. Ontem, o caso Maia-Gil Vicente prolongou-se no Vitória de Setúbal-Belenenses. Na jovem cidade nortenha, os gilistas venciam os maiatos por dois tentos sem resposta. No Bonfim, os restelianos levavam de vencida os vitorianos por margem idêntica. No parque da Maia, as torres deram o badagaio quando faltavam 16 minutos para se cumprir a função. Em Setúbal, entrava-se no último quarto de hora quando as iluminações zarpavam.

Em relação ao embate nortenho, o Conselho de Disciplina da Federação determinou que se jogassem os 16 minutos que restavam para, depois, se homologar o resultado. Mas, veio doutrina diferente do soberano Conselho de Justiça, que entendeu ser obrigatório repetir-se todo o jogo para então ficar definido o triunfador. Logo (e aqui) houve colisão frontal entre dois sectores da disciplina que rege o nosso futebol. E, segundo afirmam os integrantes dos diferentes conselhos, não ficou estabelecida jurisprudência: o Regulamento Geral de Provas que somente pode ser modificado em plenário das associações distritais, é (por enquanto) omisso neste casos da luz eléctrica dar às de Vila Diogo e os joguinhos ficarem afastados dos previstos 90 minutos para cada espectáculo. Agora, quem avança uma linha mestra de conduta jurídica para o insólito de ontem, com vista ao futuro?

Choque de juízos

Os pontos de vista, embora muito cautelosos porque o relatório do árbitro ainda não chegou à Federação, são completamente divergentes. Segundo o dr. Lúcio Barbosa (presidente do Conselho de Disciplina) e numa óptica muito pessoal, que nem sequer sei se é partilhada pelos meus colegas, acho que apenas devem ser cumpridos os 15 minutos que

faltaram. Aliás, esse foi o meu julgamento em relação ao Maia-Gil Vicente. Um ponto de vista que dominou o nosso parecer mas que foi diametralmente batido pelo pleno do Conselho de Justiça. Por seu turno, o dr. José Maio Macário, figura exponencial do Conselho de Justiça, que influiu no julgamento do caso no parque maiato e rubricou a obrigatoriedade do encontro com os gilistas ser totalmente repetido, afirma:

— Esse julgamento não fica como regra. Atendeu-se a que na noite do Maia-Gil Vicente, o mau tempo assolou o País, e, com certa lógica, poderá ter afectado o sistema eléctrico do estádio da Maia. Logo, esse jogo deve começar do zero. Só que, embora ainda esteja por fora do problema, entendo que desta vez aconteceu avaria eléctrica com outra causa; não havia temporal, as torres ainda não tinham tido qualquer problema, apenas um inquérito conduzido rapidamente por peritos pode tentar encontrar a razão do jogo ter de terminar de modo brusco.

Azul estava vivo

No parque vitoriano, tudo ia correndo à feição mais preferida do Belenenses: a defesa do Vitória (especialmente Figueiredo) era um ver-se-te-avias para os restelianos, o meio-campo estava engasgado (Jaime Pacheco não estava nos seus dias e logo todo o «team» ficou empenhado) e, na dianteira sadina, Aparício não acertava uma, deixando Mladenov a contas com uma muralha. E que bem julgou o búlgaro! Com tanto empenho que, em choque de cabeças com José António, ficou com a testa rasgada: apesar desse «handicap», os colegas teimaram em servi-lo pelo ar o que (como facilmente se entenderá) era solicitação vã e condenada ao inteiro fracasso.

Por outro lado, o Belenenses tinha no tabuleiro perfis de belo recorte: soberanos Gonçalves e Galo, magníficos Oliveira e José António, espectaculares Saavedra e Chiquinho, relampejante corria Jaime (em perfeita coordenação com Galo) e pelo seu flanco descia Zé Mário, sempre que lhe apetecia porque nem a

mudança operada por Manuel Fernandes, ao intervalo, fazendo apelo a Crisanto e Makukula, deu para qualquer alteração benéfica para as cores do emblema do Bonfim.

Por isso se aceitava perfeitamente, sem qualquer reboço e dentro do bom julgamento dos céus, que o Belenenses estivesse ultrapassando a eliminatória taceira e, com dois tentos de vantagem a um quarto de hora do apito final, esperasse apenas o silvo de Bento Marques para festejar a entrada nas meias finais da prova em que detém o mais apetecido símbolo.

Só que o Diabo (ou alguém por ele) tece-as. E a luz fanou. Foi tudo muito lentinho: um a um, os projectores de uma torre foram indo às malvas, logo depois a parceira faliu completamente, daí a segundos ia-se a 3.ª companheira. E começou a risota (para uns) e os nervos em franja (para outra fatia da plateia): a luz ia e vinha, tão depressa iluminava um cantinho do relvado como se apagava nos camarotes, imediatamente acendiam-se os caminhos para as saídas mas, em compensação, ficava o rectângulo em escuridão perfeita.

Vai daí...

Os jogadores ficaram em grupinhos. Bento Marques começou a olhar para o relógio: e, quando tinham passado 16 minutos naquela patusada, voltou a luz. Reiniciou-se o espectáculo. Porém, sol de nenhuma duração: 20 segundos depois, novo negrume fazia os belenenses arreparem os cabelos. E, entre um jogo de luz acende aqui e apaga acolá, tudo às claras outra vez sem se ver a um palmo do nariz, o calendário correu mais meia hora. O carnaval acabou quando tudo foi para o banho. Com bem diferentes estados de espírito, como se poderá avaliar. O eng. Pedro Costa (vice-presidente sadino) dizia:

— Quanto a mim, o jogo terá de repetir-se integralmente. Nenhuma das equipas teve a ver com este problema. Os próprios técnicos da EDP atribuem a quebra de iluminação ao facto de ser hora de ponta e as torres já terem sido construídas há 20



Foto Lusa/Guilherme Venâncio/«DL»

Oliveira: desarme perfeito a Jaime Pacheco

anos.

O dirigente belenense Barcínio Pinto estava inconformado:

— Estamos assistindo a uma autêntica vergonha!

O presidente azul, Mário Rosa Freire:

— É o fim do futebol!

Contrapunha o técnico setubalense Manuel Fernandes:

— O certo é que foi uma sorte que nos caiu do céu, porque agora o jogo tem que ser repetido, tal como vai acontecer ao Maia-Gil Vicente. Não pode haver dualidade de critérios...

Fora dos muros do estádio, as duas falanges trocavam piadas. E, diziam os adeptos do emblema de Lisboa: «Domingo à tarde, quando voltarmos aqui para o jogo do campeonato, trazemos lanternas de mineiros!» Respondiam os alegres setubalenses: «Porque é que vocês não se queixam à EDP? Têm sempre gente importante em todos os lugares de mando...»

Resumindo, não concluindo

Lentamente, a concentração ia dispersando. Pagantes neutrais trocavam impressões:

— Viste bem o camarote do presidente? Reparaste que o Fernando Oliveira estava lá

com o Pinto da Costa (presidente do Futebol Clube do Porto) e com o Francisco Silva, o tal que arbitrou aquele jogo em que...

Um belenense, do tempo de Acácio Rosa, contava para pequeno grupo de circundantes:

— Tudo acontece ao pobre do meu clube! Levámos porrada por causa do Mapuata, apanhámos uma ripada por causa dos cartões amarelos ao Macaê, levámos lambada pelos três estrangeiros na Taça de Honra, somos mesmo os bombos desta festa! Se tivermos de repetir este jogo (e não apenas os 15 minutos que faltam) o melhor é correr-mos os taipaís...

Esta manhã, com toda a elegância e o melhor fair-play, o

presidente vitoriano, Fernando Oliveira, declarou aos microfones da TSF:

— Entendo que o melhor é não repetir o jogo, nem sequer jogar-se o quarto de hora que faltou. Com toda a sinceridade: acho que o Belenenses deve ser declarado vencedor da eliminatória. Fez tudo para isso!

Talvez, no turbilhão que está a criar-se, esta afirmação tenha sido água gelada em muitos vulcões a prepararem a explosão da lava. Bem vistas as coisas, pode ser que Fernando Oliveira (um dirigente que passou por todas as escalas do futebol, desde praticante a técnico) esteja procedendo como Salomão.

Neves de Sousa

Belenenses: nenhuma substituição

Com arbitragem de Bento Marques (Évora) que esteve acompanhado por António Manuel e António Figo, actuaram:

Vitória de Setúbal: Jorge Martins; Dito; Figueiredo, Jorge Ferreira (Crisanto na 2.ª parte) e Quim; Serra, Quinto (Makukula, na 2.ª parte), Jaime Pacheco e Lufemba; Aparício e Mladenov.

Belenenses: Mihaylov; José António; Galo, Oliveira, Edmundo e Zé Mário; Jaime, Juanico e Gonçalves; Saavedra e Chiquinho.

Golos: Chiquinho (43 minutos) e Gonçalves (60). Cartão amarelo para Saavedra, Serra, Galo e Oliveira.

Leixões: voto de confiança mantém timoneiro ao leme

Reuniu o Conselho Geral do Leixões Sport Clube, sob a presidência de Narciso Miranda, secretariado por Emílio Brito e Armando Correia e, também, com a presença do vice-presidente Domingos Soares Lopes, para tomar conhecimento da crise directiva que o clube atravessa, por força da demissão da direcção.

O presidente da Assembleia Geral, Mário Moreira Maia, expôs a situação e apelou para o conseguir de uma solução que servisse os altos interesses do clube, tendo de seguida o presidente do Conselho Geral, através de uma longa e bem explanada exposição, colocado em relevo a acção desenvolvida nos últimos anos no clube,

sempre com Manuel Cidade em lugar de responsabilidade, pelo que, segundo Narciso Miranda ele é credor do maior respeito e louvor, repudiando-se, por isso, qualquer atitude que possa molestar o seu prestígio e dos directores que o acompanharam como associados e dirigentes.

Narciso Miranda lançou um apelo para que os demissionários retirassem o pedido de demissão, prometendo o maior apoio do Conselho Geral à direcção, enfrentando, ao lado dos dirigentes, os possíveis adversários internos do clube, alguns deles mais perigosos do que aqueles que representam outras colectividades e pretendem

legitimamente vencer o Leixões no campo desportivo.

Os conselheiros Joaquim Queirós, dr. Hermanno Serrano, Júlio Galante, Mário Brito, Orlando Ramos, Mário Santos e José Joaquim da Silva tiveram intervenções de apoio aos dirigentes demissionários, tendo o primeiro solicitado que o Conselho Geral deliberasse proceder a um rigoroso inquérito que possa vir a apontar os responsáveis pelos descalos no Estádio do Mar, pronunciando-os disciplinarmente, ao nível do clube, e no foro criminal, já que está em

causa a dignidade das pessoas e, especialmente, do clube.

Manuel Cidade e o vice-presidente António Gonçalves tiveram acaloradas intervenções, instando o seu desgosto pela situação criada por alguns indivíduos que se dizem leixonenses, ao mesmo tempo que se mantinham irredutíveis nas posições demissionárias assumidas. Apesar deste estado de espírito e depois de nova intervenção de Narciso Miranda, o Conselho Geral pronunciou-se por unanimidade e aclamação, para que os dirigentes continuassem nos seus postos e fossem desagravados das ofensas sofridas.

Estrela da Amadora, 1-Tirsense, 0

«Frango à Lúcio» servido a rigor

Já estavam jogados mais de 45 minutos, quando, do «meio da rua», o zairense Basaúla Lemba se terá lembrado do monumento do frango consentido pelo n.º 1 contrário no encontro frente ao Beira Mar em que o «peper» de Aveiro (Quim de seu nome) marcou um gol de histórico. Basaúla «puxa a catra» e disparou, acertando o alvo e nas intenções. O simpático Eduardo Lúcio Esteves Pereira voltou a servir o peru, deixando escapar a bola das mãos para dentro da «poeira». A gargalhada foi monumental e as milhares de mancinhas que beneficiaram da gazeta escolar e se encontravam a emoldurar a nova bancada do bonito Estádio José Gomes deliraram com falhanço do veterano guarda-redes ao serviço da nobre colectividade de Santo Tirso. Lúcio, que em tempos idos envergou por três vezes a camisola da selecção lusa na categoria de esperanças, terá deixado escapar os reflexos que o creditaram como um dos nossos melhores especialistas na guarda das balizas? É bem possível que os 36 anos a completar no próximo dia 1 de Setembro tenham alguma coisa a ver com os hiatos de visão e segurança tidos ontem e noutras datas recentes. Um gol consentido e que desfez o sonho do professor Neca de, pelo menos, tentar transferir a decisão da eliminatória para o palco do seu clube. Um gol de patente zairense que coloca a prestigiada colectividade da Amadora nas meias-finais da segunda prova mais importante do calendário nacional, depois de ter afastado sucessivamente o Estoril, o Braga e o Marco e, agora, nada mais nada menos do que aquele que fez tombar os dragões em pleno Estádio das Antas.

Não foi bonito

Voltando à iniciativa do Estrela da Amadora (naturalmente com a plena concordância do Tirsense, já que, na circunstância, o campo na Taça tem o estatuto de neutro) em convidar todas as instituições escolares para que a miudagem pudesse assistir ao jogo, diremos que foi uma atitude a merecer vigoroso aplauso, mas não foi bonito escutar o coro de assobios com que receberam a equipa de arbitragem e os jogadores do Tirsense. Foi nota de extrema desalegria e foi pena que os educadores não tivessem o cuidado de recomendar aos garotos que, para além do apoio à equipa da sua terra, deveriam aplaudir todos os intervenientes do espectáculo. Fica o reparo a um gesto menos feliz da pequenada que tanta alegria revelou ao longo do encontro. Para a próxima oportunidade, certamente que os professores e encarregados de educação não se deverão esquecer de aconselhar os «pu-

tos» a outro tipo de comportamento. Vale a pena que esse esforço pedagógico seja feito.

Bobó, Duílio & C.ª

João Alves arriscou a aposta quando no encontro com o Vitória de Setúbal (que perdeu com um monumental peru, dado pelo guarda-redes Melo que, impávido e sereno, assistiu ao remate-cruzamento de Serra, com a bola a seguir a rota certa) deixou nas bancadas os seus dois futebolistas de maior bitola físico-atlética (Bobó e Duílio) propositadamente para os utilizar na plenitude das suas capacidades no confronto de ontem. Dir-se-á que a jogar com esses influentes pedras do seu xadrez, o Estrela não perderia com os sadinos. É argumento subjectivo, uma vez que os seus substitutos se comportaram com total empenhamento e pleno acerto e o gol da derrota resultou de um lance fortuito. Por isso e pelo labor quer do brasileiro quer do guineense, demonstrado no decurso de todo o encontro, João Alves fez bem em arriscar. Na verdade, o possante defesa nascido em Curitiba e o esforçado moço de Canchungo, demonstraram, no decurso do jogo, que constituem pedras angulares de toda a estrutura da bem arrumadinha turma do Estrela. Duílio foi um autêntico «115» acorrendo à sala de Rui Neves ou de Caetano, auxiliando a zona de jurisdição de Basaúla ou Rebelo e não raras vezes vinha por ali fora na direcção de Lúcio e seus pares, no propósito de «espicaçar» os seus colegas da frente. Uma exibição notável no acerto, no esforço desenvolvido, na clarividência dos lances, na serenidade, no sentido de colocação e na correcta leitura do desenvolvimento do jogo. Quanto a Bobó, foi o «patrão da loja». Jogou e fez jogar. Ele foi o grande dinamizador de toda a estratégia montada por João Alves, e por ele passaram os sucessivos lances de ataque da sua equipa e, quanto a resistência física, nenhum dos demais 24 parceiros atingiram a sua bitolaa. E já que estamos em fase de citação, há que conceder menção honrosa a Tueba (muito tecnicismo, poder de «dribling», centros medidos a régua e esquadro), Melo (seguro, atento, boa elasticidade ainda que o trabalho não tenha sido muito), Rui Neves (boa colocação no terreno, sentido de desarme, correcto na marcação e nas dobradas), Baroti (tudo fez com acerto), Bio (técnica e tacticamente perfeito) Sérgio (esforço sem medida, vigor atlético e alguma dureza à mistura). Estes os elementos que mais destacaram num encontro que não teve grandes primores, mas que decorreu com excelente movimentação, empenhamento generalizado por todos os intérpretes, en-



Basaúla (Estrela) versus José Maria (Tirsense)

trega total dos artistas em cena.

Neca inconformado

O técnico Manuel Gonçalves (Neca) manteve constante inconformismo e aos 70 minutos ordenou a entrada de Vitinha e Kipulu, saindo Eusébio e Rodolfo Coutinho. Intenções bem visíveis e Rui Neves, Duílio e Barney passaram por um período de «trabalho forçado» já que o Tirsense demonstrara em toda a primeira parte (forte dique montado na frente de Lúcio) o propósito deliberado de segurar o zero-zero, espreitar qualquer ensejo para surpreender Melo e, em caso extremo, fazer adiar a eliminatória para segundo jogo a realizar no seu território. João Alves salta do banco e grita, gestícula, incita os seus comandados, corrige o esquema que vinha sendo desenvolvido e cedo voltou a puxar os cordelinhos do jogo, com defesas e médios a marcarem «em cima», jogando em antecipação, tapando todos os espaços de manobra e evidenciando forte saúde física e psicológica, o triunfo foi averbado com total merecimento. No final, «Alves era um técnico feliz — «jogámos futebol de grande qualidade, fomos superiores ao opositor, não cometemos erros estratégicos e por isso merecemos prosseguir na Taça. Agora já penso

na Europa e dos adversários em prova não tenho qualquer preferência, nem pelo Farense que é uma equipa de primeira divisão».

O seu parceiro Neca eram também um homem calmo: «Os meus jogadores foram briosos e se perderem porque sofremos um gol trágico. Calmos com honra e creio que depois de afastarmos o Salgueiros, Varzim e FC Porto, deixámos de ser os miseráveis e os coitadinhos».

Muito bem

Ribeiro dos Reis, que foi o mais respeitado tratadista das leis de jogo, ensinou-nos que são amplos e até discricionários os poderes concedidos aos árbitros, revestindo-se da autoridade necessária. Precisamente por isso, essa autoridade tem que exercer-se dentro de moldes justos, não podendo ser aplicada dos amplos poderes que a lei lhes confere, tendo de haver sempre equilíbrio no exercício da autoridade, embora se exija, com energia e firmeza, o acatamento das decisões dadas. A poderes amplos terão de corresponder obrigações e responsabilidades também amplas, o eborense José Prata (ao qual antes do jogo desejámos uma actuação dourada) e seus parceiros António Matos e Lopes da Silva conhecem a lição.

Alves Henriques

Basaúla: um gol feliz

Jogo no Estádio José Gomes, muito bem arbitrado por José Pratas.

ESTRELA: Melo; Rui Neves, Duílio, Barney e Caetano; Basaúla, Bobó, Rebelo (Elias, aos 16 minutos) e Paulo Jorge; Ricky e Baroti.

TIRSENSE: Lúcio; Bio, Vlamicir, Louro e José Maria; Sérgio, Eusébio (Vitinha, aos 70 m), Tueba e Quim; César e Rodolfo Coutinho (Kipulu, aos 70 m).

O gol solitário foi rubricado por Basaúla no minuto 45 e, no aspecto disciplinar, Bobó e José Maria foram os únicos contemplados com a cartolina amarela.

Guimarães e Farense seguem em frente

Para além dos acontecimentos de Setúbal e do triunfo do Estrela da Amadora frente ao Tirsense, o Vitória de Guimarães venceu (com alguma dificuldade) o Maia (2-1) enquanto o Farense despediu o Valonguense pela contundente marca de 4-0. Para a história, a «ficha» dos encontros de Guimarães e de Faro.

Farense, 4 - Valonguense, 0

Estádio de São Luís. Árbitro: Sepa Santos, de Lisboa.

Farense: Lemajic; Eugénio, Orlando, Luísão e Nelo; Heli-nho, Pitico, Sérgio Duarte (Formosinho, 59) e Ricardo (Mané, 46); Ademar e Fernando Cruz.

Valonguense: Fernando; Bino (Dantas, 52), Mendes, Camões e Maia (Santos, 25); José Augusto, Paulo Torres, Pimenta e Delfim; Moura e Pedro.

Golos de Fernando Cruz (33, 43 e 56 minutos) e Ricardo (36).

Cartão amarelo exibido a Camões.

Guimarães, 2 - Maia, 1

Estádio Municipal de Guimarães, arbitrado por José Silva-nos, de Vila Real.

Vitória de Guimarães: Madureira; Alberto, Germano, Carvalho (N'Dinga, 65) e Jorge; Roldão, Chiquinho, Vítor Santos e Caia Júnior; Soeiro e Silvinho (Peixoto, 65).

Maia: Balseiro; Paulo Sousa (Paulo Brás, 85), Elísio, Lima Pereira e Coelho; Fonseca, Ramos, Oliveira e Careca (Celestino, 57); Domingos Gomes e Canhoto.

Golos obtidos por Roldão (5m), Canhoto (57) e Chiquinho (82).

Juniores: missão cumprida

Como se esperava, a selecção nacional de juniores «B» assegurou a sua presença na 8.ª edição do campeonato europeu, que ocorrerá de 15 a 28 de Maio na RDA, ao confirmar a sua superioridade perante a representação de San Marino vencendo por 4-0 depois do 3-0 averbado na primeira mão.

Com golos de Poejo e Litos (ambos a bisarem com êxito as redes de Amici), o encontro ontem realizado em Barcelos, foi caracterizado por domínio intenso dos comandados de Carlos Queirós que realizaram magnífica exibição sendo inquestionável a sua supremacia relativamente ao opositor que lhe tocou por sorte na fase preliminar e de apuramento.

Diga-se ainda, que a exibição dos nossos juvenis, faltou a ajustada materialização, já que os nossos avançados demonstraram alguma falta de serenidade no momento da finalização dos bons lances girados.

Arbitrou o luxemburguês Ernest Keeseler e as equipas alinharam:

PORTUGAL: Costinha; Rui Nelson, Alexandre Ribeiro, Litos e Kennedy; Costa, Hernâni (Alexandre Monteiro, aos 63), Sérgio, Nuno Miguel (Luísinho, 56); Poejo e Porfírio.

SAN MARINO: Amici; Gasperoni I, Pelicioni, Valentini e Leoni; Gasperoni II, Zocini (Bianci, 77), Puzzi (Mazza, 77) e Zonoci; Pagliocci e Gasperoni III.

Os golos couberam a Poejo (22 e 71 minutos) e Litos (41 e 74m) e quanto a indisciplina, Zocini e Puzzi viram o cartão amarelo.

Calisto abandona a Académica

Henrique Calisto despede-se hoje dos jogadores que liderou durante os últimos meses, deixando a Académica para ingressar (segundo consta nas margens do Mondego) num clube situado mais ao norte. Para suceder a Calisto, os nomes apontados são Costa e Simões, antigos futebolistas da «Briosa».

Sporting jogou em Cantanhede

Para assinalar a inauguração do novo estádio de Cantanhede, o Sporting fez deslocar uma formação futebolística àquela localidade e empatou (3-3) com o Marialvas. Pelo Sporting, Lima marcou dois golos enquanto Edel rematou uma vez com acerto. Pelos locais Neto, Capucho e Gil foram os autores dos remates vitoriosos.

Mundial: Fifa pode alterar lista dos árbitros nomeados

O secretário-geral da Federação Internacional de Futebol, Joseph Blatter, admitiu a possibilidade de alguns dos 36 árbitros nomeados para o Mundial-90 serem trocados, caso não meliores as suas condições físicas. Esta declaração de Blatter (feita no final de um estágio em que participaram todos os pré-seleccionados entre os quais Carlos Valente) resulta do facto de alguns se terem apresentado em deficientes condições físicas. Naquele estágio, os árbitros submeteram-se a testes físicos de grande rigor e exames de assimilação das regras de jogo, com especial incidência no combate ao jogo violento.

DESPORTO

Jogou-se futebol por toda a Europa

Brasil perde em Wembley

Por essa Europa, efectuaram-se diversos jogos entre selecções nacionais, na maioria incluídos em planos de preparação para o campeonato mundial, que vai desenrolar-se em Itália. Resultados:

- Em Málaga: Espanha - Áustria, 2-3 (2-0, ao intervalo).
- Em Budapeste: Hungria - França, 1-3 (1-1).
- Em Dublin: República da Irlanda - País de Gales, 1-0 (0-0).
- Em Kiev: União Soviética - Holanda, 2-1 (1-0).
- Em Berlim-Leste: RDA - Estados Unidos, 3-2 (2-1).
- Em Atenas: Grécia - Israel, 2-1 (0-0).
- Em Lodz: Polónia - Jugoslávia, 0-0.
- Em Londres: Inglaterra - Brasil, 1-0 (1-0).
- Em Glasgow: Escócia - Argentina, 1-0 (1-0).
- No Cairo: Egipto - Roménia, 1-3 (1-2).
- Em Esch-Sur-Elzette: Luxemburgo - Islândia, 1-2 (1-2).

No embate que apresentava maior curiosidade maior curiosidade, um golo de Gary Lineker, (aos 35 minutos) deu triunfo britânico sobre o *escrite* brasileiro, onde alinharam nomes bem conhecidos do futebol português. A selecção «canarinha», que desde 1956 não perdia com a Inglaterra no Estádio de Wembley, apresentou na sua formação alguns jogadores que militam actualmente em clubes portugueses: Ricardo, Aldair e Valdo (Benfica), Silas (Sporting) e Branco (FC Porto), este último o único «português» a jogar os 90 minutos.

O Brasil, que se exibiu de forma algo decepcionante, contou também, nas suas fileiras, com o ex-benfiquista Mozer, (actual jogador do Marselha, próximo adversário

da formação da Luz na Taça dos Campeões Europeus).

O 1.º e único tento da partida foi obtido por Gary Lineker, de cabeça, após a sua equipa ter beneficiado da marcação de um *pontapé de canto*, cobrado pelo companheiro Peter Beardsley. Com este golo, o ex-jogador do Barcelona (que milita actualmente no Tottenham), elevou para 30 o número de tentos que já assinou pela sua selecção, igualando assim os recordes dos lendários Bobby Charlton e Bobby Moore.

Em quase toda a 1.ª metade, o futebol praticado foi de fraca qualidade, com algum domínio da selecção inglesa, principalmente no meio-campo. No entanto, nos últimos minutos o Brasil subiu no relvado e exerceu alguma pressão, tendo beneficiado de três *pontapés de canto* nos últimos nove minutos. Nesta altura, Careca, (com um toque subtil dentro da área) e Branco, (a desferir um potente remate, a 35 metros da baliza inglesa), perderam boas ocasiões para inaugurar o marcador.

Com as entradas de Alemão e Muller para os lugares de Valdo (aos 46 minutos) e de Silas (58), o ataque brasileiro ganhou outra força, muito embora com a defensiva inglesa sempre a actuar muito concentrada e coesa. Aos 65 minutos, Muller desperdiçou lance para marcar, quando se dirigia isolado para a baliza adversária, valendo na ocasião a intervenção do guarda-redes Peter Shilton.

Quando faltavam dois minutos para o final da partida, o Brasil perdeu a mais soberana oportunidade de atingir a igualdade, quando a bola embateu na barra da baliza à guarda de Chris Woods, após remate de Muller.



Telefoto Reuters/DL

Londres: o portista Branco vence a irregularidade do britânico Trevor Steven

No final da partida, Lazaroni (seleccionador do Brasil), defendeu que a sua formação não merecia sair derrotada de Wembley, pois «a Inglaterra nada fez para ganhar o jogo». «Nós criámos inúmeras situações de golo, principalmente na 2.ª parte», sustentou Lazaroni, cuja formação sofreu a 1.ª derrota nos últimos 15 jogos disputados.

Sob arbitragem do alemão-democrático Klaus Peschel, as equipas alinharam:

Inglaterra: Peter Shilton (Chris Woods aos 11); Gary Stevens, Des Walker, Terry Butcher e Stuart Pearce; Chris Waddle, Steve McMahon, Davis Platt e John Barnes; Peter Beardsley (Paul Gracoinne aos 78) e Gary Lineker.

Brasil: Taffarel; Jorginho, Mozer (Bismark aos 77), Mauro Galvão e Branco; Ricardo; Bebeto (Aldair aos 77) e Dunga; Careca, Silas (Muller aos 58) e Valdo (Alemão aos 46).

Nada fazia prever o desfecho do embate que, em Málaga opôs a Espanha à Áustria. Ao intervalo, os espanhóis venciam por 2-0, com tentos de Manolo Sanchez (no 1.º minuto) e Emilio Butragueño

(aos 33), porém, no 2.º tempo, os austríacos deram a volta ao jogo marcando três golos (para decepção dos 26 mil espectadores), através de Hoertnagel (46 minutos), Anton Polster (65) e Rodax (89).

A Espanha vai disputar o grupo «E» do Mundial, juntamente com a Bélgica, Coreia do Sul e Uruguai, enquanto a Áustria participa no grupo «A» com os «anfitriões» (Itália), Estados Unidos e Checoslováquia.

As equipas de ontem: **Espanha:** Andoni Zubizarreta; Miguel Chendo (Quique Sanchez), Manuel Sanchez, Genaro Andrinua e Manuel Jimenez; Michel Gonzalez, Roberto Fernandez (Rafa Paz), Rafael Martin Vazquez (Alberto Goriz) e Perez Villarroja; Manolo Sanchez (Julio Salinas) e Emilio Butragueño (Miguel Pardeza).

Áustria: Klaus Lindenberg (Otto Konrad); Robert Pecl, Ernst Aigner, Anton Pfeffer e Mandred Zsak (Michael Streiter); Peter Artner, Christian Keglevits (Kurt Russ), Alfred Hoertnagl e Peter Schoettel (Andreas Reisinger); Andreas Ogris (Gerhard Rodax) e Anton Polster.

Maratona revalida ligação com campeões

No Castelo de São Jorge, o Maratona Clube de Portugal reuniu-se com a Comunicação Social, especialmente para (com o maior realce) revelar a renovação de contratos com os atletas Manuel Matias (triunfante na Maratona japonesa de Fukuoka) e Joaquim Pinheiro. Como testemunha muito especial esteve o dr. Lucas Pires, deputado português ao Parlamento de Estrasburgo.

Carlos Móia (presidente do Maratona) contou como nasceu o clube: «Um grupo de amigos que se reunia para cor-

rer. Hoje, há mais veteranos a correrem maratonas que jovens atletas. Mas, estamos em contacto com atletas de diversos emblemas para reforçarmos uma equipa que, com o patrocínio da Triunvari/Zanussi (dirigida pelo eng. Luís Filipe Esteves) irá fazer cada vez mais e melhor. Também, em termos de representação feminina, queremos uma formação digna: nesse sentido estamos a trabalhar, pois há a hipótese de um outro patrocinador nos apoiar.»

Ficou no ar a ideia de que o

Maratona está entabulando negociações para a contratação dos gémeos Castro (que têm representado o Sporting) e, ainda, atletas do Benfica e de diversas colectividades nortenhas: «Os Castros querem vir para o nosso clube e o problema reside apenas nas condições financeiras, que estão dependentes do auxílio que conseguirmos dos patrocinadores. De qualquer modo, vamos investir bastante nesta temporada desportiva.»

Carlos Móia acrescentou: «O principal objectivo do Maratona será o Campeonato Nacional de Estrada, onde o clube não contará com Joaquim Pinheiro porque temos um espírito de família e, como ele tem uma prova em Londres (22 de Abril) não pretendemos prejudicar o atleta.»

O Maratona tem programadas a participação em diversas competições, destacando-se a prova italiana de Stramilano (onde correrão Manuel Matias e Joaquim Pinheiro), a Mara-

tona de Londres (Joaquim Pinheiro, Cipriano Lucas e António Riscado), o Nacional de Estrada e a Maratona de Paris (Manuel Matias e José Sobral). Na época de Inverno, o Maratona participou em 44 provas (11 no estrangeiro) tendo (nomeadamente) vencido a Maratona japonesa de Fukuoka (Manuel Matias) e obtido o 1.º lugar nos 10 Quilómetros das Bermudas e no Regional de Lisboa de Corta-Mato. No total, o clube esteve 24 vezes no pódio.

Luís Filipe Esteves contou que o orçamento do Maratona é de 4000 contos anuais. Quanto ao dr. Lucas Pires, bem humoradamente afirmou:

— Em atletismo, o meu sonho era dar cinco voltas aos Estados Unidos: nunca passei dos 25 minutos a correr... E agora, fico-me por duas voltas à piscina. Ficou para trás o desejo de ser campeão de fundo: vou contentando-me com uns «sprintezinhos»... **Neves de Sousa**

Vitória emite comunicado sobre Portimonense-Benfica

Da direcção do Vitória de Setúbal, recebemos o seguinte comunicado:

«Na sequência de um conjunto de afirmações falsas, que têm vindo a público, após a cedência, pelo Vitória Futebol Clube, do seu Estádio, ao Portimonense, para realização do jogo da 24.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, com o Benfica (no passado dia 17 do corrente) vem a direcção do Vitória prestar os seguintes esclarecimentos:

- 1.º — Os associados do Vitória tiveram direito a entrada gratuita nos termos do Art.º 107-n.º 2 do Regulamento das Provas Oficiais.
- 2.º — O Vitória tinha direito à percepção de 5% da receita líquida do jogo, nos termos da mesma disposição. Renunciou o Vitória a cerca de 270 contos, que deveria receber por essa via.
- 3.º — O Vitória não cobrou ao Portimonense qualquer quantia referente à energia eléctrica consumida.
- 4.º — No tocante à verba da publicidade, o Vitória tem compromissos comerciais com a empresa concessionária do seu estádio, não podendo eximir-se aos deveres contratuais assumidos, sob pena de ter de arcar com a indemnização devida.
- 5.º — O Vitória, conforme se encontra preceituado, reservou camarotes para as direcções dos clubes.
- 6.º — O Vitória praticou condições exemplares com o Portimonense no quadro (aliás) das relações de amizade sempre mantidas.

Não pode (pois) o Vitória deixar de repor a verdade dos factos por respeito à opinião pública em geral e, em particular, aos sócios do Benfica, do Portimonense e do próprio Vitória.»

Futre: época já disse adeus?

Paulo Futre, recebeu ordem médica para repouso absoluto e corre o risco de não voltar a jogar na presente temporada, em virtude de uma lesão que o incapacita há várias semanas.

O veloz futebolista português, que não alinhou pelos «colchoneros» nas últimas três semanas, ainda se queixa de um músculo da perna direita, depois de não ter recuperado totalmente de uma lesão contraída há cerca de meses.

Os exames radiológicos realizados segunda-feira revelaram a existência de um hematoma num músculo da perna direita do «capitão» do Atlético de Madrid, tendo os médicos prescrito repouso absoluto durante quatro ou cinco dias, seguido de um reinício dos treinos de forma progressiva.

Futre poderá acusar a paragem forçada e demorar algum tempo a recuperar o ritmo de jogo, pelo que poderá não voltar a alinhar na presente temporada, embora o técnico Joaquim Peiró, tenha afirmado que conta com o esquerdino do Montijo para as últimas jornadas do campeonato.

O campeonato espanhol da primeira divisão termina dentro de sete semanas, mas Joaquim Peiró é o presidente do Atlético de Madrid, Jesus Gil, não pretendem precipitar o regresso de Futre aos relvados.

Apesar de lesionado há cerca de dois meses, Futre acabou por alinhar frente ao Oviedo e ao Osasuna com exibições decepcionantes, treinando depois com os seus companheiros para o jogo de sábado no terreno do Barcelona, para o qual o lusitano afirmava estar a 90 por cento do seu rendimento máximo.

Contudo, o extremo do Montijo ressentiu-se da lesão nas vésperas da partida para Barcelona, acabando por não via-



jar para a Catalunha, onde a sua equipa venceu por 2-0 e manteve o segundo lugar no campeonato.

A lesão de Futre coincidiu com um período polémico para o Atlético de Madrid, agravado com a recente decisão de Jesus Gil de despedir o técnico Javier Clemente, numa altura em que os «cochoneros» já eram segundos no campeonato.

O português colocou a sua condição de «capitão» à disposição dos companheiros de equipa, mas estes optaram por lhe renovar a confiança, apesar de, segundo diversas fontes, alguns se queixarem do pouco rendimento das «estrelinhas» e do tratamento especial que Futre recebe da direcção do clube.

Nos meios futebolísticos espanhóis e, todavia, «voz corrente» que Futre não tem jogado por falta de condições psicológicas devido à crise interna existente no seu clube, enquanto alguns observadores aventam a possibilidade de Jesus Gil ter perdido a confiança que depositava na vedeta portuguesa.



Castelo de S. Jorge: campeões de atletismo reuniram-se

DESPORTO

Rali Porto/Esso arranca em Abril

Organizado pela secção de desportos motorizados do Futebol Clube do Porto, o Rali Porto/Esso (prova a contar para o campeonato nacional de ralis, categoria de iniciados) vai ocorrer nos dias 20 de Abril e foi apresentado, no Clube Residencial Boavista, por Ângelo Pinto da Fonseca (foto) que desempenhará a cargo de director da prova.

O Rali terá uma extensão de cerca de 400 quilómetros, dos quais 136 em cinco troços cronometrados (Veiga, Pereira, Montim, Lameirinha e Aboim/Luilhas).

As inscrições encerram no dia 10 de Abril e podem ser feitas na sede do FC Porto ou no Automóvel Club de Portugal.



João Vassalo: o vencedor

Transalgarve/90 para Vassalo e Figueiredo

«UMM» em todo-o-terreno: triunfo em toda a linha

João Vassalo iniciou da melhor forma a temporada de todo-o-terreno, ao impor o UMM Alter Protótipo na 1.ª prova do calendário (o Transalgarve 90, organização do Clube Automóvel de Loulé), dando continuidade à superioridade que a UMM tem exercido nesta prova, depois do êxito conseguido por Pedro Cortez, na edição do ano passado. Aliás, a Transalgarve 90 foi totalmente dominada pelos dois carros oficiais da UMM, que desde cedo começaram a distanciar-se dos seus principais adversários. A fase inicial da prova foi marcada por condições difíceis (com o nevoeiro a cobrir a serra de Monchique) e foi a única em que João Vassalo e Carlos Barbosa «Tucha», os dois pilotos oficiais da UMM, tiveram a réplica de Santinho Mendes (Datsun 1600 SSS), que acabaria por se atrasar bastante, ao perder-se e ficar parado com problemas de pressão de óleo. A partir desse momento, a luta pelo lugar cimeiro passou a circunscrever-se aos pilotos da UMM, numa fase em que Carlos Barbosa registava ligei-

ro ascendente sobre João Vassalo.

De realçar que a UMM conseguiu mais um espectacular resultado de conjunto, ao colocar nada menos do que 15 carros nos 20 primeiros lugares da classificação geral, que ficou assim: 1.º, João Vassalo / Pedro Figueiredo (UMM Alter Protótipo), 8h, 03m e 58s; 2.º, José Megre / Jaime Batista (Nissan Pick-Up), a 8m e 21s; 3.º, Carlos Almeida / Mendes Nunes (UMM Alter Turbo), a 12m e 59s; 4.º, Carlos Barbosa / Raposo Magalhães (Range Rover Protótipo), a 15m e 59s; 5.º, Santinho Mendes / Vítor Mendes (Datsun 1600 SSS), a 20m e 09s; 6.º, Sande e Castro / José Mexia (UMM Alter Turbo), a 22m e 10s; 7.º, Luís Pedrosa / José Soares (UMM Alter Turbo), a 22m a 50s; 8.º, Paulo Romão / Pedro Lopes (Range Rover RR 200), a 25m e 21s; 9.º, Carlos Sousa / Paulo Santos (UMM Alter Turbo), a 25m e 27s; 10.º, Alberto Gonçalves / Rufino Ferreira (UMM Alter Turbo), a 26m e 41s. Terminaram classificados 66 concorrentes.

Português presente no Londres - Pequim

O português José Lisboa, único concorrente latino presente no Rali-Expedição Londres - Pequim, parte no sábado da cidade de Lagos, tendo como objectivo fazer a primeira ligação por estrada ao território de Macau, onde deve chegar a 16 de Junho. José Lisboa terá cerca de uma centena de companheiros ao longo dos 15 mil quilómetros que separam Londres de Pequim, conduzirá um UMM Turbo Diesel e vai tentar inscrever a sua proeza do «Guinness Book», ao fazer a 1.ª ligação por estrada entre o promontório de Sagres e o território asiático sob administração portuguesa.

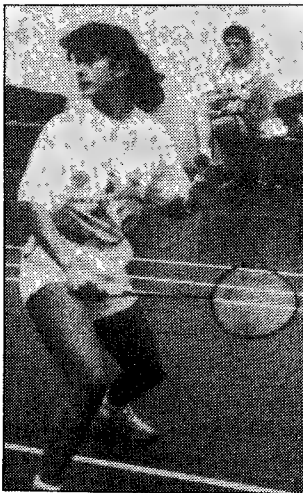
Após a chegada a Pequim, prevista para 31 de Maio, na famosa Praça de Tienanmen, o UMM azul metalizado número 84 do português será acompanhado até Macau por outras 20 viaturas da expedição, cujos pilotos manifestaram já interesse em participar na histórica ligação Sagres - Macau.

Varzim: novo homem ao leme

Avelino do Monte foi eleito presidente do Varzim, encabeçando a lista «B», que reuniu 80 por cento dos votos. O ex-presidente do conselho varzinista propõe-se cumprir um mandato de dois anos, após ter sido eleito numa votação à qual compareceram 40 por cento dos sócios. Lopes de Castro (antigo presidente e líder da lista «A») encabeçava outro bloco de candidatos.

Badminton

Em badminton, os Campeonatos Abertos Cidade de Portimão que foram organizados pelo Portimonense Sporting Clube, tiveram participação de 120 jogadores (representando 23 clubes) e, como juiz-arbitro, Manuel Branco. Triunfadores: Jorge Cação (Clube Stella Maris, de Peniche) e Alice Oliveira (Marítimo) em singulares, Marco Vasconcelos e Ricardo Fernandes (Marítimo) e Ana Monteiro e Cristina Baptista (Badminton Clube de Portugal) em pares, masculinos e femininos, respectivamente. Em pares mistos, o êxito ficou com M. Gomes e José Sim-Sim (Centro Recreativo Estrelas da Avenida). Na imagem: Alice Oliveira (Marítimo do Funchal) que iria bater a campeã Maria Gomes (Estrelas da Avenida).



Alice Oliveira

B R E V E S

BASQUETEBOL

Organizado pelo Sport Grupo Sacavenense e Atlético Clube de Moscavide (com o apoio da Câmara Municipal de Loures e das Juntas de Freguesia de Sacavém e Moscavide), vai realizar-se, de 13 a 15 de Abril, o II Torneio de Basquetebol/Loures, destinado a todas as categorias de praticantes com a participação do Benfica (infantis e iniciados), Moscavide (todos os escalões), Sacavenense (iniciados e seniores), Maria Pia (infantis), Algés (iniciados), Queluz (cadetes), Simécq (cadetes), Oeiras e V. Setúbal (seniores).

JOGOS DE ALMADA

Promovidos pelo pelouro

de desporto da Câmara Municipal de Almada (agora liderado por António Matos, que foi o grande dinamizador das últimas edições da Seixalada), vão realizar-se, de Abril até Junho, os II Jogos Desportivos do Concelho de Almada, que deverão ser participados por mais de seis mil jovens, estando em desfile as seguintes modalidades: andebol, futebol de salão, badminton, tiro ao alvo, pesca desportiva, natação, basquetebol, hóquei em patins, dominó, voleibol, ciclismo, ginástica, ténis de mesa, damas, xadrez e futebol de onze. As inscrições encontram-se abertas no pelouro de desporto da CMA (Av. Nuno Álvares Pereira, Almada).

assim vai o

totobola

Penalti: 111 11X 11X X221; O Jornal de Amarante: 111 11X 11X 11X1; Jornal da Beira: 111 112 11X 11X2; O Comércio de Leixões: 111 11X 1X2 XXXX; De Tudo Um Pouco: 111 11X 11X 2X2X; Algarve Desporto: 111 11X 1X2 212X; Ronda Desportiva: 1XX XX2 1X1 XX21; Correio de Coimbra: 111 1XX 112 11X2; Correio do Vouga: 111 11X 11X 11X1; A Defesa: 111 11X 11X 11X1; Defesa de Espinho: 111 112 XXX 11X2; Diário de Coimbra: 111 11X XXX 11X1; O Diário: 111 11X 112 11X2; Diário de Viseu: 111 11X XX2 1X2X; Nova Antena: 111 2XX 11X 11X2; Folha do Domingo: 111 11X 11X 1X22; Ecos de Cacia: 111 11X 112 11X2; Eu Sei Tudo: 111 112 X22 11X2; O Jornal de Felgueiras: 111 11X 11X

XXX1; Jornal do Fundão: 111 11X 11X XX2X; Rádio Guarda: 1X1 11X 121 1211; Rádio Totobola: 111 1XX 11X XX2X; Linhas de Elvas: 111 11X 1XX 2222; Litoral: 111 11X 11X 11X2; O Jornal da Lixa: 111 112 XXX 1121; Maria da Fonte: 111 11X 1XX 1X2X; O Mensageiro: 111 11X 11X 11; No Estúdio e No Estádio: 111 1XX 11X 11X1; Notícias de Chaves: 111 XX2 11X 1122; Notícias de Felgueiras: 111 11X 11X XXX1; Notícias de Gouveia: 111 112 X12 2X2X; Notícias de Guimarães: 111 11X 11X 11X2; Notícias de Viseu: 111 11X 11X 11X2; Quadrante Norte: 111 11X 11X 11X2; Reconquista: 111 112 11X 11X2; Semanário da Região Bairrada: 111 11X 11X 11X2; Informação Desporti-

va/Rádio Altitude: 111 11X 11X 11X2; Bom Dia: 111 211 11X 11221; Resenha Desportiva: 111 112 XX2 2X21; RR/Desporto: 21X 111 1XX 11X1; Bola Branca: 2XX 1X1 1X1 1X22; Frente Desportiva: 222 11X 1X1 X22X; A Voz do Domingo: 111 11X 11X 11X2; Voz de Lamego: 111 11X 1X1 1122; Desporto/Rádio Guarda: 111 11X 11X 11X2; Contacto/Rádio Guarda: 111 11X 11X1; Encontro Com a Manhã: 1X1 11X 111 1XXX; Meia Tarde: 1X1 11X 112 2111; Convidámos Para Lançar: 11X 2X1 1X1 X212; Sons da Madrugada: 111 21X 1X1 11X1; Tarde Desportiva: 1X1 11X 1X2 1X2X; Livre e Directo: 111 11X 11X 11X21; Um Caso Por Semana: 1X1 2X2 11X 11X2; Foi Notícia: 111 11X 11X 11X21; Desporto e

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 13/90 DE 1 DE ABRIL DE 1990

	RESUMO			BOLAS (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. Benfica - Chaves	64	1	3	10	1	1
2. Guimarães - E. Amadora	58	9	1	10	1	1
3. Sporting - Marítimo	64	3	1	10	1	1
4. Setúbal - Belenenses	42	21	5	7	4	1
5. Beira Mar - U. Madeira	55	13	0	10	2	1
6. Nacional - Boavista	17	37	14	3	7	2
7. Penafiel - Tirsense	42	25	1	7	4	1
8. Portimon. - Braga	43	20	5	7	4	1
9. Joane - Freamunde	17	28	23	3	5	4
10. Varzim - Famalicão	26	35	7	5	6	1
11. A. Viseu - S. G.	32	25	10	6	5	1
12. O. Bairro - Espinho	7	12	49	1	2	9
13. Juventude - Louletano	22	34	12	4	6	2

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
111 11X 11X 11X2

Música/Rádio Covilhã: 111 11X 112 1122; Cultura e Recreio: 111 11X 11X 1121; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 111 11X 11X 11X221; Alvo: 111 11X 11X 11X21; Alvo Suplemento: 111 11X 11X 11X22; Rádio Alvo: 111

112 121 XXX1; Alvo Desportivo: 111 11X XX2 11X2; Jornal da Graça: 1X1 XXX 11X221; A Voz dos Ridículos: 111 111 11X 11X2; Jornal de Desporto: 111 11X 11X 11X22; Diário de Lisboa: 111 111 112 11X22.

112X; Tempo e Resultados: 111 11X 112 11X2; Rádio Comercial/Secção Desportiva: 111 11X 112 11X22; Tempo de Desporto: 111 111 112 X222; Diário de Lisboa: 111 111 112 11X22.

AGENDA

I Série N.º 74
Dia 29 de Março

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 233/90:

Aprova o Regulamento do Fundo Especial de Segurança Social dos Profissionais de Seguros.

PESSOAS & FACTOS

Cooperativa Piedense é quase centenária

A Cooperativa de Consumo Piedense, que já foi uma das mais importantes da Península Ibérica, comemorou há dias o 97º aniversário, recordando os que, ao longo de quase um século, lhe deram o seu esforço desinteressado.

A cooperativa, que, paralelamente à sua principal actividade estatutária, mantém em funcionamento uma biblioteca com mais de 10 mil volumes, um posto médico e um serviço de assistência jurídica aos associados, considera que as vantagens dos seus serviços têm sido reduzidas face à instalação dos grandes espaços comerciais, reivindicando para o movimento cooperativista facilidades de crédito e outros apoios consagrados legalmente.

Apesar das dificuldades que enfrenta, a Cooperativa de Consumo Piedense atravessa um período de renovação e de recuperação do seu património, parcialmente degradado durante um período recente da sua história.



Aspecto da sessão comemorativa do aniversário

A «Valmet» apresenta tractores na AGRO'90

No início das suas actividades em Portugal, a «Valmet» estará presente na AGRO'90, que se realiza entre 21 e 29 de Abril no Parque de Exposições de Braga onde, pela primeira vez, apresentará os seus tractores aos agricultores portugueses, nomeadamente um equipado com Kit de protecção florestal, que será uma das principais atracções do stand.

Em breve a «Valmet» vai lançar a gama de tractores de grande potência de 120, 130, 140, 170 e 200 HP e no próximo ano introduzirá os tractores de 45 e 55 HP nas versões de 2 e 4 rodas motoras e, ainda, tractores especiais, como vinhateiras e pomareiras.

Empresários portugueses reúnem com a AMSCO

A convite da ELO - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e Cooperação, está em Portugal o director para o Desenvolvimento e Recursos Humanos da AMSCO, (African Management Service Company), Pierre Engelen, com o objectivo de identificar o interesse das empresas portuguesas suas associadas nos projectos que a organização gere em Moçambique.

A vinda de Pierre Engelen surge na sequência da recente visita que este gestor efectuou a Maputo, na companhia do presidente da AMSCO, Tener Eckelberry, onde analisaram os projectos para os sectores têxteis.

A AMSCO é uma companhia holandesa, com sede em Amesterdão e são já onze as empresas portuguesas que a ela aderiram: Partex, Rádio Marconi, Mantero, IPE, Unicer, Portucel, Salvador Caetano, Quimigal, Carnes Nobres, Cimpore e Sonae. Estão em processo de adesão a Inapa, EdM e Amorim.



Pierre Engelen

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - Céu geralmente pouco nublado e vento de Leste, em geral moderado.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e com ondulação Sueste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

Amanhã: - Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Leste. Geada no interior Norte e Centro. Aguaceiros nas regiões do Sul.

Depois de amanhã: - Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Sul. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas. Subida da temperatura mínima.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de Nordeste, por vezes com rajadas fortes.

Mar cavado a grosso com ondulação Nordeste de 3 metros d na Costa Norte e mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Sueste de 3 metros na Costa Sul.

No Funchal: - Céu com períodos de muito nublado e vento fraco.

Amanhã: - Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Norte. Aguaceiros fracos nas vertentes voltadas ao Norte.

Depois de amanhã: - Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Noroeste.

AÇORES

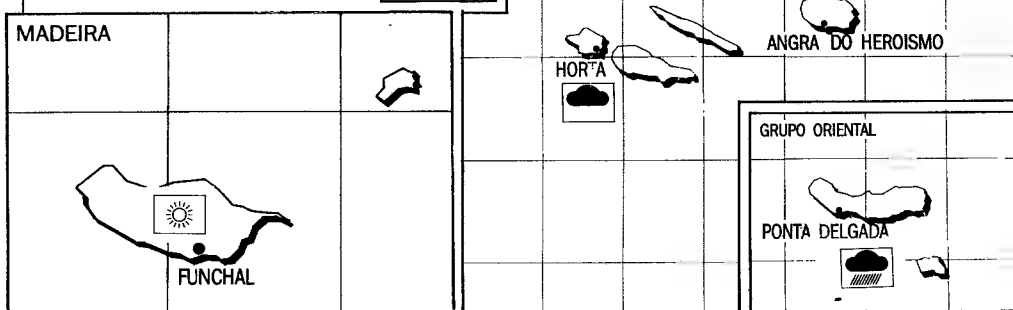
Todos os grupos: - Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado, por vezes forte de Leste. Mar cavado com ondulação Nordeste de 3 metros.

Amanhã: - Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de Nordeste no grupo Oriental e fraco a moderado de Sueste nos grupos Ocidental e Central.

Depois de amanhã: - No Grupo Ocidental, céu muito nublado e vento fraco de Sul. Períodos de chuva.

Nos grupos Central e Oriental, céu com períodos de muito nublado e vento fraco do quadrante Leste.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoadas
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

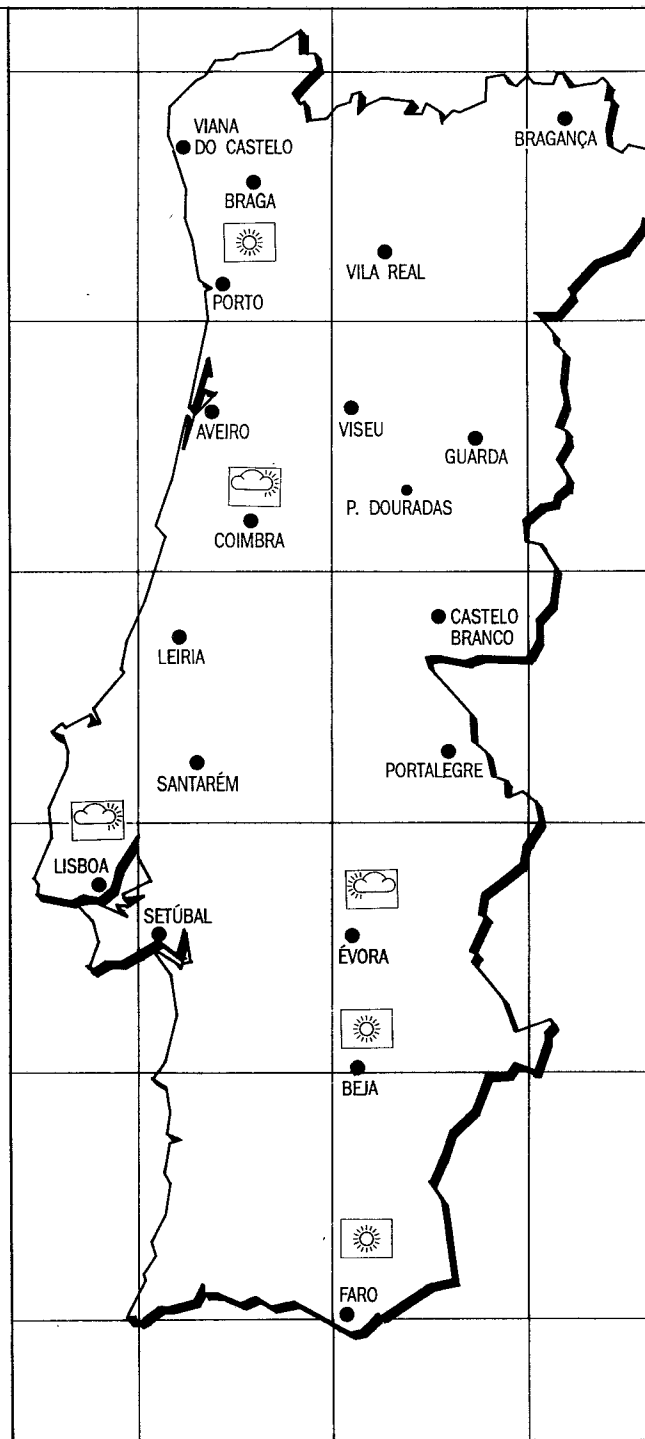
Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
04.37 4,0m	10.18 0,4m
16.57 3,9m	22.40 0,4m

Amanhã

05.21 3,8m	11.00 0,6m
17.41 3,8m	23.26 0,7m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Bragança.....	0	1	P. nub.
V. Castelo.....	5	6	Limpo
Vila Real.....	3	3	Limpo
Porto.....	7	7	Limpo
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	9	9	P. nub.
C. Carvoeiro.....	11	12	Limpo
C. Branco.....	5	5	P. nub.
Portalegre.....	5	5	P. nub.
Lisboa.....	11	11	P. nub.
Évora.....	8	8	P. nub.
Beja.....	7	7	Limpo
Sines.....	-	-	-
Faro.....	11	13	Limpo
Sagres.....	10	10	Limpo
P. Delgada.....	13	13	M. nub.
Horta.....	14	14	M. nub.
Funchal.....	13	13	Limpo

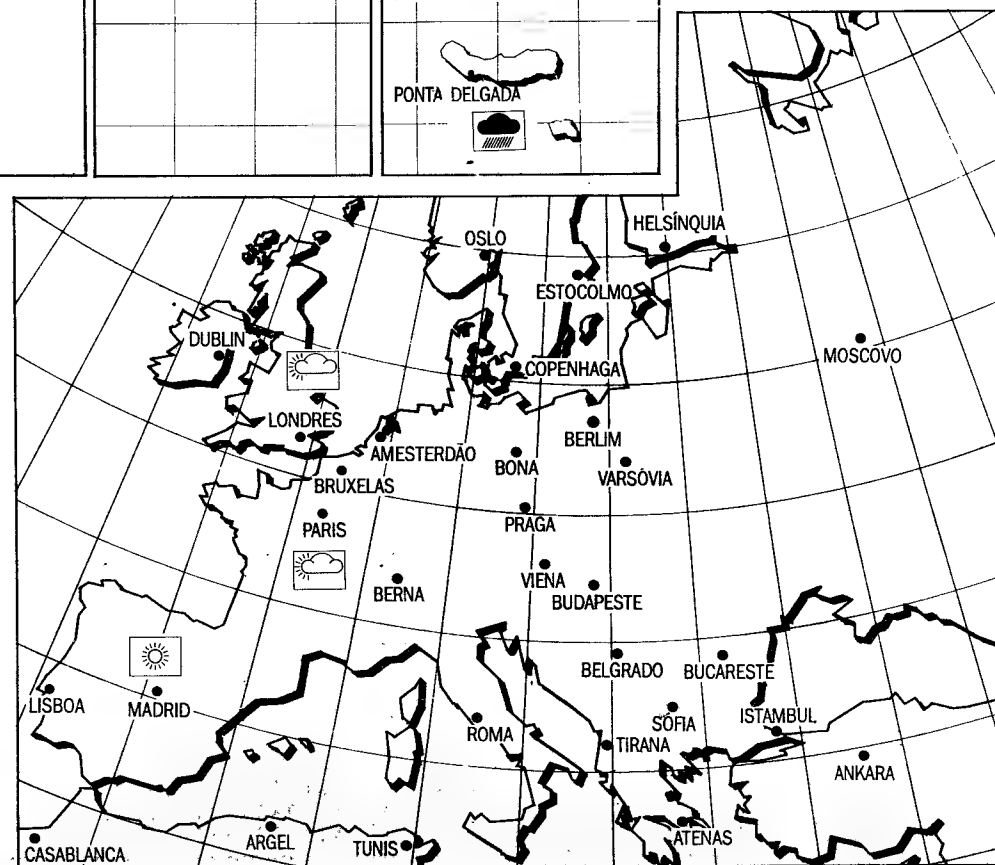
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 20; Porto, 19; Faro, 20; P. Delgada, 17; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Madrid.....	2	2	Limpo
Londres.....	0	0	Bruma
Paris.....	6	6	Nebulosa
Bruxelas.....	3	3	M. nub.
Amesterdão.....	0	1	Nebulosa
Genebra.....	1	2	Nebulosa
Roma.....	7	7	Nebulosa
Oslo.....	1	1	M. nub.
Copenhaga.....	0	2	P. nub.
Estocolmo.....	2	3	P. nub.
Berlim.....	7	7	Bruma
Viena.....	8	8	Chuva
Varsóvia.....	-	-	-
Atenas.....	11	13	P. nub.
Moscovo.....	-	-	-

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	2	7	Chuva
Houston.....	18	24	Trovoadas
Los Angeles.....	8	19	V. fraco
Montreal.....	-8	3	Limpo
Nova Iorque.....	2	5	P. nub.
S. Francisco.....	9	16	Limpo
Toronto.....	-2	5	Limpo
Vancouver.....	4	18	Limpo
Washington.....	2	9	Neve
Hong Kong.....	15	21	Limpo
Melbourne.....	15	32	Limpo
Pequim.....	3	7	Limpo
Perth.....	10	27	V. forte
Singapura.....	26	34	Aguaceiros
Sydney.....	18	26	Aguaceiros
Tóquio.....	10	15	Chuva
Wellington.....	11	20	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Prolongamento Rua M.^a Andrade:** Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104 A-B (Anjos), Tel. 831504; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Calvário:** Monge, Rua Lusitadas, 30-32, Tel. 3636704; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Hospital Capuchos:** Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 572076; **Lumiar:** São Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C, Tel. 7590704; **Mercado do Chile:** Alcais, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Penha de França:** Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 8142533; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Miroa Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** Soares, Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Osório, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Santos:** S.A.E. Silva Filhos, Rua São João da Mata, 72-74, Tel. 661010; **São Domingos Benfica:** Vitex, Estrada Benfica, 373-B, Tel. 780548; **Brandão - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odiveiras:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Leitão

Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Alvalade: Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Bairro Alto:** Azevedo Irmão & Veiga, Rua Misericórdia, 24, Tel. 323540; **Sapadores,** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Campo Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, Tel. 544438; **Marquês Pombal - Picoas:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira Melo, 21 B-C, Tel. 547385; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris - Lote 534, Tel. 333696; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c, Tel. 2441616.



MÉDICO
DE
URGÊNCIA
766 171
766 178
766 179

Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.^o Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavilos:** Vilar, Av. M.^a Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B-Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.^a Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Permanente; **Dias & Brito,** Av. Marquês Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu

Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; **Albergaria,** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 921203. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **LoURES:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA

BANDA

Almada: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 Ig. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Feijó: Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.^o Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.^o Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172.

HÁ 20 ANOS



Sporting, 2 Académica, 1

A 23.^a jornada do campeonato nacional de futebol correspondeu à generalidade dos vaticínios. O Benfica venceu em Tomar, colocando os ribatejanos em dramática situação na tabela classificativa. Por seu turno, o "leader" disputou despiques renhido contra a Académica (2-1). Os "briosos" não lograram vencer os futuros campeões, que festejaram, ruidosamente, o triunfo na competição, a qual ficou a três jornadas do final.

Sismo na Turquia - milhares de mortos

Deve elevar-se a milhares o número de mortos em consequência do abalo de terra registado ontem à noite na região ocidental da Turquia - anunciam as autoridades turcas. Em Gediz, cidade de dez mil habitantes, a 200 Km de Istambul, e a que foi a mais abalada pelo violento sismo, o número de mortos, segundo cálculo do comando militar da cidade, eleva-se a mil e quinhentos.

Viagem de Arafat

A delegação do Movimento de Libertação da Palestina, chefiada por Yasser Arafat, partiu ontem de Pequim para o Vietnã do Norte - anunciou hoje Rádio Pequim.

EFEMÉRIDES

1830

• Por diploma de D. Miguel, é criada a Escola de Medicina Veterinária Portuguesa.

1963

• A França lança à água o seu primeiro submarino nuclear.

1973

• As últimas tropas norte-americanas abandonam o Vietnã do Sul, pondo termo à intervenção dos EUA na Guerra do Vietnã.

1982

• Os actores veteranos Katherine Hepburn e Henry Fonda recebem os Oscars da Academia de Hollywood para a melhor actriz e o melhor actor, pelo seu papel no filme «A Casa do Lago».

1985

• À 01h20 de Lisboa, Portugal chega a acordo, em Bruxelas, com a Comunidade Económica Europeia sobre todas as questões ainda em aberto com vista à sua adesão à CEE.

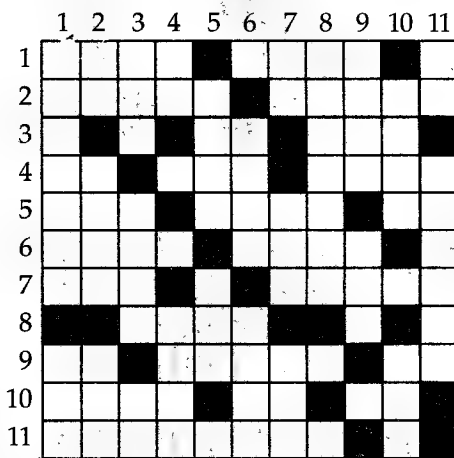
1988

• Dulcie September, representante do Congresso Nacional Africano (ANC) para a França, Suíça e Luxemburgo, é assassinado a tiro em Paris.

1989

• João de Melo recebe o grande prémio de romance e novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE) pelo seu livro «Gente Feliz com Lágrimas».

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17888

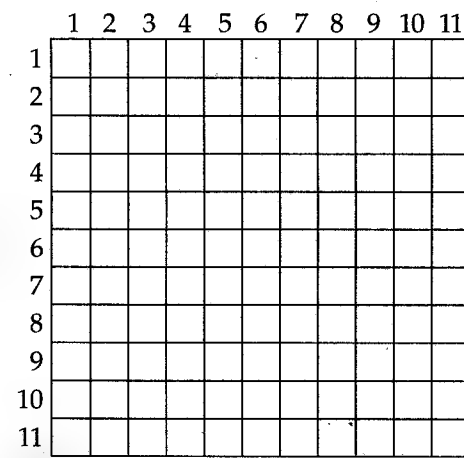
HORIZONTAIS:

- 1 - Divindade. Percebe.
- 2 - Espreite. Nome de planeta.
- 3 - Sentidas condolências. Sadio.
- 4 - Basta! Fruto da ateira. Magnete.
- 5 - Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Elo. Letra grega.
- 6 - Imperador romano célebre pela sua credade. Cantiga.
- 7 - Sufixo que designa abundância. Macacos americanos.
- 8 - Punhados. Artigo definido.
- 9 - Quantun satís. Nome da planta de cujo grão se obtém farinha para o fabrico de pão. Vossa Santidade.
- 10 - Voz do lobo e de outras feras. Bismuto (s.q.).
- 11 - Meteras em mala.

VERTICAIS:

- 1 - Fim. Pronome relativo.
- 2 - Pertences. Pássaros. Consentimento.
- 3 - Corcovo. Lavram. Vossa Alteza.
- 4 - Nota musical. Ilha de Coral que forma um anel mais ou menos contínuo.
- 5 - Tempo do verbo estar. Preposição.
- 6 - Cidade da Galileia. Fechar as asas para descer mais depressa.
- 7 - Antes do meio-dia. Época. Grande.
- 8 - Romance de Eça de Queirós.
- 9 - Estavam. Fruto da ateira.
- 10 - Trovejar. Camuflar para cá.
- 11 - O mesmo que oh! (Bras.). Pronome possessivo.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16698

HORIZONTAIS:

- 1 - Vento quente e abafado que sopra do Sul. Pastora de gado.
- 2 - Cidade de França. Separar de.
- 3 - Astutos. Rio brasileiro afluente do rio Paraguai.
- 4 - Rogo. Caminhar.
- 5 - Miriari. Seguir. Espécie de papagaio.
- 6 - Abreviatura que se usa em música. Cabelos postigos.
- 7 - Imperador romano célebre pela sua crueldade. Largo de Lisboa.
- 8 - Rio de Portugal. Transige. Nome de letra.
- 9 - Filho de Laio, rei de Tebas e de Jocasta. Tostem.
- 10 - Antigo povo da Pérsia. Idem.
- 11 - Empregou. Freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros.

VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Vieira do Minho.
- 2 - Aperta molhos. Exonerados.
- 3 - Cantor entre os gregos. O mesmo que roxo.
- 4 - Referente ao sonho. Rio do estado do Ceará.
- 5 - Hora canónica correspondente às quinze horas. Filtro.
- 6 - Segundo mês sagrado dos Hebreus, que corresponde à Lua de Abril. Acredita. Sentidas condolências.
- 7 - Irritada.
- 8 - Medida japonesa igual a dois decímetros. Noitadas.
- 9 - Título de um conto delicioso das «Mil e Uma Noites». Textualmente.
- 10 - Coelho. Implorrei.
- 11 - Possessão no mar (os avios).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 887

HORIZONTAIS: 1 - QUEM. NS. 2 - Ulm. VAL. NÃO. 3 - Pui. Magre. 4 - Ruai. Soer. 5 - Ois. Agi. Lia. 6 - Tum. Adão. 7 - Ateimar. 8 - Os. Anual. CC. 9 - Lear. Anho. 10 - Ti. GATT. Ir. 11 - Aarau. FAO.

VERTICAIS: 1 - Quero. VOLTA. 2 - Ul. Ul! Seia. 3 - Empasta. 4 - Ui. Utar. 5 - Vi. Amen. Gu. 6 - Na. Hg. Júna. 7 - Sim. Iama. Tg. 8 - Ás. Dalat. 9 - Angolar. 10 - Areio. Chia. 11 - Doera. Açoro.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 16 697

HORIZONTAIS: 1 - Piratas. Agi. 2 - Irisar. Tré. 3 - Ras. Páscoa. 4 - Ao. Cabaças. 5 - Selim. 6 - Horas. Ovo. 7 - Aço. Elais. 8 - Sás. Modo. Ia. 9 - Cotados. 10 - Moroso. Orão. 11 - Em. Um. Aro.

VERTICAIS: 1 - Piranhas. Mu. 2 - Irão. Ocaso. 3 - Ris. Uros. Re. 4 - As. Com. 5 - Tapássemos. 6 - Árabe. Lotou. 7 - Salgada. 8 - CCI. Iodo. 9 - Atoamos. Orã. 10 - Grãs. Isar. 11 - IE. Tóma. Oó.

PROVÉRBIO:
QUEM VAI NÃO
VOLTA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Avenida Almirante Gago Coutinho - Telef. 806496
A GUERRA DAS ROSAS
Filme de Danny DeVito
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

ALFA 4
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir, c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

ALFA CLUBE
Avenida Almirante Gago Coutinho - Telef. 806496
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 1
Shopping Center de Lisboa
Telef. 691275
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 4
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
TEMPO DE GLÓRIA

Filme de Edward Zwick
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
MASSAGENS SEXUAIS
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 horas.

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
A LUTA DOS DESTEMIDOS
Filme de Chang Chen
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
FLORES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
INFERNO DE HERÓIS
Maiores de 18 anos
às 24.00 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telefone 9434762
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ESTÚDIO SHEZA
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
VER É GOZAR
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 -
Telef. 546085
O GOSTO DO SAKÉ
Filme de Yesujiro Ozu, às 18.30 horas
LE PETIT THÉÂTRE DE JEAN RENOIR
Filme de Jean Renoir, às 21.30 horas

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.



QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?

Em exibição

SALA 4

Quarteto

PUB
M/16 anos

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
ALVOS HUMANOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
O RIO DA MORTE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
TEMPOS DE GLÓRIA
Maiores de 18 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Lingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 81 103, para: «PROCESSO PARA O ENDURECIMENTO DE REVESTIMENTOS MEDIANTE UTILIZAÇÃO DUM COMPLEXO CATALISADOR HIDRATADO»
Trat. CLARKE, MODET & C.ª, LDA
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.ª - Esq.
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

Sessões às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
FOGO INFERNAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
ORGASMO DE MISS JONES
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

«ESPECTÁCULO DE QUALIDADE»
D.G.E./D.A.

DE 5.ª FEIRA A SÁBADO ÀS 21.30 H
DOMINGO ÀS 17 H

10.ª REPRESENTAÇÃO

*** últimas! ***

*** só até dia 8 de Abril ***

4.ª MÊS

M. 16 A

A PÉCORA

«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»

TEXTO: NATÁLIA CORREIA
ENCENAÇÃO: JOÃO MOTA
MÚSICA: JOSÉ MARIO BRANCO

«Encenação genial de João Mota... Uma paixão» — «Le Progres» FRANÇA

PRAÇA DE ESPANHA
TELEF. 726 08 18

SUBSÍDIOS: Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian
APOIOS: Publicações D. Quixote • Cabelleiro City • Rádio Comercial • Antena Um

Diário de Notícias

CARTAZ

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2

NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
ELE É A MINHA GAROTA
Filme de Gabrielle Beaumont
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
CIÚMES DE MORTE
Filme de Nicholas Broomfield
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2

CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3

TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.



«Flores de Aço», em exibição em várias salas de cinema

QUARTETO 4

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144

NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2

SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 3

MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE

Av. da República
Telef. 730715
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.45 horas.

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

TERMINAL

Estação do Rossio
Telef. 371573
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
O REGRESSO AO RIO KWAI
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telef. 3468446
SEM PRESSA PARA VIVER
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE

Telef. 2752127
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA

CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1

Telef. 2841744
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2

NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos

Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD

Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
CORRUPÇÃO
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1

Telef. 2479144
CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2

A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

OEIRAS

ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.45 Horas.

ALTO DA BARRA 2

TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
TESTEMUNHA A ABATER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
SALA 1
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.

SALA 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.

SALA 3

RIO DA MORTE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

TEATRO LISBOA

ABC

Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados também às 16.00 horas
AI CAVAQUINHO

De Eduardo Damas, c/
Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

CARNIDE

Azinhaga das Freiras - Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30 horas
DIVINAS PALAVRAS
De Ramón del Valle-Inclan.

CHAPITÔ

R. da Costa do Castelo, 7 - Telef. 878225
5ª, 6ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes.

COMUNA

Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.
Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ªFeira
SALA NOVA PÉCORA de Natália Correia.
Em cena até ao final do mês.
CAFÉ TEATRO FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telef. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30, 6ª às 20.30, Sáb às 22.45 e Dom. às 15.00 e 18.00 horas
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - Telef. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 23.00 horas
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

PRIMEIRO ACTO

R. Eduardo Pedrosa, 16-A - Algés - Telef. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30. Sáb. e Dom. às 17.00 horas
AS PULGAS
De Cunha Leiradella, pela Comp. Persona.

TRINDADE

R. Nova da Trindade - Telef. 323200
De 5ª a Sáb. às 21.45, Dom. às 16.00 horas
AUTO DA ÍNDIA - VIAGEM A CALECUTE
De Gil Vicente, pelo Teatro de Todos os Tempos - Comp. Vicentina (último dia)

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Dom Quixote

Bailado em 3 actos

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO do TNSC
Direcção Artística: Armando Jorge

Dias 24, 27, 28, 29, 30 (21H00) e 31 (16H00) no TNSC

Coreografia: E. Volodine segundo A. Gorsky

Música: A. L. Minkus

Argumento inspirado em M. Petipa e Cervantes

Cenografia e Figurinos: A. Vassiliev

Luzes: Richard Caswel

Artistas Convidados:

N. Ananiachvili e A. Fadeyetchev (dias 24, 28, 30 e 31)

Artistas Residentes:

C. Maciel e G. Dias (dia 27)
A. Charpentier e D. Chazeau (Dia 29)

ORQUESTRA SINFÓNICA DO TNSC
Direcção Musical: A. Stonikov

Bilhetes à venda na bilheteria do TNSC e agências ABIP e MADIS

Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do TNSC

APOIOS: RTP / Antena 1 / RDP / COMPTON / RADIO / INDEPENDENTE



COMUNA - TEATRO DE PESQUISA 2.º ANO
PRAÇA DE ESPANHA - RESERVAS TEL. 726 08 18

NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO ÊXITO *

FESTIVAL DA OTITE!

SABADOS AS 24 h * APOIO SAMSUNG

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
136º episódio
- 17.25 - BRINCA BRINCANDO
- 18.35 - RUA SÉSAMO
104º episódio
- 19.05 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.15 - BOLSA DIA A DIA
- 20.16 - O TEMPO
- 20.20 - DIREITO DE ANTENA
CGTP/IN
- 20.28 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.35 - VALE TUDO
80º episódio
- 21.30 - SOFIA E CONSTANÇA
3º episódio: abandonada por Gerald Scales, o homem com quem fugiu para se casar, Sofia vê-se sozinha em Paris, temendo a iminente invasão das tropas prussianas, que já se encontram às portas da cidade. Longe do seu país natal e da família, Sofia faz os possíveis por sobreviver enquanto espera dias melhores.
- 22.30 - CONVERSAS VADIAS
O Professor Agostinho da Silva conversa com a escritora Isabel Barreno.
- 23.00 - GOODBYE PICCADILLY
- 23.20 - 24 HORAS
- 23.50 - UM DIA...
Baptista-Bastos



Às 21.30 no 1º Canal, «Sofia e Constança»

- 23.55 - REMATE
- 00.05 - CARTAS DE HUMOR
«O Louco da TV» com Carlos Paulo

RTP-2

- 17.05 - BENJI E O PRÍNCIPE
EXTRATERRESTRE
13º e último episódio
- 17.30 - A HISTÓRIA



O último episódio da série «A Mácula», no 2º Canal às 18.40

- DOS INSTRUMENTOS MÚSICAIS
24º episódio: o violino é um dos instrumentos musicais mais importantes da cultura ocidental. Este documentário sobre a sua história e a sua construção foi filmado em Cremona e na região da Lombardia, no Norte de Itália. Aqui descobre-se a escola clássica no fabrico do violino, na tradição de Amati, Guarneri e Stradivari.
- 18.00 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 18.40 - A MÁCULA
3º e último episódio: Sophie não consegue reunir-se a Laugel... Perseguida pelo condutor do Volkswagen, ele vai acabar por morrer no apartamento vazio de Caró. Laugel descobre o cadáver de Sophie. Os vizinhos do lado julgam que ele é o assassino e avisam a polícia. Laugel consegue fugir e apurar toda a verdade acerca das mortes da mulher e do filho bem como das ulteriores. Realização de Nicolas Ribowski.
- 19.40 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 30º episódio
- 20.30 - PRIMEIRO ANDAMENTO
Com Marina Ferreira
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE

- 21.30 - EMOÇÕES
- 21.55 - HORA DA VERDADE
- 22.55 - QUINTA DIMENSÃO
16º episódio: um estranho que anda a recolher espécimes de todos os tipos, representa uma ameaça para uma mãe e o seu jovem filho.

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75.
ALGÉS



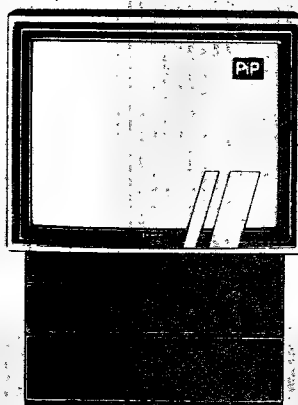
AMANHÃ RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - FERA RADICAL
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA
- 13.30 - GLOSS
- 14.15 - VILA FAIA
- 15.05 - O MUNDO ANIMAL
- 15.45 - PONTO POR PONTO
- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
- 17.25 - BRINCA BRINCANDO
- 18.25 - RUA SÉSAMO
- 18.50 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
- 21.10 - MOBIL NOS CAMINHOS
DE PORTUGAL
- 21.25 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
- 22.20 - TELEMUNDO
- 23.00 - CHEFE, MAS POUCO
- 23.30 - 24 HORAS
- 24.00 - UM DIA
- 00.05 - REMATE
- 00.15 - CARTAS DE HUMOR
- 00.20 - PELA NOITE DENTRO
«A execução do Soldado Slovik»

RTP-2

- 14.31 - TELEMERCADO
- 14.55 - FILHOS E FILHAS
- 15.20 - AGORA, ESCOLHA!
- 16.55 - 3, 2, 1 CONTACTO
- 17.20 - OS ÍCONES DA MACEDÓNIA
- 17.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 18.20 - HAJA MÚSICA
- 19.35 - CLÁSSICOS DA TV
- 20.20 - AS CIDADES E AS TERRAS
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - DONA BEIJA
- 23.00 - ACERTO DE CONTAS
- 23.30 - ROTAÇÕES

BLAUPUNKT Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença





«O marxismo impunha-se à realidade e por isso falhou»

Sophia de Mello Breyner, «Jornal de Notícias», 28.03.90

**A PERGUNTA
DO DIA****José Luís Seixas**
vereador da Câmara
Municipal de Lisboa

Qual pensa que poderá ser a eficácia dos comissariados regionais de luta contra a pobreza?

«A criação dos comissariados regionais de luta contra a pobreza constitui um indicador de esperança num combate que urge travar. A resolução do Conselho de Ministros que institui este organismo resulta do programa comunitário de luta contra a pobreza, que representa as preocupações dos países da CEE relativamente à temática em causa.

Esta medida poderá constituir um forte instrumento para a eliminação dos focos de pobreza que pululam no nosso País, designadamente na área urbana de Lisboa. As autarquias locais têm um importante papel neste combate, que lhes advém da responsabilidade política que devem assumir na garantia das condições mínimas de bem-estar para as populações.

A Câmara Municipal de Lisboa não pode ficar alheia aos efeitos que a criação destas comissões irá necessariamente gerar. Apresentamos, pois, toda a nossa disponibilidade para colaborar na constituição de uma frente de combate empenhada na luta contra a pobreza, que constitui preocupação precípua do pelouro de que sou responsável.»

Sexta-feira no**Diário
de Lisboa****A Índia
em Grande Angular****Eunice Munoz
em tempo
de homenagem****Política de A a Z
por F. Piteira Santos****«A rejeição
das grandes
inovações»
por Vital Moreira****ENTREVISTA**

Artur Varatojo é um «viciado» em policiais. O seu interesse nasceu durante a juventude, quando o horário da biblioteca o impedia de ler o fim da história, obrigando-o a adivinhá-la. Um exercício forçado que o transformou em especialista da decifração teórica de crimes

**«O que me interessa
é o porquê do crime»****D.L.** - O crime compensa?

A.V. - Para os criminosos que não são apanhados, sim. Mas não há nenhum que possa ter a certeza de não ser apanhado, o que há é crimes que ainda não foram descobertos.

D.L. - O crime perfeito, existe?

A.V. - Não, porque para que para existisse o crime perfeito era preciso que o criminoso tivesse a certeza que o podia cometer sem ser apanhado. Ora ele não tem garantias nenhuma de não o contar alto enquanto dorme e alguém ouvir. Além disso, quem cometesse um crime desses teria sempre o grande desejo de contar a sua obra-prima a alguém e acabaria por ser apanhado.

D.L. - O senhor é um amante da criminologia. Acha que era capaz de cometer um crime perfeito?

A.V. - Não, porque não teria garantia nenhuma de não ser descoberto. Até duvido que fosse capaz de cometer um crime, o que é diferente de dizer que não sou capaz de actuar numa situação criminosa, se essa situação me forçar.

D.L. - Gostava de ter sido detective?

A.V. - Não. É estranho, mas não gostava. Gostaria, sim, na teoria, de investigar casos, mas polícia nunca porque a partir do momento em que descubro o criminoso passo a ter pena dele.

D.L. - Como é que surgiu o seu interesse pelas histórias policiais?

A.V. - Surgiu pela leitura dos livros policiais. Eu era um leitor de biblioteca porque não tinha muito dinheiro para comprar livros. Como sabe, as bibliotecas fecham a uma determinada hora, o que me impedia de acabar o romance e eu ia para casa a pensar como é que seria a solução. Como é que seria a solução. Comecei a acertar. Mais tar-

de, quando surgiram torneios policiais fui apanhando técnicas dos diversos escritores e tornando-me um bom conhecedor dos melhores escritores policiais.

D.L. - Sei que conheceu pessoalmente a Agatha Christie. Como era ela?

A.V. - Era uma velhinha adorável, como a Miss Marple. **D.L.** - Creio que ela tinha o hábito de comer maçãs...

A.V. - Sim, e a dosagem de um capitulo dos seus romances era um quilo de maçãs que ela comia mergulhada

um assalto directo, entraram pela porta do cavalo. É o mesmo tipo de caso que o assalto ao comboio-correio, em Londres, que também teve toda esta espectacularidade.

D.L. - Que tipo de casos é que defende no Tribunal Criminal?

A.V. - Defendo aqueles casos que têm um vector humano que me entusiasma. Um indivíduo pode ser culpado, mas ter desculpas. Raramente sou advogado de acusação, não gosto. Quando defendo um cliente, tenho que

estar convencido da sua inocência ou de que a dosagem da pena que lhe pode ser atribuída pode ser bastante reduzida por haver um motivo humano. O que mais me interessa é saber porque é que um delito foi cometido, pois o porquê é que é defensável.

D.L. - Costuma comprar o jornal «O Crime» e outras publicações do género?

A.V. - Agora menos, mas eu preciso de saber o que se passa no mundo do crime porque tenho uma crónica sobre este assunto num jornal diário.

D.L. - O que acha desse tipo de publicações?

A.V. - Acho-as exageradamente sensacionalistas, mas há sempre um fundo de verdade naquelas histórias. O público é que gosta sempre de saber o mórbido das situações e é pena que os jornais não dediquem ao castigo do crime o mesmo espaço que dedicam ao crime.

D.L. - Sonha em escrever um grande romance policial?

A.V. - Tenho muita dificuldade em fazer isso porque li muito e livros muito bons. Para escrever agora um romance teria que achar que ele era melhor do que os que eu li. Se um dia sentir capacidade para o escrever, escrevê-lo-ei.

D.S.

em água tépida na banheira.

D.L. - Acontece-lhe às vezes sentir-se mais atraído pelo criminoso do que pelo polícia?

A.V. - Até na minha vida profissional isso me acontece. Sinto-me atraído no sentido da maior simpatia, porque tudo depende da conduta de um e de outro. Às vezes a conduta pode estar mais certa de um lado do que de outro e isso não quer dizer que esteja mais certo do lado da lei do que contra a lei.

D.L. - Recentemente, um banco suíço foi assaltado e foram roubados 3,5 milhões de contos. Há já quem lhe chame o crime do século. Gostava de ser contratado para o desvendar?

A.V. - Acho que é um caso interessante. Eu tinha a sensação de que os bancos suíços eram inexpugnáveis porque têm vidro à prova de bala e as pessoas não contactam com o caixa. Não havia hipótese. Realmente, eles não fizeram

**As águas
fundamentais**

Os maiores de 16 anos são amigavelmente convidados para entrarem no típico lago alemão bem conhecido pelos românticos, e aí viverem uma aventura ímpar, de um jovem filósofo que procura (procura?) a imobilidade antiga do saber, a dialéctica do tempo e do fora do tempo, e três graças, ninfas, ondinas, na vida civil trabalhadoras de uma loja de confecções.

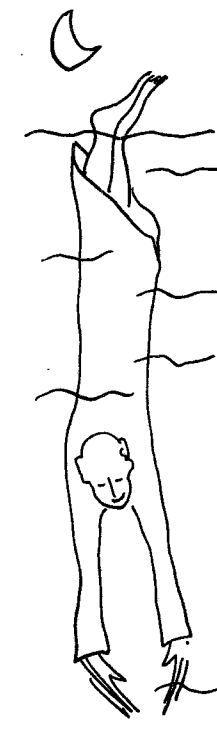
Filme poético, delicado, delicioso, salpicado de humor ténue, *O Filósofo*, do realizador alemão Rudolf Thome, meu desconhecido, segundo filme de uma série de três; filme, conto moral, imoral, amor, lembrando um tanto Rohmer. Sim e não.

Aliás, tudo, neste regime diurno-nocturno, corresponde ao sim e não. Abolidas todas as fronteiras, o tempo, o cansaço, mas não a leve desmedida do amor, do corpo e da alma, do eros onírico, do elixir da vida, água das águas, eterna juventude.

Passivo, activo, o filósofo, leitor de Heraclito, desliza, e nós com ele, no paraíso solidário, magma em permanente consubstanciação e transubstanciação.

O Filósofo não foi sonhado nem realizado (em 21 dias, três vezes sete) para ganhar um Oscar. Ainda bem. Filme à margem, mas de feitura clássica; uma novela sem fim que pergunta as eventuais respostas. Desfocada a última imagem, podemos recomeçar. Mágico.

Mágico: ao sair do cinema do Forum Picoas, onde entrei sem saber o que me esperava, li o jornal de parede com a crítica de Leitão Ramos, do *Expresso*, que me esquecera de comprar. Bem fiz: assim, à minha volta, nesse corredor de repente vazio, fui envolvido por três ninfas, três jovens vultos femininos, o filme continuava...

**H. MOURATO**

...Unicamente a imaginação me informa do que pode ser e é suficiente para levantar um pouco a terrível interdição. É suficiente para me abandonar a ela sem receio de me enganar (André Breton).

Jorge Listopad**A.M.A. Auto Monumental de Arquivo****CONCESSIONÁRIOS****AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA**

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894 185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403-AMACAR • Telefax 80 47 75

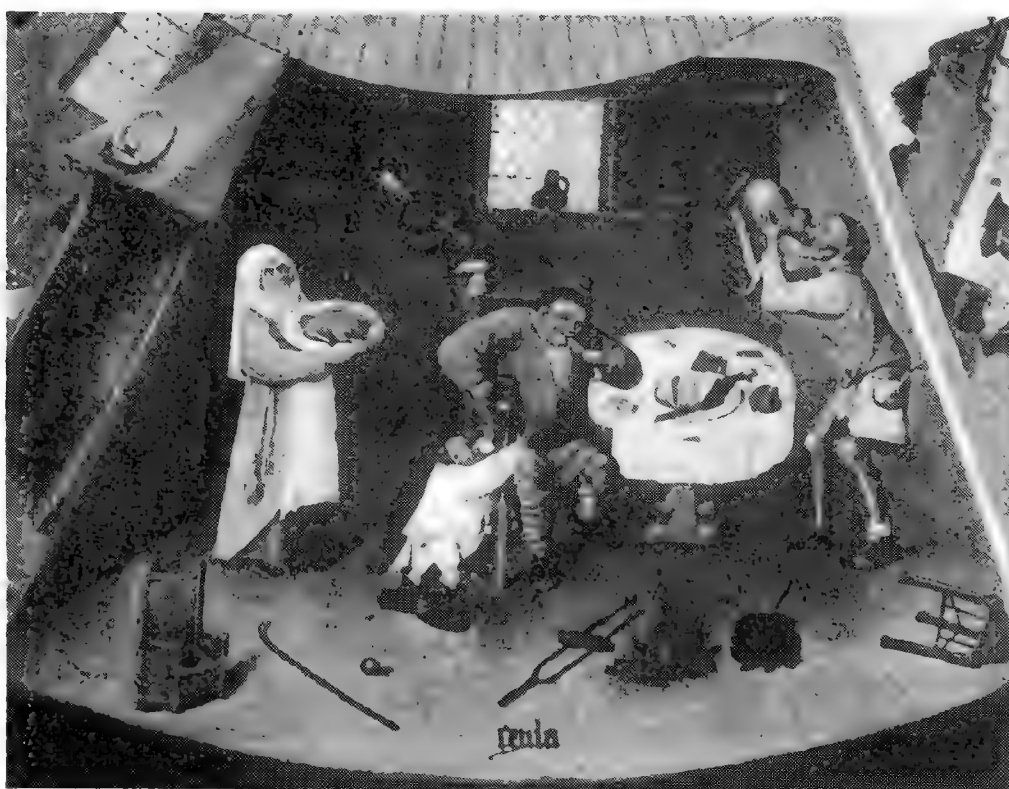
SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 29 DE MARÇO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Entrevista com J. E. Agualusa, págs. 3, 4 e 5; inéditos de J. Craveirinha e de L. C. Patraquim, págs. 6 e 7; Arabesco, de Barahona, pág. 8.

7

PARÁBOLAS



Abrirei a minha boca em parábolas e proclamarei coisas ocultas desde a criação do Mundo.
Mt 13,35.

PARÁBOLA SOBRE O ASPECTO ENGANADOR DO MUNDO

Viviam rentes ao lado dos charcos; comendo coisas impuras: batráquios, vermes, pequenos peixes. Turvos e miseráveis, apenas comiam e defecavam e entre uma e outra coisa nem lavavam as mãos.

Não tinham nome; e nem sabiam que o não tinham: antes assim, diziam os homens das margens. E cuspiam ao passar por eles.

Certo dia chegou ao local um estrangeiro. Ignorando os costumes tomou banho no rio e sentou-se nas margens. Os seus olhos tropeçaram no lodo dos charcos e descobriu-os comendo e defecando. Chocado com tão grande miséria procurou dirigir-lhes a palavra.

Mas eles não conheciam a palavra. Então o estrangeiro pegou num pau e desenhou um peixe.

Eles vieram e tentaram devorar o peixe.

Estão loucos, pensou o estrangeiro. Depois reflectiu melhor e disse:

— Ou talvez não estejam loucos mas apenas muito, muito cansados. Do peso do espírito; do peso absurdo do espírito.

E só então reparou que eles tinham asas. Quem tiver ouvidos que ouça!

PARÁBOLA DO LAVRADOR AMBICIOSO

Sete meses depois de conhecer José, sentiu a mãe do Profeta que dentro de si a criança se animava.

E ouviu-lhe a voz e disse-lhe esta que se dirigisse ao templo, o que ela fez.

No templo o Profeta começou a falar e apesar de dentro do ventre de sua mãe era a sua voz límpida e forte, e todos logo ali re-

conheceram o milagre, e de joelhos receberam o divino verbo.

Contou o Profeta a seguinte parábola:

Habitava em certa terra um rico lavrador. Um dia, cego de cobiça e perturbado pela febre da ganância, traiu os antigos costumes e ordenou que colhessem dos pomares todos os frutos, inclusive os mais altos, que as leis e a ética mandam que se reservem para os pássaros.

E fez-se segundo a sua vontade.

Nesse ano, que foi de muita fruta, todos os pássaros morreram de fome.

Com o progredir do tempo o lavrador foi enriquecendo mais e mais. Contudo, uma estranha e lenta melancolia tomou-lhe o coração, e os seus pensamentos foram-se tornando de dia para dia mais tristes e mais turvos.

Consultaram-se médicos e magos. Trouxeram à sua presença as mais belas mulheres e os mais brandos mancebos. Tentaram-se as mais variadas drogas e as mais obscuras práticas.

Mas nada resultou.

Já acontecia com frequência confundirem-no com a sua própria sombra quando, numa súbita e inesgotável tarde de Novembro, um leve rumor de asas atravessou os ares e foi poisar nos jardins. E um pássaro cantou longamente.

O coração do lavrador sobressaltou-se e este despertou da sua noite. E só então compreendeu que a maior riqueza não está nunca na maior colheita. E os antigos prin-

cípios foram restaurados.

Tudo isto falou o Profeta.

Quem tiver ouvidos que ouça!

PARÁBOLA DO CAMPO DE TRIGO

Um lavrador semeou todos os seus campos com trigo. E o trigo cresceu abundante e prometedor.

Porém, chegada a época das colheitas, levantou-se no horizonte um poderoso rumor de asas e um vento maligno de gafanhotos verdes caiu sobre os campos e devorou o trigo.

Então o lavrador chamou à sua presença os muitos filhos. E disse-lhes apontando os campos:

— Nem sempre o que se semeia é aquilo que se colhe. Mas se alguma coisa semeares, alguma coisa sempre colherás.

E tendo dito isto tomou uma mão-cheia de gafanhotos e assim mesmo os devorou.

Quem tiver ouvidos que ouça!

PARÁBOLA DAS ESTRELAS E DOS RELÂMPAGOS

— Quando vires uma estrela — disse o Profeta — Lembra-te que a luz dessa estrela partiu há muito tempo para chegar a ti e que, portanto, a estrela que vês pode já ter morrido. Da mesma forma, quando escutares um trovão, lembra-te que o relâmpago já passou.

— E sobretudo — acrescentou o Profeta — lembra-te que há gente assim.

Quem tem ouvidos que ouça!

PARÁBOLA DO CEGO E DO PÁSSARO

Um cego encontrou um pássaro.

— Pelo canto — disse-lhe — és um rouxinol.

— Pelo canto sou — respondeu a ave — mas também o papagaio fala e nem por isso é gente.

— Quer isso dizer — indagou o cego — que não és um rouxinol?

— Que te importa isso? Aos olhos de Deus todos os pássaros são iguais. E acaso és tu mais que o Senhor? E pois que és cego — continuou o pássaro — não te basta que eu cante como um rouxinol?

O cego pensou um pouco. Depois disse:

— Aos olhos de Deus (como aos de um cego), só morto pode um pássaro ser igual a outro.

E dizendo isto agarrou bem a ave e torceu-lhe o pescoço.

Aquele que tiver ouvidos que ouça!

PARÁBOLA DOS JOGADORES DE XADREZ

Eram dois jogadores de xadrez. Jogavam há muito tempo e sempre sem trocarem palavra. Moviam silenciosamente as pedras; pensavam nas jogadas e jogavam. Mas pensavam apenas nas jogadas. um dia, era inevitável, um dos jogadores levou a mão a uma das pedras. E não moveu a pedra. O outro interrogou-o com o olhar.

— Diz-me — perguntou então o primeiro jogador — porque jogamos nós? Diz-me, qual o sentido deste jogo?

— Não sei — respondeu o segundo — mas ganho à quarta jogada.

Quem tem ouvidos que ouça!

PARÁBOLA DO HOMEM SÁBIO

Um dia um homem sábio morreu. No Reino dos Céus encontrou-se face a face com o Senhor Deus. Este perguntou-lhe:

— Tu que és sábio e viveste inúmeros anos diz-me o que aprendeste na Terra de Realmente importante.

E respondeu o sábio:

— Uma só coisa aprendi de realmente importante: a desprezar os mestres!

O Senhor Deus olhou-o num demorado silêncio.

Depois cuspiu no chão.

E foi-se embora.

Aquele que tem ouvidos que ouça!
José Eduardo Agualusa

PUXAR PELA MEMÓRIA

A luta de libertação nacional das ex-colónias portuguesas quase não motivou até agora a escrita. Se do lado do português há um surto de obras inspiradas na guerra colonial, é ainda cobertas pelo manto da ficção que as novas gerações tomam conhecimento de feitos determinantes para o mundo que fala o português — à excepção do Brasil. No aspecto memorialístico, tirando o que escreveu o comandante Alpoim Calvão, protagonista de um dos episódios marcantes dessa guerra — o assalto a Conakry e a tentativa de derrube do Governo de Sékou Touré —, pouco mais terá vindo a lume. Na tentativa de fixar uma histórica oficial da guerra do ponto de vista das Forças Armadas Portuguesas, é conhecida a iniciativa do Estado-Maior General, que resultou na publicação da **Resenha Política-Militar das Campanhas de África**.

Compreende-se que assim seja: as páginas subscritas por Jorge Querido, recente publicação da editora Vega na também recente colecção «Estórias da História», intituladas Cabo Verde — Subsídios para a História da Nossa Luta de Libertação, convenceriam o mais céptico das dificuldades da escrita

sobre a história recente.

O trabalho de Jorge Querido, actual presidente do Instituto Nacional de Investigação Tecnológica de Cabo Verde e o homem que durante os anos «quentes» dirigiu a implantação clandestina do PAIGC naquele país, mantendo ligação directa com Amílcar Cabral, opta pelo mais imediato — o esclarecimento do papel próprio nessa luta, de cujos louros se sente roubado — deixando em branco ou passando como que sobre brasas por múltiplos episódios de que foi protagonista e que, mais tarde, pelas características próprias desses acontecimentos, o historiador terá dificuldades em aclarar.

É certo que, na nota introdutória, J. Q. estabelece os limites apertados das suas intenções: contraria «uma certa tendência de alguns arrivistas e cultivadores de mitos para deturpar a verdade dos factos», utilizando para isso «personalidades internacionalmente conhecidas e pretensamente 'nossas amigas'», que não nomeia.

Mesmo assim, ao longo das 82 páginas do seu opúsculo, Jorge Querido lança alguma luz sobre os antecedentes da mais grave crise governativa até hoje registada no estável Cabo Verde, que implicou, em



1979, o afastamento do então ministro da Saúde, do ex-ministro da Agricultura, do secretário de Estado das Finanças, do secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, do director da revista do partido, um inquérito por «actividade fraccionista» ao recentemente assassinado secretário de Estado da Administra-

ção Pública, acusações contra o actual governador do Banco de Cabo Verde ou o agora embaixador em Washington. Em suma, um libelo contra o chamado «grupo trotskista» caboverdiano, com um único fio condutor: as actividades do «agente da IV Internacional» Manuel Faustino, ministro da Saúde e influente homem da máquina partidária do PAIGC em Cabo Verde até 1979, e a campanha de «calúnias» conduzida por ele e seus acólitos que levou à marginalização política do autor.

É evidente que quem se mete por tais atalhos não pode ter a pretensão de dar grande «subsídio» à história, mesmo que diga a verdade — e quem escreve estas linhas está em posição de testemunhar que, o essencial, J. Q. diz a verdade, embora, nem por sombras, toda a verdade.

Por exemplo, J. Q. não explica como é que um provocador, que ele próprio diz ser então um desconhecido para a maioria dos membros das células de

Santa Catarina, consegue arrastar, em 1969, 14 elementos (um mundo de gente numa estrutura clandestina em implantação!) para a aventura do desvio do barco «Pérola do Oceano», com toda as as implicações na desarticulação de uma teia laboriosamente urdida sob a sua responsabilidade.

O encontro «tempestuoso» de 27 de Junho de 1974 com o Marechal Spínola, que J. Q. diz ter exprimido em relação a Cabo Verde e à Guiné-Bissau pontos de vista de «verdadeiro colonialista», mereceria relato mais circunstanciado, até porque o autor diz ter dele feito relatório «pormenorizado» à direcção do PAIGC em Conakry, assim como talvez merecesse transcrição a carta que diz ter endereçado ao então ministro português da Administração Interterritorial, Almeida Santos, a propósito da interdição de regresso do autor a Cabo Verde, já depois do 25 de Abril.

Ou então, um exemplo daquilo de que J. Q. não fala de

tudo, mas sobre que quem se interessa pela história da luta de libertação de Cabo Verde esperaria ler um seu depoimento: o projectado desembarque «foquista», em 1967, do chamado «grupo de Cuba», tendo à sua frente o actual primeiro-ministro Pedro Pires e sob a orientação táctica de Che Guevara — como estava sendo preparado em Cabo Verde e como avaliavam então os responsáveis locais as possibilidades de êxito do que, por pouco, não foi uma variante da aventura boliviana de Che.

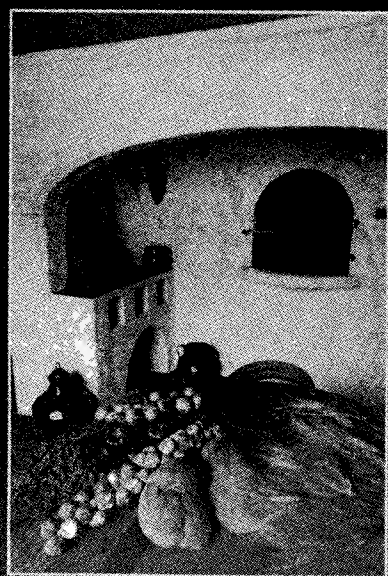
Como peça de defesa ante o Tribunal da História, o opúsculo de J. Q. é também fraco. Não se percebe muito bem como é que um agente da IV Internacional surgido, não se diz como nem propriamente quando, das neblinas de Coimbra, se apodera das redes do PAIGC em Portugal e Cabo Verde, coloca gente sua, influencia, destitui ou marginaliza dirigentes históricos como Jorge Querido, Amaro da Luz ou Manuel Rodrigues, insinua-se junto da direcção do ramo militar, ascende aos mais altos cargos depois da independência, para só ser afastado quatro anos mais tarde, não ficando claro se a seguir a um falhado golpe de força ou se subitamente descoberto. Um juiz imparcial teria muitas perguntas a fazer, antes de pronunciar o veredicto.

Do lado africano, pioneiro e polémico e, talvez por isso mesmo, útil. A chamar a atenção para a necessidade de mais gente «puxar pela memória». E J. Q. não faria mal em «reincidir», se em boa consciência se julgasse já liberto da ansiedade da auto-defesa e fosse capaz de centrar o relato nos factos e não em si próprio. Até porque os documentos são escassos e os homens perecíveis. (Vega, colecção «Estórias da História», 1979, 600\$00)

Manuel Delgado

COMERES ALENTEJANOS DE MATHILDE GUIMARÃES

COMERES ALENTEJANOS



MATHILDE GUIMARÃES

A COZINHA
E A PAISAGEM
ALENTEJANAS
NUM LIVRO
DE RECEITAS
TRADICIONAIS
COM FOTOS
DE NUNO
CALVET



QUETZAL EDITORES Rua Sanchez Coelho, n.º 3, 9.º Esq. 1800 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO DIGLIVRO — LISBOA TEL. 4792200/1/2

MOVLIVRO — PORTO TEL. 578937/578591

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____

Pelo período de

- ☐ 1 ANO — 18 000\$00
- ☐ 6 MESES — 9 000\$00
- ☐ 3 MESES — 4 500\$00
- ☐ 1 MÊS — 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio:

☐ cheque

☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00. • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA



JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Estórias verdadeiras e inverosímeis

Nos seus livros fala de conspiradores, visionários que nas ruas de Luanda do século passado, sonhavam já a independência. Recorre a Garcia Marquez e a Borges para justificar aquela pequena deslocação do real que faz do homem e da sua história, momentos únicos. É um dos jovens escritores angolanos, revelação destes anos de mudança. Dois livros publicados: **A Conjura** (Prémio Revelação Sonangol 1989) e, mais recentemente, **D. Nicolau Agua Rosada** e outras estórias verdadeiras e inverosímeis.

DL — Primeira obra e logo o prémio Sonangol. Como te meteste nisso?

JEA — Tinha acabado de escrever o original de *A Conjura* e já o entregara à Caminho. Depois estive com o Pepetela que tinha acabado de passar por Portugal. Entreguei-lhe o original que ele fez chegar à União dos Escritores. Depois recebi uma carta do Luandino que me aconselhava a concorrer ao prémio, sobretudo porque tornaria mais fácil e mais rápida a sua publicação. Normalmente, em Angola, existem muitos livros para editar, mas nem sempre há dinheiro para o fazer através da União dos Escritores. A Sonangol possibilita isso, porque é ela que adianta o dinheiro.

DL — *A Conjura* exigiu, necessariamente, uma grande pesquisa sobre o momento histórico que abordas. Como te abalançaste a esse trabalho?

JEA — Antes de escrever este livro eu nem sequer tinha grande produção em prosa. Tinha em poesia, com um livro já pronto. Escrevi *A Conjura* porque depois de ter lido a *Voz de Angola* clamando no Deserto comecei a investigar os jornais angolanos do século passado onde se retrata, de facto, um mundo fascinante. Tudo isso e mais umas conversas com pessoas mais velhas levaram-me ao livro.

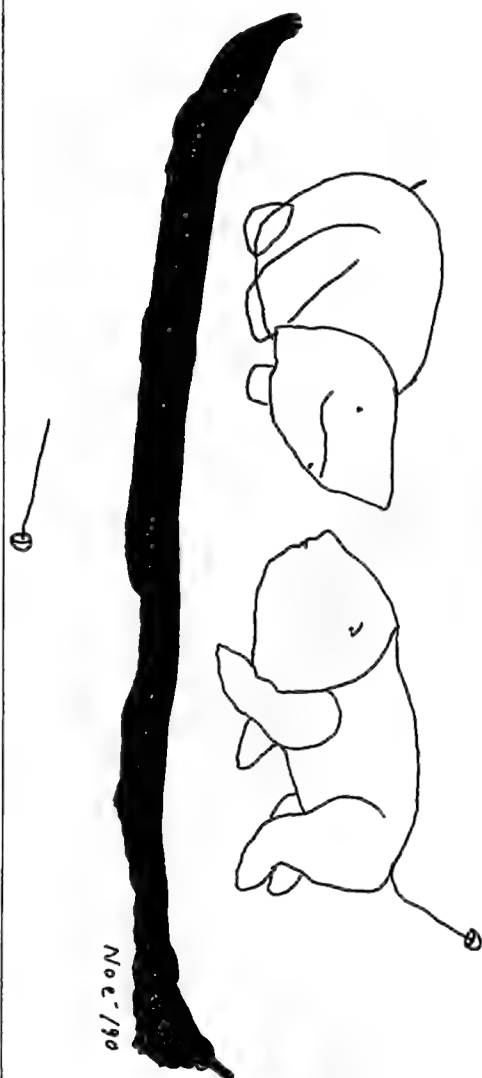
DL — A história de *A Conjura* preocupa-se essencialmente com a época que vai de 1880 ao início deste século, uma zona privilegiada da história de Angola, na qual tu referes a existência de um espírito nacionalista no seio da burguesia negra das cidades...

JEA — Eu queria que este livro levantasse uma polémica, o que se facto aconteceu. Na verdade penso que chegou a existir em Angola uma sociedade crioula centrada nos

velhos burgos angolenses e que acabou por ser submersa pela grande vaga colonial do pós-guerra e da qual hoje apenas restarão indícios. Se bem que são indícios que é preciso recuperar e a partir dos quais é preciso construir a própria cultura angolana, ou uma parte dela. Eu penso que se trata de uma componente da cultura angolana que é preciso não esquecer. E, de facto, uma das principais razões que me levaram a escrever este livro (e não apenas este), foi tentar restituir aos angolanos, de uma forma geral e, em particular, à camada de origem urbana ou de raízes crioulas, a sua memória histórica. É evidente que isto hoje em Angola levanta alguma polémica, sobretudo porque se tende a confundir isto com a ideia que por vezes é levantada por algumas pessoas, e com a qual eu não concordo, de que esta camada de profundas

cont. na pág. 4





curiosos: o primeiro movimento surge em Benguela, depois da independência do Brasil e no qual se pretende uma ligação política dessa região com o outro lado do Atlântico. Depois, em Luanda, surge um movimento com características mais nacionais, com uma visão global do que era Angola naquela altura, já depois do tratado de Berlim e, por isso, já com reivindicações nacionalistas quase tal como as podemos entender hoje: independência política e económica em relação a Portugal. E estas posições são defendidas nos jornais dirigidos por angolanos.

DL — Mas com grandes ambiguidades no relacionamento com a metrópole.

JEA — Necessariamente com ambiguidades que reflectem o clima da época. Mas nem todas ambíguas. Fontes Pereira reivindicava a independência de Angola. Assim mesmo, com essas palavras.

DL — Defendes então que as raízes do ideal independentista se encontram nessa época e não, como se costuma dizer, a partir dos anos 40.

JEA — Prefiro dizer que uma das vertentes do nacionalismo angolano vai buscar as suas raízes a esta época. A outra vertente, que desencadeia o 15 de Março (que é uma revolta camponesa), necessariamente que não. Mas penso que esta não é uma opinião geral. Mário Pinto de Andrade fala de um protonacionalismo quando se refere a esta época. Eu penso que já é de nacionalismo que se trata. O meu amigo Bonavena em Angola, que é um dos jovens investigadores, é da mesma opinião.

DL — Mas no teu livro as duas vertentes têm forças diversas, como se a revolta urbana se limitasse à palavra, enquanto a revolta camponesa passava à acção...

JEA — Não concordo. Escrevi A Conjura para mostrar que há um nacionalismo de raiz urbana. E o que eu também tento mostrar nesse livro é que existe, durante todo o

período da presença portuguesa em Angola, momentos de insurreição camponesa, de carácter nacional. Esses povos não reivindicavam a independência nacional. Reivindicavam, quanto muito, uma série de regalias para o seu próprio povo. Reivindicavam «regalias sociais», não tinham uma ideia de nação. Lutavam contra os portugueses por outras questões e também por razões nacionais, no sentido estrito do termo. Os kuanhambas, quando se levantam contra os portugueses, não o fazem em nome de Angola, mas em seu próprio nome. Os urbanos já o fazem em nome de Angola.

A desilusão da República

DL — Em A Conjura, com que se assiste ao fim das esperanças dos angolanos, que vão vendo surgir cada vez mais restrições ao seu estatuto na colónia...

JEA — Esta camada de intelectuais angolanos tinha grandes esperanças na República portuguesa, como força capaz de emancipar Angola. E essas esperanças acabam por ser frustradas. A maior partes deste intelectuais, como Pedro da Paixão Franco, Fontes Pereira e outros eram, antes de mais, republicanos, socialistas utópicos. Com a implantação da República em Portugal apercebem-se que, ao contrário do que eles pensavam, Angola não só não se torna independente, como os laços com Portugal são reforçados. E começa aí, na verdade, a degradação desta burguesia urbana angolana. Há assim uma enorme frustração destes intelectuais. O meu livro, evidentemente, é a história da insurreição contra o regime colonial, é criação minha, mas podia ter sido assim. Reflecte o desencanto destes intelectuais em relação à República.

DL — Mas como que há uma mudança no pensamento colonial português. E, a pouco e pouco, a burguesia negra come-

ça a perder os seus direitos.

JEA — Isso é um processo que se arrasta por bastante tempo. Em parte os portugueses fazem-no através da implantação de legislação que vai manifestamente prejudicar esta burguesia angolana. Há uma série de processos legais que são criados com vista a desapossar os angolanos de muitos terrenos, sobretudo na parte central de Luanda. Estes passam para a mão do Estado ou de proprietários portugueses. Por outro lado, a nível da administração pública vai acontecer o mesmo, sobretudo com a grande vaga colonial do pós-guerra. Esses lugares que estavam quase integralmente na mão de angolanos vão passar para a mão de portugueses. Digamos que há uma aparelhagem legal apostada em prejudicar os angolanos para consolidar a implantação portuguesa em Angola. É aí, de facto, que o colonialismo começa a funcionar a partir da implantação da República. Até aí, o que era Angola? Apenas um local de degredo, um pouco como a Austrália foi para os ingleses. E quase não era economicamente explorada a não ser, evidentemente, na questão dos escravos.

DL — Mas voltando ao ideal nacionalista, existe no teu segundo livro um personagem que é D. Nicolau Água Rosada que, por assim dizer, é lançado para a fogueira no momento de decidir de que lado está.

JEA — D. Nicolau existiu de facto e era já, um pouco, uma figura da aristocracia rural do norte de Angola. Transplantado para a cidade, tem uma educação ocidental e é educado em Portugal. Mas quando regressa não se adapta ao seu meio de origem e é utilizado pelos ingleses na sua própria estratégia para África, acabando por morrer às mãos da sua própria... não diria do seu próprio povo (que não é), mas... é mais uma questão de uma população de origem camponesa que acaba por o matar... porque ele os traiu de certa forma. E, de facto,

cont. da pág. 3

raízes urbanas teria mais legitimidade para governar Angola do que as outras pessoas de outras origens.

Dois vertentes do nacionalismo

DL — Mas tu acabas sempre por referir também a zona, por assim dizer, rural desse nacionalismo. Como conjugas estas duas vertentes?

JEA — Penso que no moderno nacionalismo angolano existe uma raiz crioula, se quisermos chamar assim, uma raiz que mergulha no século passado e na sua identidade urbana. E existem certamente raízes camponesas: o levantamento de 15 de Março foi um levantamento camponês que não é possível contornar. Por outro lado, o MPLA é um movimento de origem urbana que se fundamenta, e é despoletado, pelas pessoas das grandes famílias tradicionais de Luanda. E aqui estão as duas grandes famílias do nacionalismo angolano: uma componente de origem urbana e outra rural que não são inconciliáveis mas sim complementares.

DL — Em 1880 existe uma população negra urbana que estaria na base de A Conjura. Até que ponto essa população possui uma consciência nacional quando fala de independência. Que independência estaria em causa?

JEA — Podemos falar de uma experiência quase única no continente e que tem lugar em Angola desde 1850, altura em que existe uma camada multi-racial constituída, não só por negros ou mestiços, mas também por brancos que se consideravam (e se chamavam), filhos do país. Com esta expressão englobavam todas as raças que existiam em Angola, com uma certa consciência nacional e que reclamavam e tomavam posições com vista à independência de Angola. Existem mesmo dois movimentos



o que ele traiu foi mais a sua origem camponesa.

Uma análise a ser feita

DL — Isso leva-nos à questão da tradição campesina e da modernidade representada pelos intelectuais urbanos. D. Nicolau surgiria assim como que assumindo uma culpa, funcionando como um mero joguete...

JEA — Essa leitura é a tua, eu não pretendi escrever isso. Em primeiro lugar pretendi escrever uma história que fosse capaz de divertir as pessoas, e também dar-lhes uma ideia do que era aquela época e a existência desta personagem. Por outro lado, não penso que as pessoas de origem urbana se devam sacrificar ou ser sacrificadas, nem penso que exista uma traição. Existe, necessariamente, uma integração numa outra cultura. Penso que, em determinada fase da história, é evidente que as pessoas mais posicionadas para tomar as rédeas do poder são aquelas capazes de fazer a ponte entre a tradição e a modernidade. E essas pessoas estavam na cidade, era a burguesia de origem urbana, a pequena burguesia angolana.

DL — Que cresce muito, como tu assinalas nos teus livros, à volta de um jornalismo extremamente actuante.

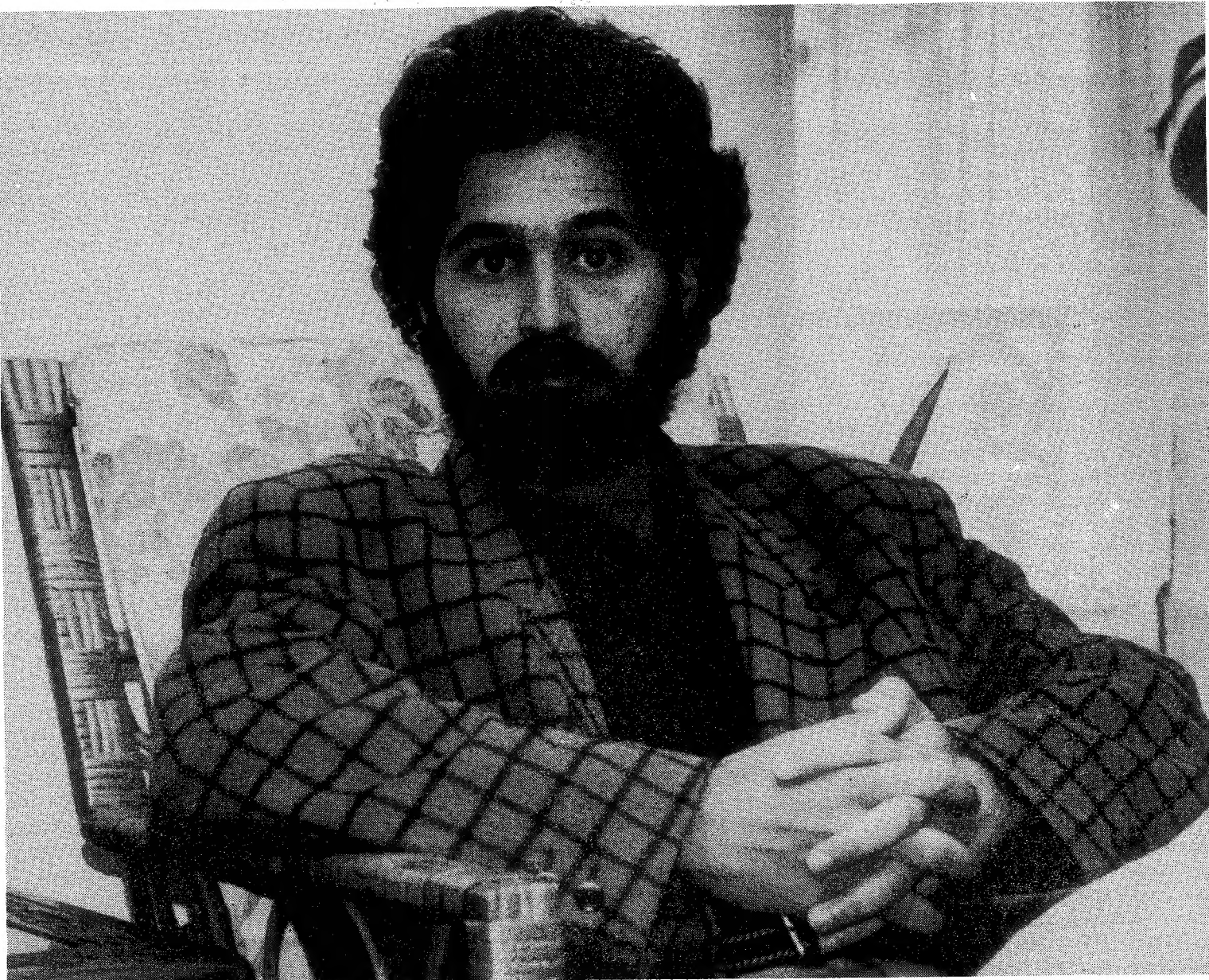
JEA — Esse período é conhecido como o da imprensa livre em Angola. É uma altura de frenética actividade jornalística e, de uma forma mais geral, de grande actividade intelectual. Tem a ver com factos que estão ligados à história de Portugal, de um certo liberalismo monárquico, e do facto, também, de existir em Angola uma camada populacional com capacidade financeira para criar um jornal, e com capacidade intelectual para o fazer. A situação estava criada: havia liberdade de expressão e esta camada de intelectuais. E é por isso que os jornais surgem. É muito curioso porque sensivelmente entre 1880 e o fim do século existiram mais jornais dirigidos por angolanos do que de 1900 até hoje.

DL — Mas até que ponto esses anos de 80 até ao princípio deste século estão reflectidos (ou influem) na actual situação política em Angola?

JEA — Sim, esse anos também estão reflectidos agora. No fim de contas, nós vamos hoje encontrar um núcleo central de pessoas que gerem o poder em Angola e que fazem parte, mais uma vez, das velhas famílias urbanas, embora apoiadas agora por uma camada de outras origens, designadamente de origem camponesa. Esta camada dirigente não é muito alargada exactamente porque as suas bases foram destruídas pelo Estado Novo, que não permitiu a sua expansão. De outra forma, ela poderia ser mais larga e funcionar de outra maneira. Por outro lado, em alturas em que o poder teria feito, não soube reivindicar a sua originalidade. E isso teve consequências trágicas que se reflectiram num certo atraso do nacionalismo angolano e numa certa falta de eficácia desse nacionalismo.

DL Até que ponto as duas forças em presença neste momento em Angola (MPLA e a UNITA) são consequências dessa situação anterior?

JEA — São sobretudo reflexo de uma falta de análise que deveria ter sido feita antes de determinadas opções terem sido tomadas, concretamente da luta armada. Penso que a actual guerra civil no meu país tem uma vertente cultural muito forte e que, infelizmente, não tem sido analisada até às suas últimas consequências. Penso que o MPLA continua ainda hoje a ser um movimento de origem essencialmente urbana e que, ao invés, a UNITA é um movimento de origem campesina. E, enquanto não se compreender isto e se fizer uma análise nes-



tes termos, talvez seja difícil terminar esta guerra. Porque não me parece que se estejam a aplanar as diferenças, mas a realçá-las. Verifica-se um fosso cada vez maior entre a cidade e o campo. E a UNITA está cada vez mais no campo (em todos os aspectos), e o MPLA cada vez mais na cidade. Um dos nossos grandes poetas dizia-me há poucos dias, que Angola era um arquipélago de cidades. Sobretudo a Angola dele, onde ele se insere. Porque essas pessoas de origem urbana (e que estão, não digo do lado, mas sob a alçada do governo angolano) não circulam no campo. E têm a nostalgia dos grandes espaços, tal como nós que estamos fora do país. E o campo, ou está com a UNITA ou é uma zona de guerra. E este desequilíbrio tende a acentuar-se em vez de diminuir. E tende a acentuar-se porque não se tem feito uma análise séria do problema. Nos anos 50 e 60 as pessoas não reflectiram intensamente sobre essa realidade. Mas temos que o fazer agora, pois é a única forma de pôr termo a esta luta e evitar que, no futuro, ela não venha a desembocar noutras formas de violência.

Realidade e ficção: um mesmo processo

DL — Falemos um pouco de processos: tanto na Conjura como em D. Nicolau, partes de notícias de jornais para depois inventares situações extremas...

JEA — Interessa-me sempre partir da realidade para chegar à ficção. Penso que um livro está tanto mais bem conseguido quanto um leitor não consegue destrinçar onde acaba a verdade e começa a fantasia, quando eu próprio já não o consigo ao acabar o trabalho. É uma coisa que gosto de fazer. De facto, que sofri um pouco a influência do realismo mágico sul-americano, o que não deixa de ter o seu espírito africano. As pessoas em África continuam ainda imbuídas de um lado mágico que não se apagou.

DL — D. Nicolau começa partindo dos

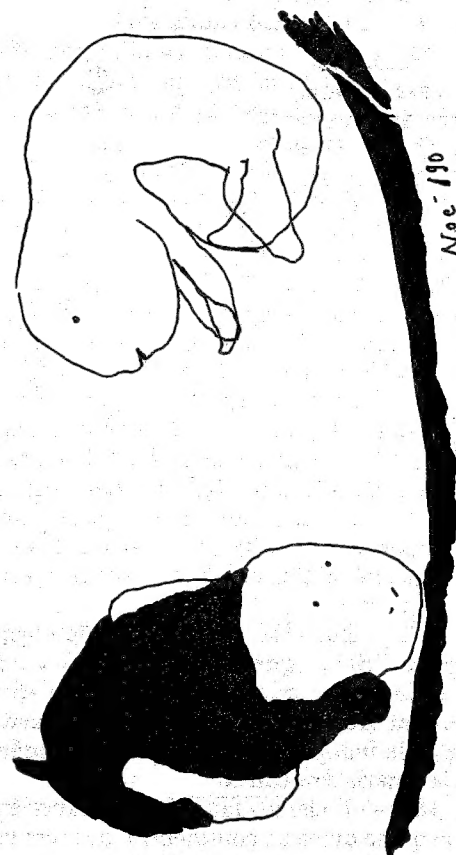
mesmos pressupostos e depois passa a textos muito borgeanos.

JEA — Os primeiros textos são construídos à volta da notícia de jornais. E as outras digamos que complementam a Conjura. Os outros são primeiros textos. Alguns deles considero mais climas do que histórias propriamente ditas. Mas penso que em todas existe o mesmo espírito de realismo mágico. Do Borges, evidentemente, e não só... Parti destas notícias de jornais porque penso que por detrás delas existe uma história muito maior que nós desconhecemos sempre. Detrás de cada coisa há sempre um enigma. Podemos tentar construir para ele soluções, mas são sempre meias soluções. E há um mundo de outras que nós desconhecemos. E é isso que torna as coisas interessantes. Gosto de deixar um certo espaço para as pessoas se poderem interrogar.

DL — Mas voltando às origens: Angola está agora com grande agitação a nível literário. São bons augúrios?

JEA — Penso que a literatura angolana está a entrar numa nova fase de muito maior maturidade. Penso que para trás vai ficar, no lixo da história, aquilo que até agora se considerava literatura e que não passava de uma prática política do panfletarismo. Hoje os escritores angolanos têm uma outra postura. E não falo aqui de gerações. Penso que na generalidade dos escritores angolanos há uma nova consciência. E a literatura está a ganhar com isso. Os escritores estão a despir-se: não das suas convicções políticas mas da sua militância. Estão a ser cada vez mais escritores, estão a preocupar-se cada vez mais com as grandes questões de todos os homens em todos os locais. Estão a ser cada vez mais universais, preocupando-se também com questões estéticas, questões de forma. Penso que estes novos livros que agora vão sair (são 27 novos títulos), alguns deles terão lugar importante na literatura angolana de amanhã.

Guilherme Ismael



ELEGIA CARNÍVORA

«porque eu não espero voltar»
T.S. Eliot, «4.ª Feira de Cinzas»
em memória de Samora Machel

porque embrulho de carne nos fazem
desatado na noite, uivo de sangue
entre as sombras de deus inerte
no asfalto porque é noite, e agora
já não dormimos o sono dos cães,
nós voltamos, poucos, entre as sombras
de deus, em Tsalala um nome.
à uma hora da madrugada somos deus
aos látegos sobre os perfis das casas,
das fontes latejando voos de extenuados
pássaros e maceramos o poema. Abram!
Já não morremos entre as mãos
brincando do menino com dois anos de idade.
Assassinou-se, para não ser homem nem deus,
nem perguntas augurando
metafísicas inúteis na ascensão de domingo,
à uma hora da madrugada.

Mãe, quero um barco verde com risos
e um rio dentro dos ossos e um asfalto
de carne, limpa, sem sombras de deus
ou a noite na boca, Mãe!

Batemos. Abram os estádios magníficos
de todos os orifícios! Cuspam-nos
o delírio que mata! Abram!
À uma hora da madrugada, meu deus.
Tão de tutano a Sul, limpos e longe
do país dos hiperbóreos. Tão já só
um coração de ideias incendiando-se
nas pupilas cortadas.
Ao perdido arfar de nós que nós perdemos,
matrissuicidas de deus na lixeira
com mabandidos vídeos estilizando-nos

em eléctricas úlceras de arco-íris,
nós voltamos. Dêem-nos os pulmões candongados
em Tsalala, os polanulantes espasmos
depois das praças em comícios
de milho deglutindo-se à espera!
Exigimos tudo! As vísceras mesmas do vento,
o emaranhado bíblico sonho em pentelhos
de coruscantes salmos abertos e os vômitos
de deus e medo e raiva e sangue e cães
e os tartamudos absortos mortos, ó meu deus
vagina-diurna-mãe, a chigubo esgueirando-se
das baionetas! À uma hora da madrugada,
meu país de embrulho, metralhada
carne deste poema.

Silêncio. Abraço um corpo agónico
de palavras intermitentes, assassinadas.
Olhem os intestinos de todos os deuses
enforcando-nos. De que olor a merda nos marcaram
a noite original? Em que porões a negro
de animais antigos? Onde se afogaram
as mafurreiras? Quem se soluça
em Tsalala a si um nome?
Quem voltamos? À uma hora da madrugada, meu deus.

Eis o bernal de escroto e os ombros
fartos de pesar o mundo, os ritmados sons
da água em contos de quizumbas, a hemorragia
do medo nas pernas de caniço, a memória da pele
sugando-se nas aortas vingadas.
Meu deus de nós, porque voltamos sem o menino
com dois anos de idade? Que não era embrulho
para vagar entre as veias de um céu de ferro,
nem carne do poema devorando-se em grito.



luis manuel garpar

março de 1990

À uma hora da madrugada.
Vidrilham os grilos por sobre as flores
esta noite da noite do silêncio
porque nós voltamos, uivo de uivo
do multiplicado súcubo que não sendo
somos e nos pariu.

Todos os poemas foram fuzilados.

Luís Carlos Patraquim

LIVRARIA GALILEU, S.A.

AV. VALBOM, 24-A — CASCAIS — PORTUGAL
TELEFONE 286 60 14

NA GALILEU
ENCONTRA

LIVRO ANTIGO,
VELHO E USADO

AVALIAÇÃO DE BIBLIOTECAS
COM COMPROMISSO DE COMPRA

Horário da Livraria:

2.ª a 6.ª das 10 h às 13 h e das 15 h às 20 h

Sábados até às 23.30 h

Meses Julho e Agosto das 10 h às 23.30 h



ENQUANTO
HOVER
ÁGUA
NA ÁGUA

fatigado te estendes
sob as árvores altas
tuas armas ao lado

vês como a hora escura
da tarde junta as aves
às frondes tutelares

— tantas que sobre os ramos
há viveiros de estrelas —
e como a lua vem

amareladamente
em seu dorso deitada
e esparsos os cabelos
afogar-se na noite

até que por fim cego
de lágrimas e da
luz do sol da manhã

deixas de poder ver
como os pássaros vão
debicar o cadáver

assim a tua morte
repousa: espera em ti:
um silêncio carrilhonante:
um milagre

Breyten Breytenbach
Trad. de Mário
Cesariny

Publicações Dom Quixote
1979

TANJARINAS

I

Serão palmas indúvidas todas as palmas que palmeiam os discursos dos chefes?
 Não são aleivosos certos panegíricos excessivos de vivas?
 Auscultemos os gritos vociferados nos comícios.
 E nas bichas são ou não são bizarros os sigilosos sussurros?
 Em suas epopeias de humildade deixem intactos os sonhadores.
 Sabotagem é despromover um verdadeiro poeta em funcionário.
 Não bastam nos gabinetes os incompetentes?
 Ainda mais alcatifas e ares condicionados?

Aos dirigentes máximos poupemos os arditos organigramas.
 Como são hábeis os relatórios das empresas estatizadas
 prosperamente deficitários ou por causa das secas
 ou porque veio no jornal que choveu de mais
 ou por causa do sol ou porque falta no tractor um parafuso
 ou talvez porque a polícia de trânsito não multou Vasco da Gama infringindo os códigos na
 rota das especiarias de Calicute.

E os nossos tímpanos os circunjacentes murmúrios?
 Não é boa ideologia detectar na génese os indesmentíveis boatos?
 Uma população que não fala não é um risco? Aonde se oculta o diapasão da sua voz
 E quanto ao mutismo dos fazedores de versos? Não sai poesia será que saem
 nos verdes crepusculares dos bairros de canção augúrios cor-de-rosa?
 Quem é o mais super na meteorologia das infaustas notícias?
 Quem escuta o sinal dos ventos antes da ventania e avisa?

II

Na berma das avenidas asfaltadas de lixo olhemos perplexos
 os sarcásticos prédios por nós esquecidos. Não dói?
 Nas escolas é maningue melhor partirmos as carteiras e estudar no chão?
 E nas fábricas que mãos são estas nossas proletárias mãos que só desfabricam?
 Mas nesta colmeia muita atenção ao mel das abelhas adúlteras.
 E o que é que se passa com o engordecido responsável
 sempre a mandar-se em missão de serviço nos melhores hotéis das Europas?
 Ou no espólio das noites de vigília o saco cheio
 vale mais a carência nacional do que ter sido um pido
 vale ou não vale nosso esperto milícia Fakir?

III

Que os camionistas heróis dos camiões emboscados a tiro nas viagens
 tragam as saborosas tangerinas d'Inhambane ao custo das ciladas
 mas descarreguem primeiro nos hospitais nas creches e nas escolas
 que o futuro do País também está na doce doçura das tangerinas d'Inhambane
 e o poder sobrevive na força de um povo com tabelas de amor e não de preços.
 Mas os auspiciosos cajus purpurinos já não nos dão tincarósse porgi
 Especular a pátria não é guiar a viatura nova contra os muros e os postes?
 Ilegalidade só é ilegalidade nos outros? Quizumba só é quizumba no mato?
 Então juro que tangerina d'Inhambane é tangerina de Moçambique.

Eu adoro trincar voluptuosamente os sumarentos gomos das tangerinas d'Inhambane.
 E desde leste a oeste quem não gosta das saborosas tangerinas d'Inhambane?
 Então os que abjuram os sagrados frutos da terra façam lá mulher e filhos.
 Façam lá um pai e uma mãe. Façam lá tios e sobrinhos. Façam lá uma família.
 Façam lá irmãos e irmãs. Façam lá amigos e amigas. Façam lá colegas e camaradas.
 Façam lá com a incompreensão ternura amor e paz se são capazes!

IV

As orientações de alguns directores desorientam os juizes... (deles também)
 Mas quem disse que não tenho pena dos conjuntos safaris embrulhando-os
 fresquinhos e sem problemas de suores originários deste instável clima tropical?
 Quem disse que não lamento vê-los penosamente dos «Ladas» com suas poses
 as incalçadas mãos deles sem aguentarem sequer abrir-se a porta
 e assentados esperarem que seja o motorista irrevogavelmente
 dê a volta ao mundo do fatalismo e cumpra ainda hereditariamente essa tarefa?
 Quem é que disse que não tenho pena? Quem disse que não sinto este drama?

V

Depressa você Madalena vais bichar lenha deixa bicha de carapau.
 Vóvó fica bichar na comprativa amanhã tem arroz.
 Tiúta sai na bicha de capulana vai bichar pão.
 Toninho com Quiristina vai bichar água.
 Sexta-feira antepassada mamãe Júlia dormiu lá mesmo.
 Bichou toda noite no Jone Uarre mas chegou vez... nada!
 Aontem tomar chá não tomou... foi no serviço.
 Aóje não toma vai tomar amanhã.
 Não toma amanhã toma a outro dia.
 Ou quando encontra toma de noite.
 E quando não toma de noite então dorme.
 Mas quando sonhar amendoim já tomou chá e já comeu.

VI

A gente faz favor quer cascar com unha de dedo grande as tangerinas d'Inhambane.
 Olha lá! Você estás cansado da tua terra? Salta arame... vaiiaaiiii...
 Você não gosta bandeira? Leva documento... famba!!!
 Antigamente 'panhava mais fome mas não ficava aqui?
 Antigamente era palmatoada. Não estava? Não ia na estiva?
 Antigamente sapato não era corrente de ferro? Agora só quer «Adidas» não é?
 Antigamente sentava no xibalo. Agora senta no Scala não senta? Mas quem deu?
 Antigamente escrevia nome? Aonde? Capaz? Agora manda carta no jornal p'ra dizer que
 pão não presta.
 Antigamente encontrava passaporte? Agora não 'panha passaporte fica triste.
 Fica muito zangado. Faz barulho. Antigamente não era só caderneta?
 Sim, agora come carapau. Não é peixe? Batata-doce e mandioca não é comida?
 Nossa barriga alembra bife com batata frita e azantona. Alembra bacalhau
 mais grelos e aquele azeite d'oliveira com vinho tinto de garrafão lacrado.
 Mas nós tinha isso quando queria ou quando restava? Era nossa casa? Qual casa?
 Lá naquela casa a gente puxava otocismo p'ra nosso cu pró cu dos outros?
 Vá! Fala lá! A gente não ficava de cócoras na sentina. A gente tinha mais o quê?

VII

É verdade chuva na machamba não chove. Mas a gente espera. Chuva vai vir.
 É verdade a gente come couve com couve carapau com carapau farinha com farinha
 Mas senta na nossa mesa. Toda família senta em casa no prédio. Amigo também senta
 Ir embora não voltar mais? Não pode. Deixar aqui. Ir aonde? Capaz!
 Mudar moçambicano ficar o quê? Mudar a cara ficar qual cara?
 Fugir há outro que vai fugir. Moçambicano próprio não foge.
 Quando homem é homem é só um coração. Não é dois.

VIII

Mesmo quando não tem senha de gasolina não faz mal. Não há crise. Candonga tem.
 Mas quem disse que aquelas saborosas tangerinas d'Inhambane não vem mais?
 É preciso, nós vamos fazer estratégia de mestre Lenine
 e vamos avançar duas dialécticas cambalhotas atrás
 moçambicanissimamente objectivas
 concretissimamente bem moçambicanas.

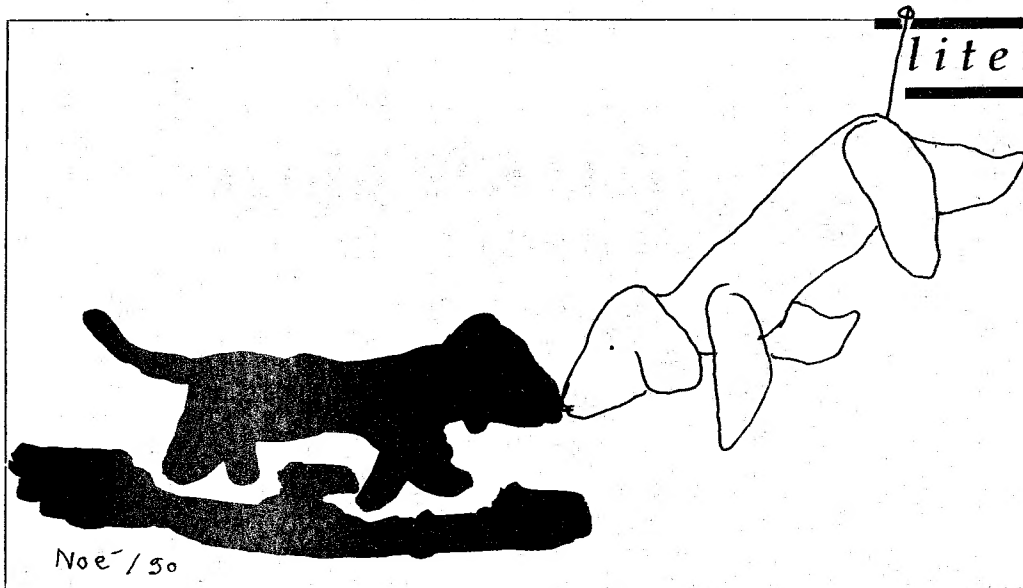
IX

Agora alerta camarada Control. Vem aí o camião com tangerinas d'Inhambane.
 Tira o dedo do gatilho e faz um aceno d'alegria ao estoico motorista.
 Ganha metical mas desde Inhambane, desde Chai-Chai, desde Manhica
 ele está guiar mas ele só sabe que chegou quando está chegar.
 Camarada Control: Aldeia é aldeia não é vila.
 Camarada Control: Vila é vila não é cidade.
 Camarada Control: Cidade é cidade não é distrito.
 Camarada Control: Distrito é distrito não é província.
 Camarada Control: Província é província não é nação.
 Camarada Control: Control é Control não é Governo.
 Camarada Control: nosso território nacional é desde o primeiro grão d'areia em Cabo
 Delgado até ao último milímetro na Ponta D'Ouro.

XX

Camarada Control: Abre o teu mais fraterno sorriso no meio da estrada
 e deixa passar de dentro para dentro de Moçambique
 nossas preciosas tangerinas d'Inhambane.
 Agora casca uma tangerina e prova um gomo mais outro gomo.
 É doce ou não é doce camarada Control?
 Pronto!
 Muito obrigado Camarada Control!
 E viva as saborosas tangerinas d'Inhambane!!!
 VIVA!!!

José Graveirinha
 (1982-84)
 Cidade de Matupo (Ka-Pfumo)



Noe/50



Região Autónoma dos Açores

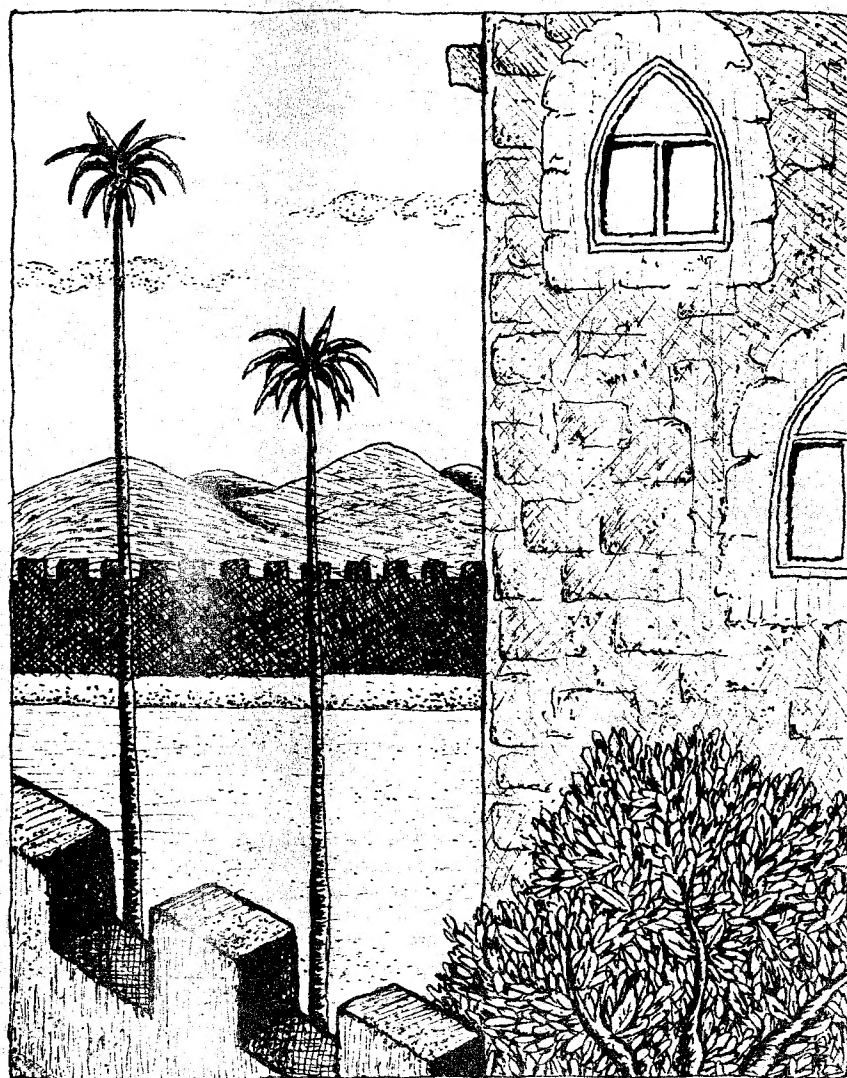
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRECÇÃO REGIONAL DOS ASSUNTOS CULTURAIS

3.º Concurso Literário Açores/1990

REGULAMENTO

- 1 - A Direcção Regional dos Assuntos Culturais da Secretaria Regional da Educação e Cultura - Região Autónoma dos Açores - promove o 3.º Concurso Literário, para o qual foram instituídos os seguintes prémios:
 - A) Prémio «Roberto de Mesquita»/500 000\$00 (ensaio no âmbito da literatura);
 - B) Prémio «Luís Ribeiro»/500 000\$00 (ensaio nas áreas não expressas na alínea A);
 - C) Prémio «Vitorino Nemésio»/800 000\$00 (romance);
 - D) Prémio «Nunes da Rosa»/250 000\$00 (novela e/ou colectânea de contos);
 - E) Prémio «Antero de Quental»/250 000\$00 (colectânea de contos);
 - F) Prémio «Armando Cortes-Rodrigues»/250 000\$00 (teatro - texto que permita a realização de um espectáculo).
- 2 - O conteúdo temático das obras é livre para os autores naturais dos Açores e/ou com residência habitual na Região.
- 3 - As obras dos autores não açorianos nem residentes terão de incidir sobre aspectos que reflectam, de qualquer forma, as vertentes culturais da região dos Açores.
- 4 - As obras apresentadas, além de serem inéditas, terão de ser escritas em língua portuguesa, dactilografadas em folhas de formato A4 e a 2 espaços, numeradas e assinadas com o pseudónimo no canto superior direito.
- 5 - Os textos deverão ser enviados, 4 (quatro) exemplares, até ao dia 30 de Junho de 1990, para: Concurso Literário Açores/1990 - Direcção Regional dos Assuntos Culturais - Rua da Sé, n.º 158 - 9700 Angra do Heroísmo - Terceira, Açores.
- 6 - Os originais deverão ser agrafados ou apresentar as folhas presas por qualquer outro sistema que ofereça segurança.
- 7 - Os originais deverão ser acompanhados de um sobreescrito lacrado com a inscrição do título da obra, pseudónimo, modalidade a que concorre, se é de autor açoriano, residente ou não. Dentro virá a identificação completa com o cuidado de juntar documento comprovativo de residência no caso de se tratar de autor residente nos Açores.
- 8 - Só serão abertos os sobrescritos relativos aos originais premiados ou recomendados para publicação.
- 9 - Os prémios serão atribuídos por um júri composto por 3 (três) elementos, a convidar pelo secretário regional da Educação e Cultura. As decisões serão tomadas por unanimidade ou maioria e os membros do júri não podem concorrer.
- 10 - Para além dos prémios mencionados, o júri poderá recomendar para publicação, uma obra dentro de cada uma das modalidades a concurso. Tal publicação ficará, no entanto, dependente das disponibilidades do plano editorial.
- 11 - O júri poderá, igualmente, decidir não atribuir qualquer um dos prémios se considerar que as obras não oferecem a qualidade requerida.
- 12 - As deliberações do júri são definitivas.
- 13 - Os prémios deverão ser revelados até 31 de Agosto de 1990 e a sua entrega será feita com o lançamento das obras premiadas.
- 14 - A Direcção Regional dos Assuntos Culturais reserva-se ao direito de publicar as obras premiadas, entendendo-se que o valor do prémio corresponde aos direitos autorais para a 1.ª edição.
- 15 - As obras indicadas para publicação terão de merecer acordo posterior entre os dois interessados.
- 16 - Após a Direcção Regional dos Assuntos Culturais dar como esgotada a 1.ª edição, o autor poderá negociar outras edições com as editoras que entender.
- 17 - As tiragens em 1.ª edição das obras premiadas são as seguintes: 1800 exemplares/ensaio, romance e novela; 1200 exemplares/colectânea de contos, poesia e teatro.
- 18 - As tiragens em 1.ª edição das obras indicadas para publicação são as seguintes: 1500 exemplares/ensaio, romance e novela; 1000 exemplares/colectânea de contos, poesia e teatro.
- 19 - Os concorrentes poderão levantar os originais até 31 de Janeiro de 1991. A Direcção Regional dos Assuntos Culturais não se responsabiliza pela divulgação dos mesmos.
- 20 - A partir do momento em que entregam os originais, os concorrentes aceitam este regulamento.

ARABESCO



luis manuel garçon

1990

Aldalberto Alves, Assírio & Alvim, 1989.

O nosso mundo tradicional e os valores da cultura genuinamente portuguesa estão seriamente ameaçados pelo impacto dos «pés descalços» do espírito, que nos empurram para o «reino da quantidade» de que fala Guénon. Se o não podemos salvar, conheçamo-lo enquanto é tempo.

Este parágrafo é como que o cartão de visita indicador da profissão de fé do visitante. O visitado, esclarecido na matéria tratada, por maior que seja a sua sábia desconfiança, ao deparar com tal ímpeto de lucidez e de referências, escancara a porta e recebe, no canto mais acolhedor da sua casa, o visitante destinado por decreto divino.

Na verdade, *Arabesco da Música Árabe e da Música Portuguesa*, é um livro fundamentado e fundamental: fundamentado, porque o seu Autor, notável islamólogo, abarca quase tão profundamente o Islame, quanto um muçulmano versado na sua religião; e fundamental porque, além de *abalar ideias tidas como assentes*, consiste em valiosa preservação de algo em que se alicerça a nossa estrutura primordial como povo.

Adalberto Alves não partilha da atitude, muito comum nos orientistas europeus, de manifesto ou disfarçado complexo de superioridade, perante as civilizações estudadas. Muito pelo contrário; e, a prová-lo, o parágrafo inicialmente transcrito, onde a invocação do Sheikh Abdel Wahed Yahia (René Guénon) é, como fiel de balança, a garantia de equilíbrio, do peso certo nos pratos, de quem aprendeu a lição do Mestre e tenta, contra a corrente dominante, exercer justiça. Justiça histórica, que dá o seu a seu dono e estabelece, sem sombra de dúvida, os nexos indispensáveis ao entendimento da cultura europeia em geral, à beira da catástrofe e, em particular, da cultura portuguesa já contagiada pelo caos reinante e igualmente em vias de desagregação.

Arabesco, no seguimento de *O meu coração é árabe*, do qual é complementar, impõe o seu Autor como o mais importante islamólogo lusitano vivo, estudioso por amor e saudade do sangue que, com certeza, lhe corre nas veias, o mesmo sangue com que escreve, aliando, em exactas proporções, a paixão iluminante pelo Islame e o critério científico de uma pesquisa na obscuridade.

O poeta Adalberto Alves procede como um exegeta muçulmano, no desenvolvimento do seu trabalho: parte do conhecimento da música alcorânica (1), pautada pelas sete leituras canó-

nicas; atravessa em lenta meditação as máximas e os episódios marcantes da vida do último Profeta; funda analogias inabaláveis e aprofunda a matéria com a ajuda do consenso de parte de extensa bibliografia, documentação, muita discussão e demonstra que, não só a poesia trovadoresca, a filosofia grega e todas as ciências, com especial destaque para a astronomia, a medicina, a agronomia e a matemática, chegaram ao Ocidente por intermédio do Islame: também a influência da música árabe operou de modo decisivo na evolução ocidental da arte dos sons.

E, no respeitante a Portugal, essa influência foi de primeira grandeza, a ponto de permanecer quotidiana, na forma mais popular em que os portugueses cantam o destino: o fado, que se ouve diariamente pela Lisboa nocturna, deriva, por descendência directa, (eis a conclusão que se tira, depois da leitura atenta da obra de Adalberto Alves), das canções, que os mouros, fixados em Portugal depois da conquista, entoavam nas suas mourarias.

Para quem esteja familiarizado de raiz, simultaneamente, com a cultura islâmica e a cultura portuguesa, a ambas dedicando um constante esforço de compreensão nas suas relações mais íntimas e vasos comunicantes, tal tese nada tem de surpreendente, pois confirma, por temperamento, o povo da beira do Atlântico, como um povo consciente, em fase de ocultação, de um destino a cumprir, a que a saudade dá o impulso redentor.

Bem haja Adalberto Alves por mais este precioso contributo de vida, que, entre outros, muito poucos, possibilitará, no futuro deserto cultural que se avizinha, a manutenção potencial do ressurgimento da nossa identidade étnica e metafísica.

Muhammad Rashid Barahona

(1) Alcorânica e não *corânica*, como grafava Adalberto Alves, que, no entanto, grafava Alcorão e não *Corão*, como erradamente se divulgou a partir do francês; também se deve grafar Muhammad e não *Maomé*, outro lapso do Autor, porque o primeiro termo consiste na transcrição fonética do nome próprio em árabe, ao passo que o segundo transcreve o galicismo do mesmo nome; e, finalmente, por uma questão de rigor não só fonético, mas etimológico e simbólico, a grafia de *Alá*, para o nome de Deus, não obstante conforme o prontuário, não é correcta, devendo substituir-se por *Allah*.